

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia

O envelhecer segundo adolescentes, adultos e idosos usuários
do SESC Maringá: um estudo de Representações Sociais.

Claudia Regina Magnabosco Martins

Florianópolis, fevereiro de 2002

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia

O envelhecer segundo adolescentes, adultos e idosos usuários
do SESC Maringá: um estudo de Representações Sociais.

Claudia Regina Magnabosco Martins

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre em Psicologia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e
Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Brígido Vizeu Camargo

Florianópolis, fevereiro de 2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado

***O ENVELHECER SEGUNDO ADOLESCENTES, ADULTOS E IDOSOS
USUÁRIOS DO SESC MARINGÁ: UM ESTUDO DE
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS***

Cláudia Regina Magnabosco Martins

Dissertação defendida como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, Linha de Organizações Humanas, Trabalho e o Fenômeno das Representações Sociais, da Universidade Federal de Santa Catarina e aprovada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:


Prof.^a Dr.^a Maria Juracy Toneh Siqueira
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Brígido Vizeu Camargo (UFSC)
Orientador


Prof.^a Dr.^a Lúcia Hisako Takase Gonçalves (UFSC)


Prof.^a Dr.^a Clélia Maria Nascimento-Schulze (UFSC)

APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM, 06/02/2002.

Agradecimentos

A *Brígido* por sua orientação, compreensão e apoio.

A *Elcio*, querido companheiro que além do amor, compreensão e carinho, foi quem tornou real para mim a possibilidade de concluir o mestrado.

Ao diretor do SESC Maringá, *Antônio Vieira*, por sua atenção, disponibilidade e esforços para que toda a pesquisa tivesse êxito.

A todos os *funcionários do SESC* que tornaram viável a pesquisa, auxiliando em todos os momentos a sua efetivação. Agradeço de forma especial as funcionárias *Ivone, Albertina e Marlene*.

A todos os *professores das atividades realizadas pelo SESC* que me acolheram em seus momentos de aula e permitiram meu convite às suas turmas.

A todas as *pessoas* que me concederam alguns instantes de sua vida para a realização da pesquisa e, com muita disposição, revelaram suas idéias sobre o envelhecimento, sobre a velhice e o idoso.

A *Altivo e Irma*, pais atenciosos de quem sempre tive apoio e de quem herdei o respeito pela memória e experiência dos mais velhos.

A *Geraldo e Elisa* que sempre me acompanharam com muito carinho.

A minhas grandes amigas *Aneliza, Ana Lúcia, Angela e Juliane*, pessoas especiais que marcam minha vida. Grandes companheiras.

A Capes e a Pró-reitoria de Pós-Graduação pelo apoio financeiro.

Ao Departamento de Psicologia e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

A Universidade Federal de Santa Catarina.

Muito obrigado a todos!
Claudia.

O avô e o neto

*Ao ver o neto a brincar,
Diz o avô, entristecido:
"Ah, quem me dera voltar
A estar assim entretido!*

*"Quem me dera o tempo quando
Castelos assim fazia,
E que os deixava ficando
Às vezes p'ra o outro dia;*

*"E toda a tristeza minha
Era, ao acordar p'ra vê-lo,
Ver que a criada já tinha
Arrumado o meu castelo".*

*Mas o neto não o ouve
Porque está preocupado
Com um engano que houve
No portão para o soldado.*

*E, enquanto o avô cisma, e triste
Lembra a infância que lá vai,
Já mais uma casa existe
Ou mais um castelo cai;*

*E o neto, olhando afinal
E vendo o avô a chorar,
Diz, "Caiu, mas não faz mal:
Torna-se já a arranjar".*

Fernando Pessoa

Resumo

Constantemente indivíduos e grupos buscam compreender e explicar fatos, temas e objetos que os intrigam e lhe são relevantes, formando então representações sociais, ou seja, teorias de senso comum, formas de pensar e explicar a realidade e assuntos sociais que lhes interessam, tendo-os como pauta nas conversações diárias. O envelhecimento populacional atual têm trazido à tona uma série de preocupações e questionamentos, que envolvem não só os idosos mas a população como um todo, constituindo-se um tema relevante a ser representado socialmente. Este estudo foi realizado sob a ótica da Teoria das Representações Sociais e do envelhecimento enquanto processo que se dá ao longo do desenvolvimento do curso de vida dos seres humanos. Buscou-se investigar se havia diferenças no conteúdo das representações sociais do envelhecimento por parte de grupos de indivíduos em diferentes faixas etárias. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semi-estruturada realizada com 71 participantes: adolescentes, adultos e idosos, do sexo feminino e do sexo masculino, usuários do SESC (Serviço Social do Comércio) de Maringá. A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo segundo Bardin e pelo *software* de análise quantitativa de dados textuais denominado ALCESTE. A idade média para se considerar uma pessoa como idosa estabelecida pelos participantes foi de 66,34 anos. A grande maioria dos entrevistados relatou ter proximidade ou contato freqüente com pessoas de faixas etárias diversas da sua. Os três grupos pesquisados apresentaram a mesma representação social de velhice e de idoso, embora alguns de seus aspectos tenham assumido maior ou menor relevância de acordo com o grupo e o sexo dos participantes. A velhice foi representada a partir de aspectos negativos como a degradação física, as doenças, a inatividade e o desânimo. O idoso foi considerado o outro, aquela pessoa mais velha, com dificuldades físicas, doenças, tristeza e solidão. É ainda alguém que se entrega aos sentimentos ruins (depressão, solidão, tristeza, etc.), a doença e a morte. Os aspectos positivos ressaltados predominantemente por adolescentes e adultos, foram a experiência, a sabedoria e o tempo de vida dos idosos. A vivência da velhice e de ser idoso foi definida pelos três grupos, como algo que depende da cabeça e do espírito de cada pessoa, dos sentimentos, pensamentos e comportamentos que nutre por si mesma. Assim, depende do próprio indivíduo estar ou não na velhice, ser ou não um idoso, pois, ao ser ativo, dinâmico e manter o “espírito jovem” o indivíduo se protege de chegar a velhice e de ser considerado idoso.

Abstract

Constantly people and groups look for understanding and explaining facts, themes and objects that intrigue them and are considerable, forming social representations, that is, theories of common sense, ways of thinking and explaining the reality and social subjects that they are interested in, having them as the guide of their daily conversations. The present popularly aging has increased the worry and the questions, that involve not just elderly people, but all the population, establishing an important theme to be represented socially. This study was made according to the point of view of the Theory of Social Representations and of the aging as a process that happens during the development of the course of the life of human beings. It was investigated if there were differences between the contents of the social representations of the aging in the groups of people in different age brackets. The data was collected through a semi-structured interview made with 71 participants, that were teenagers, adults and elderly people, being female and male, and users of SESC (Social Service of Commerce) of Maringá. The analysis of the data was accomplished through the analysis of the contents as stated by Bardin and by software of quantitative analysis of textual data named ALCESTE. The average age established by the participants to consider a person as elderly was 66,34 years old. The majority of the interviewee reported that they have proximity of frequent contact with different age groups. The three groups that were researched presented the same social representation of old age and elderly people, although some of the aspects have assumed bigger or smaller importance according to the group or the sex of the participants. The aging was represented according to negatives aspects as the physical degradation, the illnesses, the inactivity and the discouragement. The elderly was considered the other, that older person with physical difficulties, illnesses, sadness, loneliness. They are still the people that surrender themselves to bad feelings (depression, loneliness, sadness, etc.), the illness and the death. The positive aspects that were predominantly emphasized by teenagers and adults were the experience, wisdom and the time of life of elderly people. The life of old age and being elderly was defined by the three groups as something that depends on the mind and the spirit of each person, of the feelings, thoughts and behaviors that nourish for himself or herself. Thus, it depends on the person herself or himself to be or not to be in old age, to be or not to be elderly, because when the person is active, dynamic and keeps the "young spirit" the person protects himself or herself to get in the old age and to be considered elderly.

Sumário

1 – Introdução	10
2 - Norte Teórico.....	14
2.1 – O Envelhecimento Humano	14
2.2 – Desenvolvimento Humano	34
2.3 – A Teoria das Representações Sociais.....	45
3 – Método.....	64
3.1 – Quanto ao problema de pesquisa	64
3.2 – Quanto aos objetivos de pesquisa	66
3.3 – Quanto aos participantes da pesquisa e local onde foi realizada.....	66
3.3.1 – O Serviço Social do Comércio (SESC) e o SESC Maringá	69
3.3.1.1 – O SESC e os idosos.....	73
3.4 – Quanto aos procedimentos de coleta e análise dos dados	75
4 – Descrição dos Resultados.....	79
4.1 – Resultados da estimação da idade para considerar uma pessoa como idosa	79
4.2 – Descrição dos resultados do <i>corpus</i> “Idoso”	82
4.2.1 – Classe 1.....	83
4.2.2 – Classe 2.....	88
4.2.3 – Classe 3.....	92
4.2.4 – Classe 4.....	98
4.2.5 – Conclusão dos resultados	101
4.3 – Descrição dos resultados do <i>corpus</i> “Velhice”.....	102
4.3.1 – Classe 1.....	103
4.3.2 – Classe 2.....	108
4.3.3 – Classe 3.....	114
4.3.4 – Conclusão dos resultados	117

5 – Discussão dos Resultados.....	119
5.1 – Discussão dos resultados acerca da estimação da idade para considerar uma pessoa como idosa.....	120
5.2 – Discussão dos resultados do <i>corpus</i> “Idoso”.....	122
5.2.1 - Classe 1.....	122
5.2.2 - Classe 2.....	125
5.2.3 - Classe 3.....	128
5.2.4 - Classe 4.....	130
5.2.5 – Conclusão do <i>corpus</i> “Idoso”: a Representação Social do Idoso.....	132
5.3 – Discussão dos resultados do <i>corpus</i> “Velhice”.....	137
5.3.1 – Classe 1.....	137
5.3.2 – Classe 2.....	140
5.3.3 – Classe 3.....	144
5.3.4 – Conclusão do <i>corpus</i> “Velhice”: a Representação Social da Velhice.....	146
6 – Considerações finais e implicações do estudo para intervenções profissionais.....	151
7 – Referências Bibliográficas.....	158
8 – Anexos.....	164
8.1 - Anexo I – Carta de apresentação ao diretor do SESC Maringá.....	164
8.2 - Anexo II – Protocolo de Pesquisa.....	165
8.3 - Anexo III – Carta de apresentação diretor regional do SESC Paraná...	167
8.4 - Anexo IV – Roteiro de entrevista.....	169

1 - Introdução

Envelhecer... tornar-se velho... Envelhecer é um verbo que indica ação, movimento... movimento do tempo... Entretanto, não percebemos esse movimento, só enxergamos o velho, aquele que carrega suas marcas. Envelhecimento é o ato ou efeito de envelhecer, ou seja, diz respeito a pessoa se encontrar velha, idosa, mas diz respeito também ao processo de envelhecer. É essencialmente disto que tratamos neste estudo: do envelhecimento enquanto processo que se dá ao longo do curso de vida do ser humano. Viver é um pouco envelhecer e um pouco morrer... as mudanças que ocorrem ao longo do desenvolvimento dos indivíduos, vem dar o tom desse caminhar que é o envelhecimento de cada um de nós.

Considerando a velhice como o resultado do envelhecimento, pessoas de diferentes idades teriam concepções também diversas do envelhecimento, da velhice e do idoso diante da proximidade ou não de sua própria velhice? Isto nos intrigava, assim como nos questionávamos se essas mesmas pessoas estariam percebendo seu envelhecimento e o movimento do tempo e modelando suas vidas diante dessa compreensão. Os estudos sobre o tema têm se centrado nas idéias e conceitos que os idosos ou pessoas próximas da velhice, possuem sobre a velhice e o idoso. Realizamos uma pesquisa com idosos, adolescentes e adultos, justamente para captar se haviam diferenças na maneira como cada grupo percebia esses temas.

Têm-se constatado ainda que, diante do aumento da população idosa, cresceu a oferta de livros, manuais, revistas, artigos, etc., não só no meio científico mas para a população como um todo, de explicações, pensamentos e conselhos sobre como se deve viver na velhice e como ser idoso atualmente. Ao se falar tanto do que pouco se conhece, fala-se muitas vezes, de forma precária. Mas o que quero salientar aqui, é que pouco se fala do envelhecer, do caminhar do ser humano que conduz ao envelhecimento no seu nível mais avançado, a velhice. Pouco se escuta sobre o fato de que todos envelhecemos e o fazemos a todo o momento, que aquele idoso ou idosa, está apenas mais envelhecido do que outras pessoas. Mesmo em textos científicos, há muitas confusões entre os termos envelhecimento, velhice e idoso. Ocorre uma certa equiparação dos pesquisadores entre os dois primeiros termos. Ao longo desta dissertação, buscamos realizar esta distinção.

Estamos vivendo um período muito importante na história da humanidade, em que o mundo inteiro constata um envelhecimento populacional, uma conquista do

século XX dada pelos avanços na ciência e saúde pública, que permitiram a possibilidade de se ter uma expectativa de vida maior e acessível a grande parte da população. No Brasil, a faixa etária dos 60 anos ou mais (faixa etária em que as pessoas são consideradas idosas no país) é a que mais cresce em proporção, configurando o crescimento mais acelerado do mundo. Segundo projeções estatísticas da Organização Mundial de Saúde, no período que vai de 1950 a 2025, a população de idosos no Brasil crescerá cerca de 15 vezes contra 5 vezes da população total, chegando ao número de 32 milhões de pessoas com 60 anos ou mais em 2025, constituindo-se então, na sexta maior população de idosos do mundo (Silvestre, Kalache, Ramos e Veras, 1996; Ministério da Saúde, 1999).

Ao se pensar nos dados demográficos apresentados, haverá cada vez mais possibilidades de que pessoas em diferentes idades convivam cotidianamente na mesma moradia, em suas famílias ou em seus relacionamentos mais próximos. Diante do panorama do envelhecimento populacional do Brasil e da provável convivência de pessoas em diferentes faixas etárias com pessoas idosas, emergem várias questões de âmbito individual, social e econômico. No âmbito individual trazemos como exemplos de possíveis indagações de indivíduos idosos ou não: como se dará a vivência subjetiva do envelhecimento, as mudanças corporais, a possibilidade da aposentadoria, a organização do tempo sem o trabalho, bem como dos momentos com cônjuge, família e amigos. No âmbito social pode-se pensar questões quanto a convivência e reação dos indivíduos e grupos perante o fenômeno do envelhecimento e a pessoa idosa. Por fim, diante do envelhecimento populacional, coloca-se questões econômicas quanto a sobrevivência do contingente de idosos, quanto a subsídios financeiros para garantir uma vida digna e saudável e como gerir custos com as políticas públicas dos sistemas de seguridade social (Previdência Social), de saúde, de educação, de moradia, de elaboração e execução de políticas públicas de atenção e cuidados aos idosos e às pessoas que se dedicam a eles, e como organizar a necessária formação de recursos humanos e oferta de oportunidades educacionais e ocupacionais para o idoso e pessoas de meia idade.

Justificar um estudo como este apenas pelos dados demográficos que demonstram o crescimento do número relativo e absoluto de idosos no Brasil e no mundo, é apenas uma das formas de dizer o quanto esse tema é importante para a humanidade. Importante no nível individual, na medida em que cada pessoa experencia o envelhecimento de forma diferente e vive concretamente todas as mudanças que

provoca; em termos sociais, pelas necessidades que vão sendo criadas e pelos remanejamentos sociais e grupais que vão sendo construídos diante do relacionamento de grupos em diferentes faixas etárias; e em se pensando na humanidade como um todo, o fenômeno do envelhecimento populacional se enche de importância, pois traz em seu bojo a revisão e o questionamento daquilo que queremos e estamos construindo enquanto humanidade, para nós mesmos, os seres humanos.

Constantemente, os grupos estão construindo representações sociais, ou seja, formas de pensar e explicar a realidade e assuntos sociais que lhes interessam, tendo-os como pauta em suas conversações diárias. Ao estarem próximas da velhice ou serem consideradas idosas, os temas relacionados a velhice começam a se tornar assuntos sociais mais relevantes que precisam ser explicados e repensados pelos grupos. Entretanto, considerando-se o que já foi apresentado, o envelhecimento e a velhice, também são assuntos presentes em grupos de outras faixas etárias que não as de pessoas idosas, sem que no entanto, ocupem tamanha relevância e presença quanto para aqueles que estão próximos à velhice. Enfim, o envelhecimento é um fenômeno que interessa a todos, tem dimensão mundial e nacional, e é evidenciado a todo o momento pela mídia e no cotidiano.

A Teoria das Representações Sociais possibilita um diagnóstico de formas de perceber a realidade compartilhadas pelos grupos, fornecendo subsídios para organizar atuações profissionais. A presente pesquisa focaliza o estudo das representações sociais do envelhecimento, representações estas que permitem identificar formas de pensar e atuar dos grupos, frente a realidade do envelhecer e como os grupos estão construindo e entendendo o envelhecimento, auxiliando no desenvolvimento de teorias do tema, bem como contribuir com os conhecimentos já existentes.

O estudo tanto da Teoria das Representações Sociais quanto do fenômeno das representações sociais do envelhecimento, velhice e idoso segundo grupos de indivíduos adolescentes, adultos e idosos, permite-nos considerar e valorizar as concepções, explicações e teorias que os grupos possuem acerca destes temas, não só no ouvir suas explicações e descrevê-las, mas em observá-las na elaboração e efetivação de práticas profissionais direcionadas não só aos idosos, mas a outras faixas etárias, criando serviços que levem em conta essa compreensão do envelhecimento enquanto processo e assim atender a população que está envelhecendo. O fenômeno das representações sociais, permite aos grupos a participação efetiva na elaboração de novos valores e condutas do viver humano e do envelhecer, ou seja, de sua existência. Pesquisar e

compreender as Representações sociais, conhecer os conteúdos que as revestem e o que indicam em termos de atitudes e orientação de condutas, é essencial para as práticas profissionais dirigidas aos grupos. Quem sabe se futuramente teremos novas representações sociais porque também estaremos vivendo outra forma de envelhecer?

O presente estudo trata de todas essas questões de forma mais profunda em toda sua extensão, traçando o caminho de toda a pesquisa que ora se apresenta, pautada nos questionamentos e preocupações já apontadas. Procurou-se através dos capítulos apresentados a seguir, mostrar, primeiramente, o norte teórico utilizado, iniciando pela caracterização do envelhecimento humano, assim como a contextualização do envelhecimento populacional atual, passando para o desenvolvimento humano, dentro do recorte teórico feito nas fases da adolescência, idade adulta e velhice e por fim a Teoria das Representações Sociais, que ofereceu as bases para a compreensão do fenômeno das representações sociais do envelhecimento, velhice e idoso. No capítulo posterior, descreveu-se o método utilizado para a pesquisa, assim como a caracterização do local e participantes da mesma. Segue-se então, a descrição e a análise dos dados coletados sob a luz do norte teórico já citado e as conclusões acerca do estudo e considerações finais.

Esperamos que, além de mais um estudo e de mais uma dissertação de conclusão de mestrado, possamos ter contribuído para reflexões que envolvam o repensar do envelhecer humano.

2 – Norte Teórico

Neste capítulo são apresentadas as bases conceituais sobre o envelhecimento e o desenvolvimento humano e a Teoria das Representações Sociais, que nos deram os referenciais necessários para a realização da pesquisa que ora se apresenta.

2.1 - O Envelhecimento Humano

*... A vida leva e traz,
A vida faz e refaz,
Será que quer achar,
Sua expressão mais simples...*

(José Miguel Wisnick “Mais simples”)

Vivemos uma época em que são muitos os avanços tecnológicos e científicos acerca do conhecimento da constituição e funcionamento do ser humano. Tanto a ciência como a população buscam estratégias para melhorar e aumentar a qualidade e a expectativa de vida dos homens. Com a diminuição da taxa de fecundidade, a redução da mortalidade e ao mesmo tempo o aumento da esperança de vida ao nascer, houve um crescimento absoluto e relativo do contingente de idosos no Brasil (pessoas com 60 anos de idade ou mais), fenômeno chamado de envelhecimento populacional, conquistado pelos avanços da ciência e saúde pública em todo o mundo (Beltrão e Camarano, 1997; Berquó, 1999). O envelhecimento populacional vivido atualmente é uma conquista desse século na medida em que permitiu a possibilidade de se ter uma expectativa de vida maior e acessível a grande parte da população.

Nos países desenvolvidos a taxa de mortalidade diminuiu entre os anos de 1900 e 1950, em função da elevação do nível de vida conquistado através da urbanização adequada das cidades, das melhorias das condições sanitárias e ambientais, da elevação dos níveis de higiene pessoal e da melhoria nutricional na alimentação da população. Já nos países menos desenvolvidos, dentre eles o Brasil, essa diminuição se deu devido as grandes conquistas tecnológicas da medicina moderna em meados do século passado

como assepsia, vacinas, antibióticos, quimioterápicos e exames complementares de diagnóstico, dentre outros, que possibilitaram meios importantes para prevenir e curar doenças fatais do passado (Silvestre, Kalache, Ramos e Veras, 1996; Ministério da Saúde, 1999).

No Brasil, o envelhecimento populacional é um fenômeno urbano, resultado do movimento de migração iniciado a partir da década de 60, em que motivados pela industrialização e pelas políticas desenvolvimentistas, as pessoas iam da zona rural para as cidades, em busca de melhores empregos, salários e condições de vida. Foi necessário criar serviços para atender a população e foi possível então, ter acesso a serviços de saúde e saneamento, colaborando com a queda nas taxas de mortalidade, e ter acesso a programas de planejamento familiar e métodos anticoncepcionais, diminuindo as taxas de fecundidade (Silvestre, Kalache, Ramos & Veras, 1996; Ministério da Saúde, 1999). Também a partir da década de 60, a faixa etária de 60 anos ou mais, é a que mais cresce no Brasil em proporção as outras faixas etárias. Esse crescimento é o mais acelerado do mundo, ao contrário dos países desenvolvidos em que o envelhecimento de sua população foi ocorrendo de forma gradual (Silvestre, Kalache, Ramos e Veras, 1996; Beltrão e Camarano, 1997; Ministério da Saúde, 1999; Berquó, 1999).

O envelhecimento se apresenta na atualidade, como um tema de interesse e necessidade de pesquisa e elaboração/execução de políticas públicas, já que é um fenômeno mundial relativamente novo (Baltes, 1995; Neri 1995; Neri e Cachione, 1999; Ministério da Saúde, 1999). A velhice é o período etário menos desenvolvido e pouco conhecido científica e socialmente (cerca de 50 anos) e, por sua vez, as populações mais envelhecidas são recentes na evolução humana (Baltes, 1995; Berquó, 1999). A gerontologia (estudo do envelhecimento) é uma ciência recente e assim há muito o que pesquisar para se ter um nível de conhecimento consistente rumo ao entendimento da vivência do envelhecimento (Baltes, 1995).

A gerontologia congrega uma série de disciplinas, áreas de atuação e prestação de serviços. Uma dessas disciplinas é a psicologia do envelhecimento que é "*... a área que se dedica à investigação das alterações comportamentais que acompanham o gradual declínio na funcionalidade dos vários domínios do comportamento psicológico nos anos mais avançados da vida adulta.*" Neri (1995:13).

O conceito de envelhecimento mais corrente hoje na psicologia, é o de curso de vida ou *life span*, desenvolvido na década de 70, no qual o envelhecer faz parte do curso

de vida dos indivíduos e é composto simultaneamente de ganhos e perdas. O desenvolvimento humano se dá do nascimento até a morte, ocorrendo em múltiplas direções e funções do organismo e é influenciado pelo contexto em que se encontra o indivíduo. Por exemplo: as pessoas mais envelhecidas, ou seja, os idosos, enfrentam as dificuldades inerentes às perdas que o envelhecimento acarreta, mas possuem potenciais para mudança e reservas inexploradas de energia para atividades que lhes sejam úteis e agradáveis (Baltes, 1995; Neri, 1993 e 1995; Guimarães 1997; Neri e Cachione, 1999).

“... uma psicologia do envelhecimento que inclua em sua pauta a preocupação com o potencial da velhice não pode ignorar as questões associadas com a parte final da vida: finitude, afastamento e morte. Essas duas questões, a do potencial e a das limitações da velhice, representam o desafio por excelência de uma psicologia do envelhecimento.” (Baltes, 1995:12)

Vejamos com mais detalhes as principais proposições teóricas da perspectiva do curso de vida para o desenvolvimento, apresentadas por Neri (1993 e 1995) e Guimarães (1997). O desenvolvimento ontogenético envolve a série de transformações originadas no nascimento e modificações que se iniciam em outros momentos do ciclo de vida, ocorrendo durante todo o curso de vida. Sendo assim, o desenvolvimento não fica regulado ou restrito a um período em particular do curso de vida. O declínio e crescimento de algum aspecto do desenvolvimento também não são estanques, pois estes aspectos se dão em ritmos diferentes em um mesmo período, influenciados pelas mudanças ontogenéticas, que por sua vez, provocam declínio em um aspecto do desenvolvimento e crescimento em outro.

Na perspectiva do curso de vida ocorre no desenvolvimento humano uma constante mudança adaptativa e um equilíbrio entre ganhos e perdas, sendo que as perdas aumentam com o envelhecimento. Há variedade intra-individual no desenvolvimento e em suas potencialidades e limites para diferentes formas de comportamento e desenvolvimento dos indivíduos, variedade esta, afetada também pelas condições histórico-culturais do contexto no qual vivem o indivíduo e o grupo etário a que pertence (Neri, 1993 e 1995; Guimarães, 1997).

Os cursos de vida individuais são resultado da interação dialética entre três sistemas de influência: normativas ligadas à graduação por idade; normativas ligadas a graduação por história; e não-normativas. A influência ligada a graduação por idade, corresponde aos determinantes biológicos e ambientais do desenvolvimento que tem

alta correlação com a idade cronológica, como os processos de maturação biológica e socialização, que se ligam a aquisições de papéis e competências associadas a idade. A influência ligada a graduação por história tem um alcance genérico e é experienciada de forma mais ou menos uniforme por uma cultura, grupo etário ou geração, dadas por eventos como guerras, crises econômicas, migrações, alterações educacionais, epidemias etc.. A influência não-normativa tem caráter biológico ou ambiental, mas não é universal e previsível em sua época, ritmo ou seqüência (talvez por isso tendem a ser vivenciados como crises), mas que são significativos para os indivíduos em particular como perda de emprego, acidentes, divórcio, adoecimento, perda de pessoa próxima, etc. (Neri, 1993 e 1995; Guimarães, 1997).

A idéia de curso de vida comporta variabilidade intra-individual e interindividual, já que as três classes de influência (normativas ligadas a graduação por idade e por história e não-normativa) interagem, mudam ao longo do tempo e tem efeito acumulativo que podem diferenciar de pessoa a pessoa. O desenvolvimento se dá em mudanças multilíneas e descontínuas (Baltes, 1995; Neri, 1995). Assim, nem todas as mudanças no desenvolvimento são ligadas a idade, iniciando em diversas épocas da vida humana, diferenciando-se em duração, término e direção. Por exemplo, Neri (1995:31) coloca que *“... a aquisição, a manutenção, o aperfeiçoamento e a extinção dos comportamentos sociais e cognitivos são processos que podem originar-se tanto na infância inicial, como na vida adulta e na velhice.”*

As influências normativas e as não-normativas, tem efeitos independentes e interativos. As normativas graduadas por idade, atuam mais no início da infância, perdendo impacto na adolescência e voltando a ter mais peso na determinação das mudanças típicas da velhice. As influências mais sociais graduadas por idade tem importância crescente na infância, quando se dá o processo de socialização. Já as influências não-normativas afetam de forma constante o curso de vida, tendo impacto regular e relativamente aumentado na medida em que o indivíduo se desenvolve (Neri, 1993 e 1995). As mudanças etárias compoem então, uma das várias classes de mudanças ontogenéticas de natureza biológica e histórica a ser pesquisada.

“Aceita-se que, com o envelhecimento, aumenta a complexidade dos processos de desenvolvimento, tornam-se mais marcantes as diferenças interindividuais e ficam mais niveladas as diferenças intraindividuais, graças principalmente à influência dos eventos não-normativos. Ocorreria também um aumento da descontinuidade no

desenvolvimento, na medida em que os diferentes domínios das capacidades podem desenvolver-se em ritmos, épocas e direções diferentes.” (Neri, 1995: 32)

Utilizando-se desse conceito e, na tentativa de compreender e utilizar os múltiplos estudos e abordagens sobre o envelhecimento, Baltes desenvolveu a Teoria do Envelhecimento Bem Sucedido, de cunho psicológico, que será apresentada no tópico de desenvolvimento humano.

Concomitantemente ao desenvolvimento individual ocorre o desenvolvimento familiar (contexto primário do desenvolvimento humano) que, ao se estruturar em ciclos, influencia o curso de vida das pessoas e possivelmente na qualidade de seu envelhecimento. Fatos como diminuição no índice de natalidade, aumento da expectativa de vida, mudança na participação da mulher na sociedade e o crescente número de divórcios e recasamentos, colaboram para mudanças nos ciclos de desenvolvimento familiar, que não mais ocorrem de maneira uniforme e previsível para todas as famílias. Por exemplo, atualmente, a criação dos filhos já não é mais a atividade principal e não leva mais todo o período da vida ativa dos indivíduos como outrora, impondo um remanejamento do tempo pessoal ou do casal (Carter, McGoldrick, 1995).

Para Carter e McGoldrick (1995) as mudanças acima citadas geraram condições em que o desenvolvimento familiar não pode mais ser pensado apenas em termos do relacionamento restrito a membros de uma estrutura doméstica ou nuclear, mas sim em termos de relacionamento intergeracional na família. Têm-se três ou quatro gerações de indivíduos tentando acomodar-se simultaneamente às transições do ciclo de vida. Ocorre então uma mistura de gerações e os eventos em um determinado nível terão efeitos nos relacionamentos em cada um dos outros níveis.

“Enquanto uma geração está indo para uma idade mais avançada, a próxima está lutando com o ninho vazio, a terceira com sua idade adulta jovem, estabelecendo carreiras e relacionamentos íntimos adultos com seus iguais e tendo filhos, e a quarta está sendo introduzida no sistema.” (Carter, McGoldrick, 1995:11)

Como apontou Debert (1999a), pela primeira vez na história da humanidade o casal contará com mais parentes idosos do que filhos jovens. Várias pesquisas apontam para a importância da vivência e apoio familiar durante o envelhecimento (Guimarães, 1997; Teixeira, 1999; Neri, 1995; Deps, 1993; Santos, 1996). Devido a essas mudanças

cotidianas nos relacionamentos, não há como estabelecer rigidamente padrões de normalidade na vivência dos ciclos familiares, mas é possível considerar alguns eventos como decisivos para a constituição familiar. Vejamos quais são eles:

- Lançamento do jovem adulto solteiro - se dá quando o jovem sai de casa e precisa conviver com a responsabilidade emocional e financeira de si mesmo e começa a estabelecer relacionamentos íntimos com outros adultos (Aylmer, 1995).
- União das famílias através do casamento: o novo casal - se dá pela formação de um sistema marital e pelo qual é necessário fazer um reajustamento na vida individual, com a família ampliada (a de origem do casal) e com os amigos, para incluir o cônjuge (McGoldrick, 1995).
- Tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos – o desafio nesse ciclo é a aceitação e a adequação da família aos novos membros, exigindo ajustamentos do relacionamento do casal e da família ampliada ao incluir os papéis de pais e avós, bem como a inclusão no cotidiano de tarefas financeiras, domésticas e educacionais necessárias a criação do novo membro da família (Bradt, 1995).
- Transformação do sistema familiar na adolescência - neste ciclo há uma preparação da família para que o adolescente ingresse no mundo das responsabilidades e dos compromissos adultos, aumentando sua independência. Muitas vezes coincide com a entrada dos pais na meia idade e dos avós na velhice, necessitando de mais cuidados e apoio (Preto, 1995).
- Famílias no meio da vida: Lançando os filhos e seguindo em frente – época em que ocorrem saídas e entradas de membros na família. Lança-se os adultos para suas vidas e entram no relacionamento familiar seus cônjuges e filhos o que, muitas vezes vem de encontro com o período em que os avós estão adoecendo ou morrendo. O casal precisa repensar seu relacionamento sem os filhos (ninho vazio) e as atividades da vida que lhes serão mais significativas (McCullough e Rutenberg, 1995).
- Famílias no estágio tardio da vida – as mudanças dos papéis geracionais são a principal temática desse ciclo. É necessário apoiar um papel mais central da geração do meio na família e que esta abra espaço para a sabedoria e experiência dos idosos, permitindo sua participação ativa. É uma fase em que

os declínios físicos estão mais presentes e é necessário manter o funcionamento e os interesses tanto individuais quanto do casal. Outra peculiaridade deste ciclo é a de lidar com a perda do cônjuge, amigos e parentes e se preparar para a própria morte (Walsh, 1995).

- Mais recentemente o divórcio e o recasamento têm se apresentado como variações do ciclo de vida familiar, que causam certa interrupção, deslocamento e readequação do conjunto de ciclos de vida familiar citados acima (Carter e McGoldrick, 1995).

Questionando o uso do conceito do curso de vida, Debert (1995) chama a atenção para o risco de que com o discurso subjacente a este conceito se tenha uma visão de velhice sem perdas e uma visão de que o sucesso do envelhecimento depende do indivíduo, família ou gerações, corroborando com o discurso do Estado de culpar e responsabilizar o indivíduo sobre sua velhice, sem se comprometer com políticas públicas de atendimento a população mais idosa. Já o Ministério da Saúde (1999) explora a idéia de que o idoso tem capacidade de manter as habilidades físicas e mentais para ter uma vida independente e autônoma e o apoio informal e familiar constitui-se em um dos aspectos fundamentais no atendimento da população idosa, sem que no entanto, o Estado deixe de ser responsável e se comprometer quanto a promoção, proteção e recuperação da saúde do idoso nos níveis de atendimento de que dispõe. Essa discussão nos faz pensar que, o envelhecimento satisfatório, nas palavras de Neri (1993:9) “... *não é atributo do indivíduo biológico, psicológico ou social, mas resulta da qualidade da interação entre pessoas em mudança, vivendo em uma sociedade em mudanças...*”.

A compreensão do processo de envelhecimento passa, além das particularidades dos indivíduos no desenvolvimento de seu curso de vida e da família, pelos aspectos compartilhados por todos os seres humanos de dada cultura, sociedade e momento histórico (como os valores e normas sociais). Temas como o trabalho e a produtividade, o tempo vivido, o corpo envelhecido, o adoecer e a morte, bem como a qualidade de vida, estão estreitamente ligados ao processo do envelhecimento. A seguir esses temas serão melhor explicitados.

Inserido no contexto da sociedade capitalista, encontramos o idoso com um *status*, ou seja, com uma posição social afetada pela crescente urbanização ou modernização das sociedades, devido o avanço do modo de produção capitalista.

Priorizando a produção e o consumo, o capitalismo destina o idoso ao isolamento e a anulação social, que por ocasião da aposentadoria deixa de vender sua força de trabalho, deixa de produzir. Entretanto, a situação era diferente em outras épocas e sociedades, citadas por Neri (1991) e Beauvoir (1990) nas quais os idosos eram valorizados por sua raridade na população e pela sabedoria e experiência que detinham.

“A transição de uma economia essencialmente agrícola para a industrializada coincide com a introdução de novas tecnologias e a especialização do conhecimento e da produtividade. Esse conjunto de mudanças determina o rebaixamento do status do velho, cujas habilidades e conhecimento passam a ter menor valor no mercado de trabalho.” (Neri 1991:37-38).

Vivemos em uma sociedade que cultua o novo, o prático e segundo Simone de Beauvoir (1990) *“... as pessoas idosas tem muita dificuldade de se adaptar às situações novas, elas reorganizam facilmente coisas conhecidas, mas resistem às mudanças”*. Diversas pesquisas citadas por Neri (1993), concluíram que há falhas nas tomadas de decisões e de reações dos idosos, carecendo de mais tempo para estas atividades que os jovens. As pesquisas também constataram uma maior lentidão nos movimentos, diminuição na força muscular estática e dinâmica, diminuição na coordenação fina em consequência do envelhecimento, o que lhes causam grande desvantagem ao competir com os jovens (e com máquinas), no mercado de trabalho, pois as sociedades modernas privilegiam o imediatismo, a praticidade, a produção acelerada. Pesquisas recentes apontam para o fato de que os idosos possuem potenciais para mudança e reservas inexploradas de energia para atividades que lhes sejam úteis e agradáveis e que as mesmas atividades realizadas pelos jovens são realizadas pelos idosos, mas por meio de diferentes estratégias (Baltes, 1995; Neri, 1993 e 1995; Guimarães, 1997; Neri e Cachione, 1999). Entretanto a situação descrita acima parece ainda prevalecer na concepção de velhice e do idoso na população e no mercado de trabalho. Como coloca Beauvoir (1990: 13) *“No mundo capitalista, o interesse a longo prazo não conta mais (...) A economia é baseada no lucro, é a este, na prática, a que toda a civilização está subordinada: o material humano só interessa enquanto produz. Depois, é jogado fora.”*

Browh (1976), diz que o capitalismo usa como princípios a competição e o individualismo. Todos os homens devem ser livres para competir, e somente aqueles que forem mais aptos sobrevivem no trabalho. Assim, cada homem procura garantir seu lugar, não muito seguro, nesse modo de produção, vendo o outro como um inimigo. Isso

contribui para que cada indivíduo se isole em si mesmo, separando-se e distanciando-se de seu semelhante. Esse tipo de organização da sociedade pode estar precipitando ou favorecendo que o indivíduo crie um mundo próprio, em que acredita bastar-se a si mesmo e no qual suas ações se dirigem para sanar suas necessidades. Para Bosi (1999) a idade engendra desvalorização pois a racionalização do trabalho exige cadências cada vez mais rápidas e elimina da indústria os velhos operários, que, diante da menor produtividade ou da necessidade de cortes de gastos e de pessoal, são os primeiros a serem dispensados. O desemprego e as dificuldades econômicas são crescentes e de ordem mundial, trazendo sérias dificuldades a todos os trabalhadores (Brêtas, 1999), mas agrava-se entre os mais velhos, pois ao serem demitidos em torno dos 40 e 45 anos, não conseguem mais se inserir no mercado de trabalho, comprometendo sua sobrevivência.

Numa sociedade em que o valor da vida humana equipara-se ao valor de sua força de trabalho, e que este trabalho humano é transformado em lucro para uma minoria (classe dominante), o homem torna-se nada mais que uma mercadoria, com seu valor de uso, valor de troca... e, finalmente, destituído de valor quando não tem mais nada para vender. As sociedades capitalistas supervalorizam o trabalho na vida das pessoas e quando este deixa de fazer parte do seu cotidiano, seja pela aposentadoria ou pelo desemprego, o indivíduo não se sente mais homem e por vezes adoece caso não tenha habilidade e condições individuais, sociais e econômicas necessárias para incorporar e priorizar outras atividades e valores em sua vida (Brêtas, 1999).

“Ao aposentado, causa desespero a falta de sentido de sua vida mas isto se explica pelo fato de ter sido sempre roubado o sentido de sua existência (...). Ao livrar-se dos constrangimentos de sua profissão, só se vê um deserto a seu redor, não lhe foi concedido a oportunidade de se empenhar em projetos que lhe teriam povoado o universo de objetivos, valores e razões de ser.” (Beauvoir, 1990: 301)

É seguindo a lógica do sistema capitalista de produção, que podemos perceber as contradições que nele existe, e como isto se reflete nas relações humanas, pois o homem cria sua realidade, seu mundo, seu sistema de relações a partir apenas do que tem valor material, comercial ou de uso e não pelo valor humano. Assim, o homem criou um mundo que não tem lugar para o próprio homem:

“É o sentido que os homens conferem à sua existência, é seu sistema global de valores que define o sentido e o valor da velhice. Inversamente: através da maneira pela qual

uma sociedade se comporta com seus velhos, ela desvela sem equívoco a verdade - muitas vezes cuidadosamente mascarada - de seus princípios e de seus fins.” (Beauvoir, 1990:108).

A forma como o sistema capitalista de produção está organizado, desencadeia o fenômeno da desvalorização do idoso, não só pela não produtividade, como também, por este não se encaixar dentro de um padrão estético, ou melhor, de um ideal de corpo. Codo & Senne (1993) fazem referências à intensa onda de exaltação ao corpo na sociedade atual, em que a necessidade de alcançar a perfeição através do corpo, leva o homem a aderir a uma nova prática religiosa: a “corpo(latria)”, na qual seus mandamentos se baseiam na busca do prazer em si mesmo, ou melhor, em seu próprio corpo. A proliferação de academias de ginástica, de dietas milagrosas, refletem a nova imagem do homem contemporâneo: o homem belo, fisicamente perfeito. O corpo ganha ênfase nas relações humanas, ganha *status*, é atributo de poder.

Antes do advento do capitalismo como artesão, o homem criava sua individualidade a partir de seu trabalho e a refletia em seu produto, pois detinha não só os instrumentos de trabalho como também a liberdade de produzir e em consequência, a liberdade em exprimir sua individualidade (Browh, 1979). Com a chegada do capitalismo e a expropriação de seu trabalho, o homem, agora operário, não é mais o dono de sua produção e aliena-se de sua individualidade. Alienação que também é compartilhada pelo homem capitalista, o burguês, que como dono da produção também perde sua individualidade, pois não produz, apenas obtém o trabalho alheio.

Para Codo e Senne (1993) o homem reencontrou sua individualidade no corpo e essa preocupação demasiada pelo corpo que vem marcando o nosso dia a dia, é para os autores, *” uma luta pela reapropriação de si mesmo, um protesto contra o caráter alienante do trabalho”*. Entretanto, nessa luta, o homem mergulha cada vez mais dentro da alienação pois ao investir em seu corpo, aliena-se do que não é seu corpo, entra em um processo narcísico desenfreado que consiste em tomar seu próprio corpo como centro de sua atenção e investimento, como única forma de obtenção de realização e prazer, direcionado apenas para a satisfação de suas próprias necessidades. Para Codo e Senne (1993) este narcisismo, considerado doença, transforma-se em ideologia, distorcendo a realidade:

“Se o homem carrega uma representação de si, se o trabalho alienado rouba também essa representação, o indivíduo só encontra espaço no espelho, movimentando o biceps

ou os quadris. O projeto é cristalino: urge recompor o Eu perdido, o sujeito descarnado (...). É por isso que se diz comumente, que essas atividades [em academias de ginástica] são uma compensação à vida que levamos. Compensam em duplo sentido: elas se apresentam como o avesso do trabalho e como outra alienação.” (Codo & Senne, 1993:75-76).

E o corpo idoso? Como se percebe um indivíduo que não tem mais (caso seja aposentado) o trabalho formal em seu cotidiano e seu corpo não mais condiz com um padrão corporal do qual imbuímos nossa individualidade? Nas palavras de Simões (1994: 73):

“O idoso, cujo corpo não se inclui mais nesse padrão, tem seus anseios amulados, gerando a sensação de impotência enquanto organismo ativo na sociedade. Ele acaba adquirindo um sentimento de incapacidade e aversão ao próprio corpo, uma vez que esse corpo não é encarado como fonte de um processo natural de envelhecimento, como uma fonte de prazer, como uma parte viva e atuante que lhe completa e possibilita sua ação no âmbito social.”

Beauvoir (1990), ressalta que a deterioração física na velhice leva a um rebaixamento da moral do idoso, e mais ainda, a um sentimento de inadequação de si mesmo, pois sendo o corpo jovem e perfeito o alvo de toda a busca da individualidade e de prazer humanos e estando o homem alienado de tudo que não representa prazer a si, ao perder o corpo jovem o homem idoso fatalmente não se reconhecerá como homem. A própria velhice é encarada como algo não humano já que para o homem atual, só interessa a si mesmo e seu reflexo: o belo. O velho não é belo, não é perfeito, não é protótipo de homem. *“A velhice é, então, sentida - mesmo sem acidente patológico - como uma espécie de doença mental em que se conhece a angústia de escapar de si mesmo.”* (Beauvoir, 1990:387).

Para Morin (1987), o presente tornou-se um “quadro absoluto de referência” para a sociedade desde as décadas de 50 e 60, que assumiu as constantes e intensas transformações como forma de vida e a juventude como algo a ser conquistado a todo custo por todas as pessoas. Já em 1962, Morin (1987) alertava para o fato de que a experiência e a sabedoria acumuladas, não eram mais essenciais em um mundo e em uma sociedade em rápida evolução, civilização e transformação acelerada, mas sim uma impetuosidade, uma adesão ao movimento, a mudança, renegando o anacronismo e a lentidão, consideradas próprias dos mais velhos. Houve, segundo o autor, nas décadas

de 50 e 60, um movimento social de assumir como valores o amor, o jogo e o presente, ocorrendo um rejuvenescimento de cargos de poder e a promoção social dos jovens. As famílias se transformaram e os pais não representavam mais a autoridade anterior em que organizavam as balizas da vida dos jovens, seja pela imposição de limites, seja pela afetuosidade ou por elementos para a identificação dos jovens para com seus pais. Os pais deixaram de serem tidos como modelos. O velho sábio se tornou apenas um aposentado ultrapassado. Promoveu-se a juventude e o rejuvenescimento a qualquer custo, criando-se então, uma grande indústria que oferece serviços e produtos que camuflam ou até reparam os efeitos dos anos de envelhecimento, que acabam por serem admitidos somente cronologicamente, sem que se envelheça física e psicologicamente, possibilitando a eterna juventude das pessoas. Segundo o autor, essa forma de encarar a vida não nos permite assumir a natureza transitória e evolutiva do ser humano. Vejamos a citação abaixo sobre a juventude como valor da sociedade e o envelhecer:

“O novo modelo é o homem em busca de sua auto-realização, através do amor, do bem-estar, da vida privada. É o homem e a mulher que não querem envelhecer, que querem ficar sempre jovens para sempre se amarem e sempre desfrutarem do presente. Igualmente, o tema da juventude não concerne apenas aos jovens, mas também aqueles que envelhecem. Estes não se preparam para a senescência, pelo contrário, lutam para permanecerem jovens.” (Morin, 1987: 152)

Apesar da velhice ser um fato previsto, presente e inerente à vida do ser humano, ele a vê como algo perturbador e indesejável. *“... Para cada indivíduo, a velhice acarreta uma degradação que ele teme. Ela contradiz o ideal viril ou feminino adotado pelos jovens e pelos adultos. A atitude espontânea é a de recusá-la, uma vez que se define pela impotência, pela feiúra, pela doença...”* (Beauvoir 1990:51). Para Debert (1999b) a juventude deixou de ser um estágio da vida para se transformar em um valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade, basta que os indivíduos adotem estilos de vida e formas de consumo adequadas. Os indivíduos são levados a acreditar que ao estarem constantemente vigilantes do seu corpo e responsáveis por sua saúde/doença podem permanecer mais tempo “jovens”. Para a autora, pensar dessa forma, traz o risco de considerar o envelhecimento, bem como a velhice bem sucedida, como responsabilidade e dever somente do indivíduo e se um indivíduo não é ativo, não está envolvido em algum programa de rejuvenescimento, se vive a velhice no isolamento e na doença é porque não teve o comportamento adequado ao longo de sua vida e recusou

a adoção de formas de consumo e estilos de vida adequados e portanto não merece nenhum tipo de solidariedade, somente desprezo. Para Debert (1999b) este é um movimento de reprivatização da velhice em que o indivíduo está sendo responsabilizado e penalizado pela forma como se dá o seu envelhecimento e a velhice.

O velho se situa na sociedade atual como inútil e improdutivo, pois não corresponde aos interesses capitalistas de produção e por mostrar em seu corpo marcas do tempo e da constituição física do homem, contrariando a imagem de corpo jovem e perfeito que se deseja. Essa situação é um alerta chamando a atenção para o quanto podemos estar nos perdendo enquanto seres humanos, destituídos da determinação de nossa própria vida e da condição de seres reais e limitados, ao reduzirmos o homem a sua produção e a um belo corpo.

A moral oficial rege que é necessário respeitar os idosos, mas os mais jovens querem convencê-los de sua decadência, deficiências e incapacidades, sendo necessário dar espaço para os mais jovens progredirem (Bosi, 1999; Beauvoir, 1990). Assim, filhos e parentes querem se poupar dos conselhos e discussões com os mais velhos, desejam que se coloquem em um papel passivo, com pouco ou nenhum direito a participação. Para o “bem” e a “proteção” do idoso, a família o imobiliza em seu quarto ou na casa, priva-o da liberdade de escolha, torna-o mais dependente administrando seus negócios e sua aposentadoria, obrigando-o a sair de casa, submetendo-o a internação hospitalar ou asilar (Bosi, 1999; Beauvoir, 1990). Para Beauvoir (1990) há falta de reciprocidade entre o adulto e o idoso, manifesta por uma tolerância contida e pouco sincera por parte do adulto, de quem não quer discutir e confrontar opiniões com os mais velhos, de quem não quer sua participação. Os idosos por sua vez, vêem-se tolhidos em suas relações familiares pois não podem desenvolver a alteridade, a contradição, o afrontamento e o conflito que só lhe são permitidos com os amigos. Entretanto, essa falta de reciprocidade não parece dizer respeito apenas ao adulto quanto ao idoso, mas de pessoa para pessoa, de grupos para grupos, nas relações de gênero, nas religiões, nos governos, e outros tantos. Novamente nos colocamos diante de questões mais amplas, que apontam não só para a problemática que envolve o envelhecimento, mas as relações humanas como um todo.

Beauvoir (1990), Bosi (1999) e Brêtas (1999) denunciam que falta um projeto de vida aos seres humanos, que todos deveriam estar engajados em causas que transcendem a cada um, que não envelhecem e que dão significado ao cotidiano. Beauvoir (1990: 340) é ainda mais radical. Para ela,

“A tragédia da velhice é a radical condenação de todo um sistema de vida mutilador: um sistema que não fornece a imensa maioria das pessoas que fazem parte dele uma razão de viver. O trabalho e a fadiga mascaram essa ausência: ela se descobre no momento da aposentadoria. É muito mais grave que o tédio. Ao envelhecer, o trabalhador não tem mais lugar no mundo, porque, na verdade, nunca lhe foi concedido um lugar: simplesmente, ele não tivera tempo de perceber isso. Quando se dá conta, cai numa espécie de desespero bestificado.”

Atrelados ao processo do envelhecimento estão a passagem do tempo e a proximidade da morte. Segundo Motta (1997), o tempo é essencial para a existência já que o ser é finito e mediador dela, à medida em que todos os fenômenos estão em movimento, transformando-se, existência na qual os homens compartilham sua transitoriedade.

“A essência humana consiste em existir como ser finito, havendo, desta maneira, uma relação íntima do ser com o tempo. A temporalidade constitui o horizonte da compreensão do ser (...) A finitude é inevitável à existência humana, afirma Heidegger, e o tempo é unidade plural do presente, do passado e do futuro. (...) [ela é] essencialmente finitude e facticidade.” (Motta, 1997:35)

Segundo Máximo (1999) só se tem noção da passagem do tempo ou seja, do fenômeno da duração do tempo, quando se realiza o que ele chama de uma “oposição dialética entre o passado e o presente”. É a memória que guarda do tempo as passagens e lembranças que marcaram o indivíduo. Segundo o autor, o tempo flui sem que as pessoas percebam sua passagem, já que não se guarda na memória, traços da dinâmica temporal, do escoar do tempo. Só se sente a presença do tempo no ato da rememoração, da recordação, processo que permite que o indivíduo se reencontre, situe-se no tempo e no espaço, por meio de suas lembranças. Ora, a memória remanescente e o recordar o passado, é algo mais comum aos idosos do que aos adolescentes e adultos, que estão mais centrados no seu presente ou futuro. Para os idosos a passagem do tempo é algo mais presente do que para adultos e adolescentes, já que vivem uma fase do curso de vida repleta de marcos concretos desta passagem: as mudanças corporais e estéticas, as doenças, a independência de seus filhos, sua saída de casa e constituição de suas famílias, gerando e educando seus próprios filhos, o se tornar avô, auxiliando ou simplesmente constatando a chegada de uma nova geração na família, a saída do mercado de trabalho através da aposentadoria, a perda de pessoas queridas, e outras

tantas questões já citadas, que os fazem recordar o passado, compará-lo com o presente, reviver sentimentos e situações que marcaram suas vidas, percebendo então o resultado da passagem do tempo, enquanto que adolescentes e adultos vivem com essas questões de forma mais amena e distante, sem que sintam essa passagem.

Sendo a velhice um momento em que a probabilidade de se contrair uma doença ou apresentar várias patologias crônicas é maior do que em outros momentos, ela é tida como um adoecimento e um momento em que só se vive doenças. Entretanto, essa situação pode ocorrer em qualquer idade e se sabe muito bem que é possível viver tranqüilamente controlando essas patologias. Para Valle (1997) adoecer e o morrer são possibilidades de existência. O que distingue o ser humano é a consciência de seu próprio existir e o tempo é inerente ao seu existir, no qual pesa muito o futuro, a direção a, para onde ele caminha. Quando acontece situações de medo, desespero, adversidades ou uma doença grave, o futuro fica incerto, obscuro, dificultando ou impedindo a pessoa de dar sentido à sua existência. Considerar o envelhecimento e a velhice somente em seus aspectos negativos, nas limitações e perdas a eles inerentes, não abre espaço a pensamentos futuros, a projetos e desejos. Em pesquisas como as de Santos (1996) e Guimarães (1997) vemos o quanto as pessoas concebem a velhice como momento de desligamento da vida, de fim de desenvolvimento e interação social e portanto, sem necessidade ou direito de fazer e realizar planos, pois não há futuro e assim, ficam sem sentido, sem rumo, perdendo motivo de viver. *“É a orientação para o futuro que dá sentido à existência. (...) Sem o futuro não há tempo interior e, sem vislumbrar um ponto adiante, o homem não consegue, propriamente existir. Perceber o tempo parado é uma experiência muito perturbadora para si ...”* (Valle 1997:58). Este é um pensamento bastante corrente na sociedade ocidental.

Segundo Valle (1997) em uma doença grave, a morte vem como esse *“parar o tempo”*, é a impossibilidade de existir. Esta angústia de ser finito perante a ameaça de não existir mais, transforma-se em medo, medos concretos que escondem a angústia de *“não-ser-mais-no-mundo”*. A liberdade e a capacidade de escolha ficam restritas. Quando o *“ser-com-os-outros”* é absorvido e está circunscrito à doença, o doente deixa de ser ele, encontra-se em submissão. Quando se domina pelo impessoal, deixa de ser autêntico, pensando, falando e dizendo o que os outros pensam, fazem ou dizem. Vai aos poucos acabando com suas possibilidades e desintegrando-se na rotina da vida cotidiana. Entretanto, o doente pode assumir sua autenticidade ao voltar-se para si mesmo, mergulhando em si, percebendo-se com a consciência e o próprio valor.

Conhece-se mais, aceitando o sofrimento e a doença que tem, com as conseqüências de invalidez ou morte. A doença e perspectiva da morte podem se tornar fonte de crescimento e amadurecimento emocional, já que ao se defrontar com algo inesperado e fora de seu controle, a pessoa pode conseguir perceber outra dimensão de sua existência (Valle, 1997). Esse vivenciar da doença grave pode ser pensado também quanto ao envelhecimento e quanto a velhice, na medida em que o indivíduo possa tê-los como motivo de entrega e depressão ou de redescobrimto de si mesmo, de si e seus relacionamentos e de si com o mundo.

Morte é definida por Ferreira (1975: 947) como *“Ato de morrer, o fim da vida animal ou vegetal. Termo, fim. Grande dor, pesar profundo ...”* Para Kovács (1992:145), *“O ser-ai é ser para a morte. O ser ai já está sempre lançado em suas possibilidades, e a morte é a possibilidade mais peculiar, irrefutável e irrepresentável.”* O ser morre a todo tempo, porque a cada escolha morre a outra possibilidade. Isso nos traz ansiedade já que não podemos viver tudo ao mesmo tempo e estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Tal qual o envelhecimento, a morte faz parte e se faz presente em vários momentos do curso de vida dos indivíduos, mas segundo Kübler-Ross (1997), ficaríamos paralisados caso estivéssemos o tempo todo conscientes da morte e então agimos como se não existisse, tal qual o envelhecimento. Porém, a velhice nos coloca frente a finitude humana e a possibilidade inegável da morte, sendo necessário encará-la.

A definição de morte se dá de acordo com a tradição cultural e familiar, bem como da história de vida e características peculiares a cada indivíduo (Kovács, 1992). Kübler-Ross (1997), Kovács (1992) e Maranhão (1985), são unânimes em afirmar que a representação e a vivência da morte mudaram muito ao longo dos tempos e seguem um caminho de despersonificação e desumanização. Antigamente, segundo Maranhão (1985) e Kübler-Ross (1997), havia todo um ritual relacionado à morte, tanto por parte do moribundo quanto de seus familiares, amigos, religiosos e comunidade em geral. Morria-se em casa, junto dos seus, inclusive de crianças, cercado de cuidados e atenções. A pessoa era ouvida e respeitada em seus desejos, morrendo dignamente. Todos acompanhavam sua despedida, deixando conforto ao moribundo para se adaptar à situação. Configurava-se como uma ocasião que favorecia o crescimento e amadurecimento das pessoas, principalmente às crianças, participando e encarando a morte como algo inerente à vida. Expressava-se os sentimentos de dor e saudade através das manifestações sociais do luto. Atualmente, de acordo com os autores acima citados,

a morte tornou-se suja e vergonhosa e os costumes perderam seu sentido. Morre-se sozinho, em um hospital, em um clima frio, no qual muitas vezes se tira o direito da pessoa saber e se preparar para morrer. As crianças não participam dos ritos fúnebres pois são “sensíveis” demais e não sabem muito bem o que acontece quando alguém não volta mais à sua casa. Oculta-se a morte. Pouco se fala dela e quando isso acontece, é feito através de eufemismos. A pessoa é velada em lugares neutros, com som e flores, sem que se chame a atenção. Tudo é simples e abafado. Os sentimentos de separação, dor e saudade não podem ser manifestados. O indivíduo tem que controlar suas emoções e vivê-las em sua intimidade para não incomodar.

“Ela [a morte] já não é mais um destino. O que existe é a sua relação negativa com o sistema de produção, de troca e de consumo de mercadorias. É o estado de não-produção, de não consumação. Ao negar a experiência da morte e do morrer, a sociedade realiza a coisificação do homem.” (Maranhão 1985:19)

Hoje morrer é triste “... *muito solitário, muito mecânico e desumano...*” (Kübler-Ross, 1997), a pessoa sai de casa para morrer na frieza e impessoalidade do hospital. O moribundo não tem direito a opinar, alguém o faz por ele. Não percebemos sentimentos, desejos, opiniões, não permitimos que a pessoa fale e seja ouvida. Essa situação pode ser transportada para o âmbito da velhice, ao se pensar no isolamento e a perda das relações e do *status* presentes no trabalho formal, que podem ser ocasionados por motivo da aposentadoria e ainda, ao se pensar no distanciamento “polido”, no descaso e no impedimento de que o idoso participe ativamente nas decisões da vida social, familiar ou até mesmo pessoal, sendo relegado ao plano de expectador de seu fim, de sua morte social. O que dizer então de alguns asilos (como os citados por Beauvoir (1990) e Vieira (2000) por exemplo, ainda muito comuns em nosso meio), em que a impessoalidade beira a de um hospital ou é até pior, mantendo os idosos em situações precárias de higiene, habitação, alimentação, assistência médica e social e quase sem direitos, nos quais a palavra não é dada ao idoso ou ele próprio não vê mais saída ou possibilidade de mudanças e não mais se importa, permanecendo em seu leito a espera da morte.

Segundo Kovács (1992), todos temos medo sob algum aspecto da morte, como o medo da morte do outro que envolve medo do abandono, da ausência e da separação e o medo da própria morte, que envolve a consciência da própria finitude e fantasias de quando e como isso se dará. Na velhice isso é algo muito presente, já que há grande

possibilidade de perda dos amigos, parentes e do cônjuge. Segundo a autora, existe o medo de morrer, do sofrimento e indignidade até que a morte chegue; o medo do que vem após a morte, associado a punição divina ou rejeição; e o medo do desconhecido, de ser extinto, de não ser mais quem é. Beauvoir (1990) coloca que não nos imaginamos como velhos, pois a velhice se apresenta como desgraça e a decadência salta aos olhos, dando a impressão de que não seremos nós quando chegar a velhice e portanto ela só pertence aos outros, aqueles que vemos na exterioridade, aqueles em que se percebe e se encara a decadência, principalmente a física. Outro exemplo dessa situação é a de que a maioria das pessoas mais jovens, acredita que não ficará velha, morrerá antes de chegar a velhice.

“A tragédia do homem, tem origem na percepção de sua finitude, no pavor diante da morte e da enormidade da vida, por isso ele cria uma couraça ...”. Outra forma de se defender da “grandiosidade da vida” e o “terror da morte” é a depressão *“... através da auto-recriminação, da auto-desvalorização e paralisação, a pessoa não vive, morre em vida, embora seu corpo sobreviva. Muitas vezes, quando o sujeito sente que não tem controle de sua vida, ocorre desamparo, que evolui em depressão...”* (Kovács 1992:25). Assim, a pessoa se isola, diminui sua ação e escolha, pedindo para que outros a mandem. Tem relações simbióticas, vivendo como morto. Abstêm-se das “experiências vitais” eliminando o medo da morte e com ela a própria vida. Em seu estudo, Vieira (2000) encontrou um grupo de asilados apresentando as mesmas características acima, em que o passar dos dias é a própria morte em vida.

A existência humana é orientada para a morte, tem essa direção, que a permeia como um todo. *“A morte é uma realidade que pertence à finitude temporal do ser e que afeta a sua existência – ela é sua possibilidade mais pessoal, a mais ímpar, a mais intransferível e a mais extrema em virtude da qual todas as demais se articulam”* (Valle 1997:66). Para Maranhão (1985), a reflexão da morte é a reflexão da vida. Pensar e se conscientizar que podemos morrer é pensar que cada instante é irrecuperável e devemos vivê-lo intensamente, aproveitando-o plenamente. Pensar na possibilidade de nossa morte nos abre caminho para rever as prioridades e valores de nossa existência.

Para Beauvoir (1990) é necessário que nós assumamos a totalidade da condição humana, que reconheçamos e deixemos de ignorar quem seremos: aquele idoso ou aquela idosa. É preciso sentir que isso nos diz respeito, não aceitar com indiferença a *“infelicidade da idade avançada”*, mas que nos interessemos por ela, já que essa infelicidade denuncia contundentemente o sistema de exploração que vivemos. Kübler-

Ross (1997), coloca o mesmo sobre a morte, em que ao invés de fugir sabendo que um dia teremos que encará-la, admitir essa possibilidade permite que tenhamos atitudes e comportamentos concretos no sentido de proporcionar bem-estar para pacientes, famílias, etc. Outro fator importante é a discussão e a orientação de estudantes e profissionais para que saibam mais sobre o inter-relacionamento humano, o cuidado humano e totalitário da pessoa, para que juntos, possamos humanizar o processo de morrer. Deixar de negar o envelhecimento e a morte, tê-los como possibilidades da vida do ser humano e da humanidade como um todo, desenha um passo em direção ao questionamento da organização social atual.

O envelhecimento é um fenômeno diretamente ligado a qualidade de vida já que se configura como um processo que se dá durante todo o curso de vida do indivíduo. A maior longevidade foi possível pela melhor qualidade de vida das diferentes sociedades e agora estamos diante de outra questão: não basta viver mais, é preciso viver melhor e, para vivermos mais e melhor, é preciso que tenhamos qualidade de vida durante toda a vida. Pacheco (1999) coloca a *“velhice como resultado do processo que é a vida.”* e que não devemos esperar qualidade de vida só na velhice. Para o autor, a longevidade traz uma encruzilhada: para velhice bem sucedida é necessário um processo de vida bem sucedido.

No Brasil, no ano 2000, um em cada vinte brasileiros era idoso, e de acordo com projeções realizadas para o ano de 2020, esta relação será de um idoso para cada treze brasileiros, somando aproximadamente 16.224.000 idosos. Essas projeções mostram que em 2020 a maior parte dos idosos (cerca de 82%) estará residindo nas áreas urbanas e serão mulheres (Berquó, 1999). Diante dos dados demográficos já apresentados, pode-se pensar haverá cada vez mais possibilidades de que pessoas em diferentes idades convivam cotidianamente na mesma moradia, em suas famílias ou em seus relacionamentos mais próximos.

O envelhecimento populacional tem conseqüências tanto para o indivíduo ao pensar, sentir e vivenciar seu próprio envelhecimento, como para a sociedade, mediando os relacionamentos das diferentes gerações convivendo e reagindo perante o fenômeno do envelhecimento e a pessoa idosa, bem como com a responsabilidade de garantir subsídios econômicos para proporcionar uma vida digna e saudável a todos e de gerir os custos com as políticas públicas de atendimento ao cidadão, organizando serviços de atendimento e cuidados com os idosos e a quem os cuida.

Diversos aspectos tem sido abordados ao se pensar o envelhecimento. Têm-se clareza de que é um fenômeno que envolve aspectos não somente objetivos e/ou numéricos, mas questões bastantes complexas, tal qual o fenômeno da qualidade de vida. Qualificar a vida no envelhecimento e na velhice não é atributo do sujeito, mas um resultado da relação do indivíduo e seu contexto, dependente das constantes transformações das condições e valores sociais, em um meio sociocultural e momento histórico definidos (Neri, 1993 e 1995; López, 1999; Brêtas, 1999; Ministério da Saúde, 1999). Questões como: baixa escolaridade e condições sócio-econômicas da maioria dos idosos do país; mudanças estruturais na família, cada vez menor e sem tempo para cuidar de seus membros; inserção da mulher no mercado de trabalho; a migração rural; o trabalho, a aposentadoria e o desemprego, são fatores que podem interferir diretamente na qualidade do envelhecimento e da velhice, suposição que merece maior atenção (Silvestre, Kalache, Ramos e Veras, 1996; Beltrão e Camarano, 1997; Ministério da Saúde, 1999; Berquó, 1999; Brêtas, 1999).

Embora a passagem do tempo, a morte, a qualidade com que se vive a vida e o envelhecimento sejam intrínsecos a vida humana e processos que se dão ao longo do curso de vida dos seres humanos, ganham maior relevância justamente na velhice, em que as perdas se exacerbam e não é mais possível negá-las ou disfarçá-las. Talvez por isso ela assuste tanto. Ao negá-la, assim como a morte, o ser humano a sente como algo distante, que não faz parte de seu cotidiano. Sem perceber, o indivíduo está idoso e não se reconhece nessa condição.

O processo de envelhecimento provoca reflexões e evoca em nossa vivência humana, questões que trazem à tona nossa existência como indivíduo e como coletividade. O envelhecimento humano, é fruto, sem dúvida, de inúmeros avanços intelectuais, tecnológicos, científicos e sociais da humanidade, mas traz em seu bojo, as mazelas da humanidade, questionando em cada um dos seus aspectos, sob que bases a humanidade vem construindo sua coletividade, que valores estão imperando e se são possíveis e desejáveis ao ser humano, não tão produtivo, não tão forte, não tão belo e tão eterno quanto se almeja. Aí está um processo inerente ao ser humano, que vem com força total servir de pauta para questionarmos a organização social atual. Ao falar de envelhecimento não está se falando apenas das pessoas mais envelhecidas, os idosos, mas de todos os seres humanos.

2.2 – Desenvolvimento Humano

O conceito de curso de vida permite pensar a vida como um *continuum* em que o desenvolvimento de um indivíduo se dá durante um grande ciclo do nascimento à morte. Porém, na história da humanidade foram estabelecidos marcos ou etapas peculiares a determinada idade ou fase porque passam os indivíduos ao longo de seu desenvolvimento. A infância, a adolescência, a idade adulta e a velhice são exemplos destas etapas estabelecidas socialmente. Considerando os objetivos da pesquisa, fez-se um recorte teórico no desenvolvimento humano da adolescência, passando a idade adulta, chegando então a velhice.

A etimologia da palavra “adolescência” vem do latim e significa *ad* (a, para) *olesce* (crescer) e se refere ao indivíduo apto a crescer física e psicologicamente. Em latim *adolescere* significa adolescente e deriva de *adolescere*, origem da palavra adoecer que remete a uma aptidão do adolescente para adoecer ao enfrentar os sofrimentos emocionais, as transformações biológicas e mentais que operam nesta fase de vida (Outeiral, 1994). A adolescência é um fenômeno basicamente psicológico e social dependente do ambiente social, cultural e até mesmo étnico em que o adolescente se desenvolve (Outeiral, 1994; Preto 1995; Oliveira e Egry, 1997).

Apesar de não haver muito consenso sobre a faixa etária designada como adolescência, pode-se dizer que é um período que vai dos 13 aos 25 anos (CNPd, 1998; Baltes e Silverberg, 1995) situado entre a puberdade e a idade adulta. Seu início é marcado pela puberdade, em latim *puberlate* que significa sinal de pêlos, barba, penugem, que se dá pelo início do desenvolvimento hormonal que desencadeia os chamados caracteres sexuais secundários. A puberdade marca a maturação sexual dos seres humanos e resulta da ação hormonal, que desencadeia várias modificações corporais distintas para meninas e meninos. Nas meninas, os seios se desenvolvem, ocorre a primeira menstruação e o aparecimento dos pêlos axilares. Nos meninos se dá o desenvolvimento dos pêlos pubianos, o aumento do órgão genital, o aparecimento dos pêlos axilares e faciais. O desenvolvimento dos testículos nos meninos e dos ovários nas meninas se dá quando alcançam o máximo de crescimento em altura, ocorrendo então o amadurecimento das células germinativas masculinas (espermatozoides) e femininas (óvulos), capacitando-os para as funções de procriação (Zagury, 1997; Aberastury, 1983).

As modificações psicológicas que se produzem neste período estão relacionadas as modificações corporais que levam o adolescente a uma nova relação consigo mesmo, com os pais e o mundo, na qual passa por um processo lento, doloroso e conflituoso de perda do corpo e identidade infantis e da relação de dependência que estabelecia com seus pais, assinalando a transição psicológica da infância para a vida adulta (Aberastury, 1983; Outeiral, 1994). As constantes transformações corporais impelem o adolescente a redefinir a imagem que tem de seu corpo. O vínculo afetivo estabelecido pelo adolescente passa a ser repensado de acordo com as modificações físicas e sexuais, evoluindo para o vínculo afetivo-sexual (Tiba, 1986; Aberastury 1983).

Na adolescência os traços e características que melhor definem o adolescente, ou seja, sua identidade, estão em constante mudança pelas transformações físicas e sexuais, psicológicas e sociais que vivencia e que alteram a imagem que o indivíduo tem de si e que os outros tem dele. Com o crescimento precisa aceitar responsabilidades pelo seu corpo e sexualidade, idéias e atos, ao mesmo tempo em que busca estabelecer sua individualidade e uma auto-imagem clara e positiva de si, distinta da família (Preto (1995). O adolescente vive uma fase de experimentação, em que para se desprender do mundo de criança e adentrar ao mundo adulto oscila entre a dependência e a independência dos pais, experimenta papéis, permite-se gostar e querer realizar coisas distintas ao mesmo tempo e questiona valores e atitudes dos pais na tentativa de se diferenciar (Preto, 1995; Tiba, 1986).

Para conseguirem desenvolver identidades diferentes da de sua família, sem depender tanto dos pais em termos psicológicos e para ter mais controle sobre suas decisões, o adolescente passa por um processo de distanciamento e retorno ao referencial familiar. Nesse sentido, o entendimento e a aceitação da família e a sua permissão e encorajamento para que os adolescentes sejam mais responsáveis por si mesmos, tem importante papel na construção desta identidade diferenciada que o adolescente busca (Preto 1995, Tiba 1986).

O adolescente passa a se utilizar do pensamento abstrato ao invés do pensamento concreto e é cada vez mais capaz de operar com idéias, formular hipóteses, correlacionar informações, fazer generalizações e interpretações, dando vazão a sua criatividade. Torna-se um pensador amador e juiz moral de valores e costumes sociais, questionando-os. Aos poucos revê e compara esses valores e costumes sociais que critica, estabelecendo seus próprios referenciais de valor. Sua propensão a questionar e

desafiar normas e padrões tende a desencadear conflitos e transformações em casa, escola e comunidade (Tiba, 1986; Preto, 1995).

Na busca de se diferenciar dos adultos e de seus pais em especial, os adolescentes acabam por questionar e discordar das idéias, crenças, valores e comportamentos dos pais e familiares, e esse movimento acaba por eliciar mudanças estruturais e renegociação de papéis dentro da família, na medida em que suas demandas por autonomia e independência tendem a precipitar mudanças nos relacionamentos entre as gerações. Os pais vivem um momento de seu curso de vida, em que repensam sua vidas e reavaliam o casamento, a carreira e percebem mudanças em si mesmo relacionadas a seu corpo e a seus sentimentos em relação a si mesmos, ao mesmo tempo em que têm de lidar com a velhice dos pais e ajudá-los a integrar as perdas que dela advêm (Preto, 1995).

Morin (1987) discute que as mudanças ocorridas na sociedade desde as décadas de 50 e 60, em que reestruturações na família, associadas a intensa exaltação da juventude e das constantes mudanças sociais, retiraram dos pais a condição de modelos e autoridade para seus filhos, deixando-os no vazio da falta de identificação e limites. Magro (1998) comenta que a família atual tornou-se frágil e insegura para apoiar os jovens. Os próprios adultos, principalmente os pais, tem dificuldades de acompanhar as rápidas e constantes transformações do mundo atual nos níveis tecnológico, social e moral que engendram novos valores e padrões de comportamento, que se mostram novos desafios para os indivíduos, no sentido de os assimilar e lhes conferir um sentido. Para a autora, atualmente os pais encontram dificuldades em orientar seus filhos adolescentes quanto as suas crenças e valores, justamente por não os ter definidos também para si, faltando-lhes respostas aos questionamentos dos filhos. Por sua vez, os adolescentes não se vêem acolhidos e atendidos em suas dúvidas e decisões, nem tampouco orientados e compreendidos, o que torna essa fase da vida muito mais difícil e conflituosa (Magro, 1998).

Outra característica importante da adolescência é a propensão dos adolescentes a estar com seus pares, formando um grupo de pessoas que se conhecem e reconhecem pelos códigos, regras, linguagem, gestos, roupas, problemas, visões de mundo e experiências que compartilham (Tiba, 1986). É nesse grupo de iguais que os adolescentes discutem e deixam aflorar suas preocupações com os valores éticos, intelectuais e afetivos. O adolescente pensa profundamente e tem idéias claras e definidas sobre os grandes temas da humanidade, prepara-se para ser adulto e ter

capacidade de conseguir realizar o que planeja para solucionar os problemas da sociedade onde vive (Aberastury, 1983).

Durante a adolescência o indivíduo (embora sofrendo pela perda da segurança e do conforto da dependência dos pais) procura conseguir estabelecer sua identidade e sair de casa. Para isso, soma-se aos seus pares, define seu papel sexual e seu próprio referencial de valores e tenta se localizar em uma ocupação prevista (Sheehy, 1991). Através da escolha profissional e o trabalho em si, o adolescente vai se inserindo no mundo de responsabilidades e compromissos do adulto. Pode-se dizer que a idade adulta ocorre dos 25 aos 45 anos (Sheehy, 1991; Heckhausen e Schulz, 1995).

A energia e interesse do adulto já não estão mais tão voltados para si próprio como no adolescente na busca de sua identidade, mas vai além de seu próprio crescimento e desenvolvimento (Lidz, 1983; Sheehy, 1991). Sua independência da família o motiva a conseguir a interdependência com outros e encontrar seu lugar na sociedade, que geralmente se dá com a escolha conjugal e profissional. Na visão de Lidz (1983) essas duas escolhas são as mais importantes e complexas da idade adulta, resultantes do desenvolvimento integral do indivíduo ao longo do processo de adquirir a condição de adulto. Através do trabalho, do casamento e de suas escolhas de referenciais de valores, os adultos reúnem-se em grupos, encontram tarefas em que se envolvem e adquirem papéis aos quais se ajustam e são ajustados para definir suas identidades.

Na união com outra pessoa, representada ou não pelo casamento, o adulto procura compartilhar sua intimidade com alguém e para isso precisa adequar e renegociar modos de vida, relacionamentos com amigos, família, forma de organização de sua vida pessoal e a dois. Com a vinda de uma criança isso se torna ainda mais difícil, visto que modifica o equilíbrio entre os cônjuges, no trabalho e na família. Homens e mulheres lutam contra pressões das responsabilidades e satisfações profissionais e familiares e procuram realizar a atividade de ajudar crianças a se tornarem adultos responsáveis, tarefa difícil em uma época em que as pessoas tem cada vez menos tempo para os filhos (McGoldrick, 1995; Bradt, 1995). Com o passar do tempo, os adultos sofrem com a transformação dos filhos na adolescência e quando saem de casa buscando construir sua vida adulta (Outeiral, 1994; Preto, 1995).

McGoldrick (1995), coloca que a constituição familiar atual mudou muito se comparada às gerações anteriores, mudando também a forma de viver o mundo adulto. O casamento já não é mais como outrora, nem é tido como algo primordial ou essencial

na vida do adulto, já que muitos optam por não se casar e outros tantos optam por morar junto antes do casamento ou morar com vários parceiros antes de se decidir a casar. Anteriormente o casamento marcava a passagem para o mundo adulto, já que seria uma transição para a paternidade, fato que não é vivido com tanto intensidade atualmente, pois muitos casais decidem não ter filhos, ou tê-los com maior tempo de união, ou mesmo tê-los sozinhos, como “produções independentes”. A mulher já não tem o casamento como única ou principal opção de vida e acaba por conferir muito tempo e energia com a construção de sua carreira e está cada vez mais resistente a assumir sozinha as responsabilidades primárias pela casa e filhos e de terem os seus maridos ausentes da vida familiar. A união de duas pessoas traz mudanças nas relações familiares, já que duas famílias tem que administrar novos relacionamentos, manejar diferenças de valores, normas, comportamentos, atitudes, costumes, etc., o que nem sempre é fácil e simples (McGoldrick, 1995).

A vivência familiar é algo importante para o adulto, não só individualmente, mas também no que diz respeito aos relacionamentos que trava (McGoldrick, 1995). Mas é necessário que ele se diferencie da família de origem, desenvolva relacionamentos íntimos com outros adultos e se defina em relação ao trabalho e a independência financeira para que então possa construir uma estrutura familiar própria (Carter e McGoldrick, 1995).

Ao discorrer sobre o desenvolvimento do adulto, Sheehy (1991) coloca que esse desenvolvimento não se dá necessariamente por acontecimentos balizadores, mas essencialmente por mudanças que as pessoas sofrem em seu interior, que levarão a um questionamento e modificação em sua maneira de viver. Para ela, esses momentos de crise, que denomina de passagens, momentos de desagregação ou mudanças construtivas, são previsíveis e desejáveis na medida em que significam crescimento. Segundo a autora, nesses momentos de crise, o adulto experencia mudanças na sensação interior do eu em relação a outras pessoas, da sensação de proporção de segurança que sente em sua vida, da percepção que tem do tempo, ou seja, da sensação de que possui muito ou pouco tempo disponível em sua vida e modificações ainda, quanto a sensação de atividade e estagnação do curso que sua vida tem tomado.

De acordo com Sheehy (1991), o adulto busca realizar um sonho, construir a imagem que tem de si mesmo e que gerará energia, vivacidade e esperança para sua vida. Busca ainda se preparar para a vida de trabalho, encontrar um mentor para lhe auxiliar nas decisões difíceis e adquirir a capacidade de intimidade, de dividir a vida

com alguém, sem perder a identidade conquistada até então. A autora cita alguns momentos que chama de crises previsíveis da vida adulta. Estaremos nos reportando a elas. Mais ou menos aos 30 anos, o adulto busca expandir sua vida profissional e pessoal, repensa a vida revendo suas escolhas e alterando ou aprofundando seus comprometimentos consigo, com outras pessoas e trabalho. Há maior necessidade de se preocupar consigo mesmo. O adulto começa a se estabelecer em um local fixo e organizar a carreira profissional. A satisfação do casal é comparada aos primeiros anos de relacionamento e é questionada. Isso coincide com a redução da vida social do casal fora da família e com a dedicação à criação dos filhos. Por volta dos 35 a 45 anos o adulto questiona os papéis estereotipados que assume, tem o dilema espiritual de não ter respostas absolutas para nada e se vê diante da perda da juventude e da diminuição das forças físicas. Começa a se perceber como responsável por si mesmo, provedor de sua segurança e tomadas de decisão. O adulto questiona as relações, o trabalho e o casamento e se põe a repensar e construir nova identidade. Por fim, ao passar por todas as crises o adulto, em meio aos seus 40 anos, pode utilizá-las como base para uma renovação em que a maturidade e tranquilidade prevalecem ou na resignação e estagnação perante as dificuldades encontradas.

Normalmente é na idade adulta que ocorrem os problemas de saúde, a velhice e a morte dos pais do casal, momentos em que são solicitados a cuidarem de seus progenitores. Outros eventos que costumam desestabilizar a vida do adulto é o divórcio e o recasamento, permeado de perdas, sofrimentos, alterações na vida pessoal e familiar e busca de nova estabilidade com outra pessoa (Preto, 1995). Conforme Lidz (1983) esta fase termina mais ou menos quando os filhos já não precisam ser o centro das atenções do adulto ou em torno dos 35 a 40 anos, quando já conseguiram posições estratégicas na sociedade ou quando compreendem que precisam entrar em acordo com o que são capazes de fazer com sua única vida.

Provavelmente é em meio ao trabalho ou no local de trabalho que o adulto passa a maior parte de seu tempo, sendo o trabalho, portanto, um dos aspectos que melhor define o ser adulto. No seu inverso, de maneira muitas vezes abrupta, o indivíduo se vê diante da aposentadoria, evento comumente associado a velhice. Com a aposentadoria se perde os papéis profissionais, a produtividade e os relacionamentos significativos que foram centrais por toda a vida adulta. Há um retorno ao mundo familiar ao qual o aposentado e as pessoas com quem convive tem que se adequar, reorganizando o tempo, as atividades e relacionamentos. Em muitos casos a aposentadoria traz sérios problemas

financeiros por não ser suficiente ao sustento do idoso e sua família, causando frustração e preocupação. Frequentemente ocorrem dificuldades no relacionamento entre os cônjuges, entre pais e filhos e entre as outras gerações da família ao reincorporar o aposentado ao cotidiano. Como a família vai lidar com a velhice depende de como se organizou ao longo dos anos, da capacidade e formas de se ajustar às perdas e novas exigências (Lidz, 1983; Fericgla, 1992; Walsh, 1995).

Para o Brasil, a OMS (Organização Mundial de Saúde) e a ONU (Organização das Nações Unidas) indicam a idade de 60 anos ou mais para considerar as pessoas como idosas (Deps, 1995; Guimarães, 1997). Apesar da idade em que se inicia, a velhice é processo de declínio ou limitação biológico que ocorre em ritmos diferentes para cada pessoa ou grupos e mesmo de órgãos para órgãos da mesma pessoa, conforme atuam as influências genéticas, ambientais, sociais, históricas e psicológicas do curso de vida (Rowe, 1992; Vitta, 2000). Portanto, a velhice é um fenômeno biológico universal, circunscrito a todos os seres humanos, do qual decorrem problemas e limitações físicas e mentais, gerando consequências psicológicas, existenciais e sociais (Fericgla, 1992; Neri 1995).

Embora pouco conhecido, sabe-se que o processo de envelhecer tem base hereditária, podendo provocar doenças ou simplesmente mudanças nos aspectos físicos e aparência. Com a velhice ocorrem mudanças na fisionomia, na pele, na postura, na altura, na massa muscular e no peso dos indivíduos. Acontecem ainda, morte e perda da capacidade de algumas células e alterações fisiológicas cardiovasculares, respiratórias, no sistema nervoso, no aparelho músculo-esquelético e alterações no ritmo biológico. Essas alterações resultam no declínio da eficiência do funcionamento do organismo e terminam com a morte. Na velhice há a diminuição da capacidade auditiva, visual e da capacidade de perceber odores e sabores. Por meio das modificações fisiológicas ocorre um acúmulo de doenças crônicas como artrose, pressão alta, diabetes e queda da imunidade que favorece o aparecimento de infecções e tumores. Raramente a velhice ocorre sem alguma patologia. Outro fator de mudança é a tendência ao aumento ou diminuição de determinados hormônios como o estrógeno (hormônio feminino) e o testosterona (hormônio masculino) (Vitta, 2000; Azevedo, 1998; Busse, 1992a e 1992b). A maior preocupação de muitos idosos é justamente o medo de perder o funcionamento físico e mental, ter uma doença crônica dolorosa, ter uma condição de debilidade física progressiva e degenerativa e uma depressão. Segundo Walsh (1995), para resolver essas questões de dependência, quando existirem, é necessário que o próprio idoso tenha uma

aceitação realista das forças e limitações e de outro lado, que os filhos assumam a responsabilidade por aquilo que os pais não possam mais fazer, sem no entanto, impedi-lo de participar ativamente das decisões que envolvem sua vida e família.

Como exposto anteriormente, a velhice não é prenúncio de morte, mas é a fase do curso de vida em que as possibilidades de que isso ocorra são maiores. Assim, o idoso se vê diante de sua finitude e se prepara para ela. É a fase em que se convive com as perdas do cônjuge, de parentes e de amigos. Talvez por essas questões que, somadas ao advento da aposentadoria, o idoso valorize muito os relacionamentos sociais que mantêm, valoriza o companheirismo, o interesse e cuidados mútuos no relacionamento conjugal e a intimidade sexual. Quando da perda do companheiro, o recasamento ou uma nova união tem sido a opção para se enfrentar a tristeza pela perda e a solidão, assim como uma forma de reinvestimento no futuro. O idoso aprecia ainda sua condição de avô, na qual mantêm interação significativa com os filhos e netos sem tantas obrigações como antes, revive suas experiências enquanto pai, repensando sua vida e satisfaz o desejo de sobreviver através dos netos, auxiliando a aceitação da própria mortalidade (Walsh, 1995; Capitanini, 2000).

O estudo do envelhecimento é bastante recente e quando foi iniciado se pensava que ao envelhecer a pessoa deixava de se desenvolver, adoecia e teria que se afastar de tudo. Hoje, através de muitas pesquisas e avanços na área da gerontologia, sabe-se que pode haver desenvolvimento e qualidade de vida na velhice (Rowe, 1992; Vitta, 2000). A partir desses conhecimentos, Paul Baltes (1995) organizou um Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido no qual se estuda o desenvolvimento e exploração das capacidades de reserva na velhice. É um modelo que procura conciliar diversas contribuições sócio-psicológicas à gerontologia, em especial o conceito de curso de vida, apresentado anteriormente. Entende-se que na velhice é possível manter os níveis habituais de adaptação do indivíduo, preservando o potencial individual e respeitando os limites da plasticidade de cada um (Neri, 1993 e 1995; Guimarães, 1997).

A Política Nacional de Saúde do Idoso prevê a promoção do envelhecimento saudável, a manutenção e melhoria da capacidade funcional dos idosos, ou seja, que consigam manter suas habilidades físicas e mentais necessárias para uma vida independente e autônoma, salientando ainda a promoção da prevenção de doenças e, quando necessário, a recuperação da saúde e reabilitação da capacidade funcional para garantir sua participação na sociedade de forma independente. Segundo a política

citada, a maioria dos idosos possui essa capacidade funcional e é preciso estimulá-la e auxiliar na sua manutenção, responsabilidade conferida ao Estado e a família.

Segundo uma revisão de pesquisas realizada por Neri (1993 e 1995), estudos baseados no modelo de envelhecimento bem sucedido, mostram que há potencial de desenvolvimento na velhice e capacidade de compensar declínios ou prejuízos decorrentes do envelhecimento pela ativação (através da aprendizagem, exercícios ou treinamento) das capacidades de reserva para desenvolvimento dos idosos dentro dos limites e motivação de cada um. Perdas mecânicas do funcionamento intelectual podem ser compensadas em ganhos na pragmática. Tenha-se como exemplo os resultados e o crescimento do número de universidades da terceira idade, cursos profissionalizantes e programas de apoio para idosos, bem como estudos em que as perdas da memória foram compensadas com técnicas de memorização, entre outros. Outros estudos mostram que os idosos mantêm visão positiva de si e capacidade de controlar suas vidas de forma eficaz apesar das dificuldades e tensões inerentes ao envelhecimento (Neri, 1993 e 1995; Freire 2000).

O envelhecimento satisfatório se dá com o equilíbrio entre limitações e potencialidades da pessoa para enfrentar as perdas inevitáveis e de sua constante interação com o meio ambiente de forma a facilitar a sua adaptação à mudanças ocorridas em si e no mundo que o cerca. O envelhecimento satisfatório depende ainda da competência (emocional, cognitiva e comportamental) adaptativa do indivíduo, ou seja, da capacidade generalizada que tem para responder com flexibilidade aos desafios resultantes do corpo, mente e ambiente (Rowe, 1992; Freire, 2000).

Como vimos até o momento, a velhice não pode ser expressa ou compreendida apenas por seus aspectos negativos, nem tampouco apenas por seus aspectos positivos, pois ambos constituem a realidade do envelhecer e de ser idoso, não sendo possível dissociá-las. Entretanto, como disse Beauvoir (1990) “*A velhice é o que acontece às pessoas que ficam velhas...*” e é difícil abarcar essa pluralidade de experiências na velhice, num conceito ou noção, ou seja, é difícil definirmos algo tão complexo e diverso como o fenômeno da velhice, mostrando a heterogeneidade que ela assume se considerarmos as diferenças individuais, de gênero, familiares, culturais, sociais e históricas, que a envolvem, até porque, como vimos anteriormente, a velhice se constitui o resultado de todo processo de envelhecimento e assim, de toda a somatória de vivências que compõe o curso de vida do idoso. Já em 1970, em sua edição original de

A velhice, Beauvoir (1990) falava da heterogeneidade na vivência do envelhecimento e da velhice em si, tal qual se discute atualmente.

O que se disse anteriormente da multiplicidade de aspectos e influências que envolvem o envelhecer e a velhice, fazem parte também da vivência das outras fases do curso de vida do indivíduo, assim como da adolescência e da idade adulta. Morin (1987) denunciou que só vivemos o presente e que temos como valor a juventude eterna. Podemos pensar o quanto isto é angustiante para o idoso que está diante da velhice e de todas suas conseqüências já descritas, que não são compatíveis com as características (principalmente físicas) que se tem na juventude. Entretanto, esse é um modelo que traz desconforto a todos, também a pessoas de outras faixas etárias, na medida em que todos estão insatisfeitos a todo momento por não conseguirem alcançar esse ideal de ser humano ou o buscarem continuamente, como vimos na discussão sobre o envelhecimento humano. Outro ponto em questão é o de que viver somente o presente, o novo, o incerto, o atual, não causa desconforto e descontentamento somente aos idosos, na medida em que essa mudança constante deixa adultos e adolescentes sem referenciais, tudo é novo, incerto, não se pode contar com nada nem ninguém, só com a incerteza de tudo. Não se tem a quem recorrer, já que os valores antigos são ultrapassados, assim como as gerações anteriores. Dessa forma, podemos perceber que muitas das incertezas, angústias, insatisfações e problemas vivenciados pelos idosos, são compartilhados (talvez não na mesma proporção e com o mesmo sentido), por indivíduos em outras faixas etárias, o que nos leva a salientar novamente, a urgência em se questionar os valores que servem de base ao relacionamento humano e a organização dos homens enquanto sociedade.

Considerando as reflexões de Morin (1987), podemos pensar que a experiência e a sabedoria adquiridas ao longo dos anos, faz dos idosos referenciais importantes tanto para os jovens quanto para a sociedade em geral, que acabam por ser desconsiderados ou renegados ao esquecimento, diante de uma sociedade que valoriza apenas o presente, o novo e o transitório.

Nesta discussão sobre o desenvolvimento humano, vimos que durante a adolescência ocorrem mudanças corporais que conduzem ao amadurecimento e crescimento físico. É um período marcado pela experimentação do mundo na qual o adolescente busca se diferenciar e separar de sua família, almejando individualidade e independência. Ao passar para a fase adulta, o indivíduo conquista independência familiar e cria seus próprios laços de interdependência, adquirindo a capacidade de

manter intimidade com alguém sem perder a identidade conquistada. É o período em que o trabalho e as relações nele estabelecidas tem mais ênfase e ganham maior espaço na vida do indivíduo. Aumentam as responsabilidades e compromissos com o cônjuge, filhos, família e trabalho. Chegada a aposentadoria, o trabalho formal cede espaço a revisão e reorganização do tempo, dos relacionamentos e da vida como um todo do idoso. A velhice é o período em que ocorrem os declínios físicos inerentes à idade e o idoso busca o equilíbrio entre as limitações e potencialidades para utilizar e otimizar suas habilidades e capacidades para vivenciar esta etapa da vida. As doenças e mortes de amigos, parentes e cônjuge colocam o idoso à frente com a finitude do ser humano e à frente de sua própria finitude.

2.3 - A Teoria das Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais se encontra nesta dissertação, como um dos principais referenciais teóricos, tendo em vista que através dos conceitos subjacentes a esta teoria, somados a compreensão do desenvolvimento humano e da caracterização do envelhecimento, foi possível identificar e conhecer as representações sociais do envelhecimento de grupos de faixas etárias diferentes (adolescentes, adultos e idosos), como proposto no projeto de pesquisa que deu origem a presente dissertação. As representações sociais constituem uma forma de conhecimento do mundo, na qual os grupos constroem e compartilham um conjunto de conhecimentos, conceitos e explicações sobre determinado fato ou tema, durante as conversações interpessoais que estabelecem no cotidiano (Moscovici, 1978 e 1981).

A Teoria das Representações Sociais foi proposta em 1961 pelo psicólogo social Serge Moscovici na obra *La Psychanalyse: Son image et son public*, na qual o autor buscou observar o que ocorre quando um novo corpo de conhecimento (a psicanálise) é difundido em uma população (a população parisiense) (Farr, 1998). O autor se amparou no conceito de representações coletivas de Durkheim (um dos fundadores das ciências sociais), próprias de sociedades tradicionais, menos complexas e dinâmicas como as sociedades atuais, interesse de Moscovici. Para Moscovici é mais pertinente se falar em representações sociais na modernidade, visto a pluralidade e rapidez com que as mudanças políticas, econômicas e culturais acontecem e visto a expressiva e constante influência que a ciência e os meios de comunicação social têm sobre as conversações cotidianas, base das representações sociais (Moscovici, 1978; Moscovici e Hewstone, 1985; Farr, 1998; Guimarães, 1999).

Para Durkheim a vida social rege toda forma de pensamento e é formada essencialmente de representações coletivas. Os fatos sociais só podem ser explicados por outros fatos sociais, irredutíveis a análise singular, individual. Durkheim dividiu as representações em representações individuais (objetos de estudo da psicologia) e representações coletivas (objeto de estudo da sociologia), pois entendia que as últimas não poderiam ser reduzidas às primeiras, já que são distintas e exteriores a elas. Por representações coletivas Durkheim fazia referência a uma série de fenômenos psíquicos e sociais como ciência, religião, mito, magia, etc., sem no entanto explicar essa pluralidade de organizações do pensamento (Moscovici, 1978 e 1981; Jodelet, 1985; Vala, 1993; Farr, 1998). Para Moscovici, as representações coletivas que Durkheim

descreve e identifica deveriam ser explicadas em outro nível de análise: a psicologia social, situada no cruzamento das ciências psicológicas e ciências sociais, devendo-se garantir e delimitar sua especificidade dentro do contexto da sociedade atual, bastante distinta daquela sociedade de que Durkheim tratava. Surge então, as representações sociais (Moscovici, 1978, 1981 e 1998; Vala, 1993).

A sociedade moderna se caracteriza como um espaço de conflito e mudança, em que não existe a sedimentação característica das tradições permanentes e imutáveis. Ao contrário, os conhecimentos, idéias e conceitos mudam rapidamente, as representações sociais são construídas e modificadas em curto espaço de tempo, não ocorrendo mais o uso de conceitos sociológicos mais amplos, unificadores e centralizadores, dos quais todos compartilham da mesma forma (Moscovici, 1981). As representações de que se ocupa Moscovici (as representações sociais) não são entendidas como indiscutíveis ou consensuais (como as que trata Durkheim) mas sim como objeto de controvérsia e conflitos nas comunicações interpessoais no cotidiano e através desses conflitos é que as representações se aproximam e excluem, unem-se umas as outras ou se distinguem (Moscovici 1981 e Farr 1998).

Para Moscovici o conceito de representações sociais é difícil de especificar e apreender justamente pelo fato de estar em uma posição mista entre conceitos sociológicos e psicológicos. Durante muito tempo permaneceu na sociologia como um conceito para explicar as interações sociais, mas com seu trabalho, Moscovici apontou para o fato de que as representações sociais ocorrem na vida social e que portanto, se configuravam além de um conceito, como um fenômeno a ser estudado pela psicologia social, esboçando então a Teoria das Representações Sociais. Assim como Durkheim, Moscovici se preocupou em estudar como as representações coletivas se transformam, se fundem e se articulam entre si e quais processos (cognitivos e sociais) são determinantes para esse movimento. Entretanto, ele não está interessado apenas em como elas ocorrem mas principalmente por quê ocorrem, qual a função que exercem na vida dos indivíduos e grupos (Moscovici, 1978, 1981 e 1998; Moscovici e Hewstone, 1985; Jodelet, 1985; Vala, 1993).

Na teoria das representações sociais há um abandono da distinção clássica entre sujeito e objeto, já que não existe uma realidade *a priori*, mas sim uma realidade representada, reapropriada pelos indivíduos e grupos, reconstruída em seu sistema cognitivo e vinculada aos valores, normas e regras do sujeito e dependentes da intervenção do social, dada pelo contexto concreto e contexto cultural e social onde se

situam os indivíduos e grupos, pela comunicação que se estabelece entre eles e pelos códigos, valores e ideologias relacionados com as posições e pertenças sociais compartilhadas pelos indivíduos e grupos. O objeto configuraria para o sujeito uma extensão de seu comportamento, atitudes, normas e valores a que se refere, constituindo a realidade mesma. Há uma integração entre as características objetivas do objeto experienciadas pelo sujeito, com a representação que faz dele, segundo seu sistema de atitudes e normas e segundo as necessidades e interesses que tem sobre ele (Moscovici, 1978; Jodelet, 1985; Moscovici e Hewstone, 1985; Abric, 1998). Esta visão prática da realidade que Jodelet (1985) nomeia de saber ou conhecimento prático, permite ao sujeito dar sentido as suas condutas e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências, situando a si e ao grupo nessa mesma realidade. De acordo com Abric (1998), as representações sociais são então, tanto o produto quanto o processo dessa atividade mental em que indivíduos ou grupos redefinem a realidade e atribuem a ela um significado específico, utilizado para definir suas ações e relações sociais.

Moscovici coloca que antes da ciência ter o papel central que possui hoje na sociedade moderna, o senso comum, ou seja, as noções, conceitos, vocabulário, explicações, formas de viver e explicar o mundo, formas práticas de resolver problemas e de se orientar perante um objeto eram construídos pelas comunidades e profissionais, eram reconhecidos e tidos como referencial para toda a forma de convivência social, sendo inclusive, matéria prima dos estudos da ciência e da filosofia. Atualmente, o senso comum foi de certa forma desvalorizado e a ciência passou a ter papel fundamental na vida dos indivíduos e dos grupos. Estes esperam dos indivíduos e grupos competentes (os cientistas) respostas para seus problemas, esperam receber os conhecimentos que afetam e modificam o cotidiano, para obtê-los e fornecê-los aos seus grupos; ficam curiosos e atentos às novas descobertas científicas. A ciência acaba por oferecer maior parte dos objetos, conceitos, analogias, formas de pensar e encarar os fenômenos e conhecimentos a que recorremos em tarefas econômicas, políticas ou intelectuais. Damos muita credibilidade a um conhecimento científico e comprovado. Constantemente as pessoas têm diante de si um grande número de teorias e conhecimentos que acabam por depurar e organizar de uma forma coerente, acessível e utilizável no cotidiano, agregando tantos elementos e de origem tão diversa quanto possível e necessário, como os da ciência e da experiência direta, por exemplo. Esse é o trabalho das representações sociais (Moscovici 1978 e 1981; Moscovici e Hewstone, 1985; Vala 1993).

Na Teoria das Representações Sociais, Moscovici (1978 e 1981) faz uma distinção entre dois universos: o consensual e o reificado. No universo consensual cada indivíduo é livre para se comportar como um “*pensador amador*”, um curioso que pensa sobre política, educação, saúde, etc., verbaliza opiniões, pontos de vista, explicações, teorias e respostas acerca de um objeto, que, ao adentrarem nas conversações do dia a dia, em lugares como ruas, bares, praças, associações, cinemas, clubes, locais de trabalho e lazer, entre outros, dão lugar as representações sociais do mundo que os cerca (Moscovici, 1978 e 1981; Jodelet, 1985; Guimarães, 1999). A teorização, a organização e as concepções sobre o mundo, ou seja, as representações sociais, serão formadas e compartilhadas na comunicação travada na interação social cotidiana e todos os ocupantes desse universo são participantes ativos na construção deste conhecimento (as representações sociais).

Já o universo reificado tem a ciência como forma de conhecimento. Os ocupantes deste universo são selecionados e qualificados para elaborar idéias e conceitos. A participação de cada ocupante deste universo depende da ordem em que se encontra hierarquicamente, ordem estabelecida de acordo com seus méritos, qualificação e competência profissional, bem como dos papéis e classes a que pertence (Moscovici 1981; Moscovici e Hewstone, 1985). Como aponta Moscovici (1978 e 1981), a ciência tem exercido inegável influência no universo consensual, na medida em que veicula conhecimentos, propõe situações ou objetos que muitas vezes nos são apresentados de uma nova ótica ou não fazem parte de nosso cotidiano, trazendo para os grupos a necessidade de conhecê-los, reinterpretá-los e reelaborá-los por meio das representações sociais.

Enquanto que o modo de conhecimento do universo reificado, a ciência, busca objetos, eventos ou conhecimentos que permaneçam imunes aos desejos e influências do pesquisador, as representações sociais, o modo de conhecimento do universo consensual, estimula e dá força a participação coletiva, explicando coisas e eventos de tal forma que sejam acessíveis a cada um de seus ocupantes e relevantes aos interesses e necessidades imediatas, ou seja, sirvam para orientar condutas e relacionamentos entre os indivíduos, entre os grupos e destes com o mundo. A teoria das representações sociais trata do universo consensual que, segundo Moscovici, deve ser o foco também da psicologia social (Moscovici, 1978 e 1981).

O principal objeto de estudo da Teoria das Representações Sociais são as teorias criadas e compartilhadas pelos grupos em sua comunicação cotidiana, denominadas na

literatura científica de teorias do senso comum ou pensamento ingênuo (Jodelet, 1985; Moscovici & Hewstone, 1985). Falar em representações sociais como forma de conhecimento, como teorias do senso comum, implica em reconhecer a especificidade de diferentes modalidades de conhecimento: científico, religioso, mágico, ideológico, etc. Moscovici está interessado em como uma modalidade de conhecimento se transforma em outra: o conhecimento científico em senso comum, em como as teorias e conhecimentos científicos adentram o cotidiano dos indivíduos e grupos (Vala, 1993; Moscovici, 1978, 1981; Jodelet, 1985; Moscovici e Hewstone, 1985; Farr, 1998). Para Farr (1998), Moscovici modernizou e adequou a ciência social ao mundo atual substituindo as representações coletivas por representações sociais, contribuindo significativamente para a compreensão dos fenômenos coletivos.

“Por representações sociais nós queremos dizer um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originados no cotidiano, no decurso de comunicações interindividuais. Elas são equivalentes, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças nas sociedades tradicionais, elas podem até mesmo ser vistas como uma versão contemporânea do senso comum.” (Moscovici, 1981:181)

Configura-se então uma nova forma de senso comum, agora associada a ciência e a uma sociedade bastante dinâmica e pluralista (Moscovici 1978, 1981; Moscovici & Hewstone, 1985). Para Moscovici, muitos cientistas não gostam dessa forma de ver as coisas, pois ao passar da ciência ao senso comum, ocorreriam mudanças no conhecimentos, deturpação ou desmerecimento da ciência e que as pessoas de uma forma geral não estão aptas a receber e utilizar corretamente esse saber que seria mais complexo e rebuscado do que o senso comum. Entretanto, o autor discorda dessa posição, dizendo que por meio das representações sociais não ocorre distorção, vulgarização ou empobrecimento das proposições iniciais ou deslocamento de sentido dado ao conhecimento científico e ainda, que não são formas arcaicas e primitivas de pensar e se situar no mundo. Trata-se sim, de outro tipo de conhecimento, adaptado a outras necessidades, obedecendo a outros critérios e em um contexto social preciso. Os grupos não reproduzem um saber da ciência, mas o reelaboram segundo sua própria conveniência, de acordo com seus meios e materiais disponíveis (Moscovici, 1978, 1981 e 1998; Jodelet, 1985; Moscovici e Hewstone, 1985; Vala, 1993).

“... a representação social é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e

social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas e liberam os poderes de sua imaginação.” (Moscovici, 1978:28)

Ao representar o saber científico, o conhecimento ganha novo status: a de senso comum, sob a forma de representações sociais. “... *a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação dos indivíduos.*” (Moscovici, 1978:26). As representações sociais, como propostas por Moscovici, ganham novo status epistemológico e teórico, ao serem entendidas não mais como reprodução ou como mediação social, mas como construção, fator essencial para estimular e orientar comportamentos, resultado da junção e confronto de atividade mental do sujeito e as complexas relações que mantêm com o objeto (Vala, 1993; Jodelet, 1985; Moscovici 1978; Moscovici e Hewstone; Abric, 1998).

“... as representações sociais são conjuntos dinâmicos, seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma ação que modifica aqueles e estas, e não de uma reprodução desses comportamentos ou dessas relações, de uma reação a um dado estímulo exterior” (Moscovici, 1978: 50)

Para Moscovici, a ciência ainda não tem claro sua função essencial: “*transformar a existência dos homens*” e de que as representações sociais (conhecimento do senso comum, comuns na sociedade atual) tem um papel fundamental nisso, na medida em que servem para socializar o conhecimento científico, introduzindo-o nas comunicações do cotidiano e tornando-o parte integrante da realidade e da vida cotidiana das pessoas (Moscovici 1978).

“Elas [as representações sociais] têm por pano de fundo uma mudança historicamente decisiva da gênese do nosso senso comum, que não é o contágio de idéias, a difusão de átomos de ciência ou de informação que observamos, mas sim o movimento no decorrer do qual as descobertas científicas são socializadas.” (Moscovici, 1978:24)

Para Moscovici, existe uma causa sociológica em se pensar em representações sociais, que são necessidades e práticas profissionais de pessoas denominados por ele de “divulgadores científicos”, “amadores culturais”, “formadores de adultos” e formadores de opinião e que são representantes da ciência, cultura e técnica junto ao público e que, por conseguinte, utilizam e criam representações sociais (Moscovici, 1978). No caso do

objeto envelhecimento, pode-se citar como exemplos de profissionais divulgadores e formadores de representações sociais, os Cuidadores Leigos de idosos e Agentes comunitários de Saúde (nos quais o Ministério da Saúde do Brasil tem depositado grande responsabilidade no cuidado e orientação a idosos - Ministério da Saúde, 1999), os estudantes de Universidades de Terceira Idade e participantes de grupos de convivência espalhados por todo país, organizadores, dirigentes e estudantes das atividades direcionadas a idosos nas unidades do SESC (Serviço Social do Comércio) em todo Brasil, entidades religiosas e agregações de voluntários, bem como as associações e até mesmo um partido criado por aposentados, que lutam pelo direito a cidadania dos idosos, e tantas outras mais, que têm colaborado na discussão e difusão de informações sobre o envelhecimento e a velhice atualmente, como nos aponta Neri (1997) e Cachioni (1999).

A ciência visa o controle da natureza e busca a verdade sobre ela. O modo de conhecimento da ciência estuda e se aplica a fenômenos isolados, estanques, que vão ser depurados em um meio purificado, isolado e estilizado, com regras, etc., que não se aplicam ao meio e experiências do cotidiano em que indivíduos e grupos estão em um contexto pouco depurado e definido, mais complexo e indistinto do que o do cientista. Por exemplo, o entendimento do envelhecimento como processo que ocorre durante todo o curso de vida do ser humano, não tem sido constatado nas pesquisas sobre o tema (Santos, 1996; Guimarães, 1997; Teixeira, 1999), nas quais as pessoas referem-se apenas à velhice, como etapa de vida em que não há desenvolvimento, configurando-se como um conceito acadêmico que não faz parte do cotidiano dos grupos. Outro exemplo da diferença entre o universo reificado e o universo consensual, é a pesquisa de López (1999) em que um grupo de idosos de São Paulo não entendia a pergunta da autora sobre o que seria qualidade de vida para eles. Ao observar as expressões com as quais os idosos qualificavam a vida, foi inserida a expressão “estar bem de vida”, que fora melhor entendida pelos participantes e com a qual a pesquisa foi realizada.

Segundo Moscovici (1978), a difusão ou disseminação do conhecimento não é feita de cima para baixo ou como imitação da massa que ignora, do pensamento dos que sabem, mas sim como troca em que se ocorrem mudanças qualitativas e de alcance, nas teorias e conhecimentos. Mudanças essas que são determinadas tanto pelos meios de comunicação (jornais, revistas, TV, conversações), como pela organização social dos que comunicam (Igreja, partidos, instituições, grupos sociais, associações, etc.). Nessa visão, a comunicação não é uma simples transmissão de mensagens originais e

inalteradas, mas ela diferencia, traduz, interpreta e combina, assim como os grupos inventam, diferenciam ou interpretam os objetos sociais ou representações sociais de outros grupos.

Pelo menos dois fatos contribuem para que o assunto envelhecimento esteja presente no cotidiano das pessoas e seja alvo das conversações diárias: o aumento do contingente de idosos e a divulgação de conhecimentos sobre o envelhecimento. Considerando os dados demográficos apresentados, há uma probabilidade cada vez maior de conhecermos, convivermos e nos depararmos com pessoas idosas (nas relações familiares, de parentesco ou somente de proximidade) ou com pessoas pensando sobre seu próprio envelhecimento. Já fazem parte do nosso cotidiano a divulgação, por meio da mídia, de novos conhecimentos sobre o envelhecimento, bem como as perspectivas de demógrafos quanto ao envelhecimento populacional. Novas formas de tratamento de doenças, cuidados, produtos e intervenções para adiar os efeitos físicos da velhice (como flacidez, rugas, etc.) são divulgadas. Vemos pessoas idosas como protagonistas em comerciais, aparecendo em novelas, fotos, revistas, propagandas e participando de concursos, apresentações artísticas em geral, entre outros eventos. Isto tudo traz para as relações interpessoais do cotidiano, novos conhecimentos, teorias e concepções a repensar e representar.

Neri (1997) coloca que atualmente há uma clareza maior sobre as conseqüências a curto, médio e longo prazo do envelhecimento populacional e que os meios de comunicação de massa tem contribuído para aumentar o interesse sobre o assunto, tanto por parte de leigos quanto de cientistas, de várias formas: ao divulgar as mazelas e problemáticas dos sistemas públicos de saúde e de previdência social; com a divulgação por parte da medicina e da gerontologia no Brasil da noção de que são necessários investimentos sociais e de pesquisa no que diz respeito ao envelhecimento populacional; ao difundir informações sobre as possibilidades de envelhecer com saúde e diminuir, disfarçar ou ocultar os efeitos do envelhecimento; e por fim, pela pressão que os meios de comunicação de massa e propaganda estariam exercendo para que as pessoas criem “... *hábitos de consumos identificados e valorizados como ‘jovens’ (...) criando aspirações de engajamento e de continuidade da atividade, como forma de manter o status de adulto não-idoso e de evitar a velhice.*” (Neri, 1997: 98).

Os meios de comunicação de massa são atualmente, um meio poderoso e dinâmico de elaboração de representações sociais, pois fornecem a cada dia mais material, mais conteúdo no cotidiano dos indivíduos e grupos a serem repensados e

reelaborados. Os trabalhos de Acosta-Orjuela (1999) e Silva (1999) mostram como os meios de comunicação de massa colocam informações e concepções sobre o envelhecimento.

Acosta-Orjuela (1999) diz que uma das características mais notáveis da sociedade contemporânea é o aumento da quantidade de tempo dedicado a TV no Brasil e no mundo. O uso da TV, segundo o autor, tem grande impacto na vida cotidiana, na produção de valores, comportamentos, costumes, etc., e como vimos, nas representações sociais de determinado objeto. O autor cita várias pesquisas em nível internacional quanto ao uso da televisão, em que comparado a outras faixas etárias, haviam poucos idosos como atores e, quando havia, eram mais homens do que mulheres, pois o público tendia a não gostar de sua presença, principalmente se eram assertivas. Os personagens idosos eram apresentados como pouco amistosos, socialmente rejeitados, com problemas de saúde, sexualmente impotentes, inativos, ineficientes, não atraentes, sem utilidade, força ou status. Poucos personagens eram mostrados como realizados, felizes e bons e raramente eram pessoas importantes e efetivas. O autor coloca que a quantidade de tempo dedicado a TV diminui na adolescência se comparada à infância, aumenta um pouco na idade adulta e acresce ainda mais depois dos 55 anos, sendo bastante preocupante depois dos 80 anos. Conforme aumenta a idade, aumenta a satisfação com a TV e diminui a crítica quanto a seu conteúdo e se configura como a principal fonte de lazer para os idosos. Os mais assíduos no uso da TV de outras faixas etárias que não os idosos, vêem a velhice de forma mais negativa do quem usa a TV de forma leve ou moderada. O autor coloca que a TV é um meio poderoso para influenciar o conceito de envelhecimento e velhice que as pessoas, a família e o grande público possuem, mas no Brasil há pouca produção científica sobre o tema, sendo necessários maiores esforços para dimensionar o alcance de sua amplitude no país.

Silva (1999) analisou revistas femininas destinadas ao lazer e consideradas populares, mostrando que veiculavam um modelo de envelhecimento feminino ressaltando um ideal de existência estética para as mulheres, com muitos cuidados considerados pela autora como agressivos, caros e geradores de dependência, utilizando-se dos recursos do disfarce, da maquiagem, das plásticas, das dietas, ginásticas e vários outros.

Como demonstrado por Moscovici, os meios de comunicação aliados a intervenção da ciência no cotidiano, exercem influência na construção das teorias do senso comum que os grupos fazem sobre determinado objeto. Os autores citados acima

nos mostram indicativos de como isso ocorre em relação ao envelhecimento, a velhice e a pessoa idosa.

As representações sociais carregam o adjetivo de social pois são construídas coletivamente no decurso das comunicações estabelecidas cotidianamente pelos grupos e também pela função que possuem. A função das representações sociais é tornar familiar aquilo que é desconhecido, estranho, intrigante, perturbador e socialmente relevante para os grupos. Há então uma reelaboração, uma re-apresentação coletiva do que é apresentado ao grupo sobre determinado objeto, tema, fato ou conhecimento, tendo como referencial aquilo que já se sabe sobre o mundo, tornando-os acessíveis aos grupos e convertendo-os em conhecimentos utilizáveis na orientação de condutas no cotidiano (Moscovici, 1978 e 1981; Sá, 1998; Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo, 1999). Para qualificar uma representação de social, é necessário saber quem a produz, mas também por quê o faz, enfatizando que ela contribui para “... *os processos de formação de conduta e de orientação das comunicações sociais.*” (Moscovici, 1978:77).

Se algo impressiona e aciona um trabalho de pensamento no grupo é porque está fora e distante de seu universo habitual, causa surpresa, tensão e desconforto. Uma descoberta, conhecimento, povo, acontecimento, etc., parecem-nos distantes ainda, porque não estamos neles, porque se formaram e evoluíram sem que existíssemos, sem relação conosco. Para sentir esses objetos como integrantes do cotidiano e o grupo como co-autor de sua criação e evolução, dá-se a representação, o que significa que o grupo vai repensá-los a sua maneira, em seu contexto, conforme suas necessidades, desejos e interesses. O grupo se introduz em uma região de pensamento ou saber de que foi eliminado e se investe nela e torna seu o objeto, modificando-o, representando o que tinha existência sem ele (Moscovici, 1978 e 1981). Por isso, Moscovici coloca que haverá ou existem tantos universos de opiniões quantas classes, grupos e culturas existirem, mostrando a diversidade que as representações sociais podem assumir (Moscovici, 1978). “*Aí reside o poder criador da atividade representativa: partindo de um repertório de saberes e experiências, ela é suscetível de deslocá-los e combiná-los, para integrá-los aqui ou fazer com que se desintegram acolá.*” (Moscovici, 1978: 63)

Cada representação tende a tornar uma coisa desconhecida ou não familiar em familiar, próxima, conhecida. O universo consensual é aquele em que cada um de nós busca se sentir em casa, protegido de discordâncias, incompatibilidades e incoerências. Por outro lado, a novidade é aceita para dinamizar, avivar e renovar o diálogo, as

conversações. Aquilo que é familiar serve como ponto de referência preferido, servindo como base de comparação com tudo o que ocorre e é observado. Os objetos individuais e eventos são reconhecidos e compreendidos com base nos encontros anteriores, nos modelos, nos pontos de referência estabelecidos, os esquemas de referência a que Moscovici se refere. O ato da representação transfere o que é perturbador e ameaçador em nosso universo de fora para dentro, de remoto para próximo. Esta transferência opera de forma a separar conceitos e percepções que estão associadas e os integrá-los em contextos onde o incomum se torna familiar e o irreconhecível é moldado a uma categoria reconhecida, atenuando as características inquietantes e surpreendentes, transformando-as em algo habitual e coerente com os pontos de referência (Moscovici, 1978 e 1981; Sá, 1998; Vala, 1993).

Moscovici (1978) diz que ao mesmo tempo em que as representações sociais motivam e facilitam a transição de conceitos e teorias desconhecidas, distantes e intrigantes em algo próximo, ao saber mais imediato e permutável, tornando-se “instrumentos de comunicação” as representações sociais tomam lugar da ciência, a reconstitui a partir das relações envolvidas, deixando que a ciência entre no ciclo de interesse e transações correntes na sociedade. No conhecimento do senso comum não temos a necessidade de abarcar toda a complexidade do fenômeno, a tendência é buscar atalhos, caminhos simplificadores para explicar algo.

“... seu papel consiste em modelar o que é dado do exterior, na medida em que os indivíduos e os grupos se relacionam de preferência com os objetos, os atos e as situações constituídos por (e no decurso de) miríades de interações sociais.”
(Moscovici, 1978:26)

Dois processos são necessários para a familiarização com o desconhecido (função das representações sociais) e fornecem os “caminhos simplificadores” acima citados: a ancoragem e a objetivação. A ancoragem é o processo de aproximação daquilo que é desconhecido e estranho para o familiar e acessível a compreensão do grupo. Para fazermos uma ancoragem, classificamos o que é desconhecido e lhe damos um nome, transformando e situando o estranho em categorias que parecem mais apropriadas ao grupo para posteriormente integrá-los às categorias familiares ao grupo, denominadas por Moscovici (1981) de “*esquemas de referência*”. Essa aproximação é feita através das imagens, conceitos e linguagem compartilhadas pelo grupo em que são fundamentais as convenções e a memória. Pelo processo de objetivação os grupos

reproduzem o desconhecido, até então abstrato, inacessível e inutilizável no cotidiano, simplificando-o e tornando-o algo concreto, quase físico, por meio de uma forma ou imagem (ícone) e assim o representam (Moscovici 1978 e 1981). Então, como resultado de sucessivas alterações, o que era anteriormente abstrato e distante, agora é algo cotidiano e quase concreto. Vejamos os dois processos com maiores detalhes.

A ancoragem é um processo de enraizamento (Jodelet, 1985), um amarramento, um porto seguro onde ancoram a representação e seu objeto. Através da classificação e da nomeação, o objeto antes estranho, inexistente e ameaçador é ancorado, ou seja, é categorizado. Ocorre a inserção do objeto dentro do sistema de pensamento ou categorização preexistente, que fornece modelos, protótipos com os quais o objeto vai ser comparado e classificado, sendo ancorado em uma categoria mais apropriada para o grupo. Ao nomear o objeto o grupo o retira do caráter estranho e inquietante do anonimato e pode inseri-lo, integrá-lo a uma categoria mais familiar, ao seu esquema de referência. Assim, ocorre uma modificação tanto no objeto novo, representado, como no sistema de referência que também sofre um remanejamento para receber o novo. Ao final da ancoragem, confere-se significado a algo destituído de sentido no universo consensual. É dado uma identidade aquilo que era estranho e então o objeto é reconhecido e aceito. Por meio da ancoragem é possível, pela linguagem compartilhada pelo grupo, classificar indivíduos e acontecimentos, criando tipos e modelos como base para avaliar e classificar outros indivíduos e grupos, permite ser instrumento de referência para a comunicação e a mediação entre indivíduo e seu meio, assim como para os membros de um mesmo grupo (Moscovici, 1981; Jodelet, 1985; Vala, 1993).

Já no processo de objetivação, ocorre uma descontextualização da teoria, conhecimento ou fato, de sua lógica original e do contexto em que foi criado para posterior seleção dos elementos que são necessários ou que se encaixam às categorias já existentes. O grupo, para Moscovici, seleciona palavras e imagens que têm capacidade figurativa, formando um núcleo figurativo, uma estrutura de imagem que reproduz uma estrutura conceitual de maneira visível, gráfica e significante, com vistas a servir às necessidades, interesses e valores do grupo. Ao adquirir e estruturar esse modelo ou núcleo figurativo, fica mais fácil falar sobre o objeto representado e ele é tomado como criação do grupo, algo concreto, materialmente esquematizado, habitual e corriqueiro, somando-se aos pontos de referência já existentes (Moscovici, 1981; Jodelet, 1985; Vala, 1993).

A descrição dos processos de ancoragem e objetivação que compõe as representações sociais, nos mostra que os múltiplos grupos a que os indivíduos pertencem, são ativos e pensam de forma autônoma ao produzirem e comunicarem constantemente representações.

O presente estudo prioriza o estudo dos conteúdos das representações sociais do envelhecimento realizando uma análise estrutural das mesmas. Moscovici (1978) aponta para a análise de três dimensões das representações sociais: a dimensão da informação, a dimensão da atitude e a dimensão do campo da representação. A dimensão da informação diz respeito a quantidade e qualidade de informações e conhecimentos; a dimensão da atitude diz respeito a orientação global positiva ou negativa do grupo frente ao objeto; e a dimensão do campo de representação ou imagem corresponde a organização do conteúdo em torno de uma estrutura hierarquizada, gráfica, considerando suas propriedades qualitativas e figurativas (Moscovici, 1978; Sá, 1998; Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo, 1999). Através dessas três dimensões de análise, percebe-se o quanto as representações sociais são uma forma organizada e estruturada de conhecimento. Sá (1998) coloca que, de forma geral, os pesquisadores estão direcionando seus estudos a análise da dimensão do campo da representação. O presente estudo também vai nessa direção, na medida em que busca investigar como adolescentes, adultos e idosos organizam e estruturam seus conhecimentos e conceitos a respeito do envelhecimento.

Como colocado anteriormente, as representações sociais se fazem em contexto de conflito e mudanças constantes e o estudo das representações sociais pode mostrar tanto semelhanças como diferenças quanto ao objeto pesquisado. Moscovici (1978) dispunha que para o estudo das representações sociais é importante e necessário a comparação das representações sociais dos grupos, pois elas traduzem a relação do grupo com o objeto socialmente valorizado. Um grupo pode ser diferenciado do outro pela orientação, presença ou ausência da representação ou das suas dimensões. Nesse estudo buscou-se investigar as representações sociais do envelhecimento de três grupos de indivíduos em faixas etárias distintas, em que se aproximam e se afastam. Outros estudos sobre o tema tem demonstrado a importância em comparar as representações sociais ou atitudes em grupos de diferentes faixas etárias frente ao envelhecimento, a velhice ou a pessoa idosa (Santos, 1996; Guimarães, 1997; Posada, 1997; Marcon, 1997; Teixeira, 1999).

Existem poucos estudos no Brasil que apresentam o envelhecimento sob a ótica das representações sociais, mas as pesquisas realizadas indicam como o envelhecimento é representado pelos grupos. Guimarães (1997) fez um estudo com pessoas com idades entre 52 e 92 anos, pertencentes a três grupos residentes na cidade de Florianópolis. Foram detectados três tipos de representações sociais de envelhecimento: o primeiro está ligado a perda dos laços familiares e perda de atributos físicos, mostrando a recusa ou dificuldade de aceitar as transformações físicas; o segundo tipo de representação social do envelhecimento envolve a compreensão do idoso e da velhice pela perda de capacidade de atividade, de trabalho e reconhecimento social, o que não atinge o nível intelectual e a sabedoria, pois segundo os participantes da pesquisa, são maiores nessa etapa da vida; o terceiro tipo de representação social do envelhecimento apresenta a compreensão do envelhecimento como desgaste da máquina humana, em que aumentam as limitações a nível físico e as funções corporais não são como outrora, trazendo dificuldade para o idoso e para a pessoa que o cuida.

No trabalho de Guimarães (1997) as representações sociais de envelhecimento apontaram para uma percepção de velhice como fase de perdas em detrimento de ganhos, especialmente nos sujeitos mais jovens, que a concebiam ainda como momento de ruptura e descontinuidade do desenvolvimento humano. Quando eram apontados ganhos, diziam respeito a experiência, conhecimento da vida e sabedoria. Houve sujeitos, especialmente os idosos que moravam em um centro vivencial e aqueles que praticavam algum tipo de religião, que relatavam a velhice e o envelhecimento como uma fase de desenvolvimento, com perdas e ganhos, própria e natural ao curso de vida, assim como a morte. Por fim, as representações sociais de envelhecimento principalmente de mulheres, tratavam das transformações e mudanças corporais, vistas como feias e desagradáveis, sobre as quais o ser humano não tem controle.

Ao analisar as representações sociais do envelhecimento e das representações do self ou conceito de si com pessoas idosas e pessoas próximas dessa condição, Guimarães (1997) percebeu que as pessoas que estão próximas da velhice a conceituam de forma estereotipada, baseadas mais nas perdas e limitações do que nos ganhos, enquanto que as pessoas idosas valorizaram melhor o envelhecimento e tinham um conceito mais apropriado de si, de seu self, em função de como são e como gostariam de ser.

“A realidade representacional obtida nesse estudo encontra-se profundamente marcada por padrões cognitivos de natureza psicossociológica que ainda desvalorizam o idoso,

onde o envelhecimento não se constitui numa fase do desenvolvimento desejado e ainda mais, numa fase que é avaliada, muitas vezes, como uma anormalidade de dito desenvolvimento.” (Guimarães 1997:139)

A autora detectou que vários conteúdos das representações sociais estavam presentes nos discursos da representação do self e o inverso também, o que segundo ela seria a mostra de que a prática de comunicação entre os grupos ao tentar explicar e construir as suas teorias sobre os objetos dos quais falam ou vivenciam, ou seja, as representações sociais, como é o caso do envelhecimento, tem forte influência no conceito que as pessoas tem de si.

Em outro estudo na mesma cidade, Teixeira (1999) pesquisou as representações sociais de saúde e doença na velhice de 140 participantes, distribuídos nas categorias idosos saudáveis, idosos doentes, trabalhadores de saúde e cuidadores de pessoas idosas doentes. O estado emocional positivo e estabilidade psíquica, o cuidado preventivo e o grau de autonomia dos idosos no dia a dia são conteúdos centrais da representação social destes grupos sobre a saúde na velhice. Tê-los como referenciais é necessário para estar saudável na velhice, cuidando dos hábitos alimentares e estilo de vida. Na representação social de doença na velhice, compartilhada pelos pesquisados, os fatores psíquicos também influenciam na doença, que por sua vez tem como indicadores as limitações e incapacidades do idoso de satisfazer suas necessidades e enfermidades concretas. A doença foi expressa como problema e foi associada com a morte. Os idosos doentes apontaram a necessidade de apoio e carinho familiar como suporte de saúde e cura e compartilham com os idosos saudáveis a visão de que o abandono familiar e a falta de carinho são fatores de risco para adoecer.

Santos (1996) apresenta um estudo de representações sociais de velhice e a influência sobre a identidade do sujeito idoso, realizado com pessoas não idosas e pessoas idosas da zona rural nordestina, contexto bastante diferente daquele apresentado pelo estudo de Guimarães (1997). Nos dois estudos as pessoas não idosas representaram a velhice de acordo com características negativas, apresentando medo da velhice ao percebê-la como momento de perdas afetivas e sociais e de inutilidade para a sociedade, marcada pela aproximação da morte. Na pesquisa de Santos (1996), o abrigo para idosos foi tido como uma possibilidade para as pessoas idosas que não tem família, fato impensável para os idosos entrevistados que crêem e utilizam do acompanhamento e colaboração da família e amigos para seus cuidados. As mudanças corporais e a

aposentadoria, são representados de forma diferenciada do estudo de Guimarães (1997) apresentado acima. Chegar à velhice no meio rural, tendo trabalhado tantos anos em serviço pesado e desgastante é um triunfo e um desejo para os entrevistados, sendo as transformações corporais, vividas sem revolta, pois o idoso é um vencedor no processo de “*seleção natural*” da realidade em que vivem e, a aposentadoria, um prêmio dado aos anos de trabalho duro. Os participantes da pesquisa não se caracterizam como velhos. O velho é o outro, aquele mais velho, que concretiza as características negativas de velhice, objetivando a velhice num grupo específico, distinto daquele de que faz parte.

Em artigo de revisão da produção sobre o envelhecimento em cursos de pós-graduação em psicologia no período de 1975 a 1996, Neri (1997) diz que os estudos teóricos e empíricos nessa área no Brasil ainda estão sendo iniciados e carecem de maior rigor científico e crítica quanto a visão de velhice em que se baseiam, ao contrário da grande produção no exterior durante os últimos 25 anos. A autora analisou 36 dissertações e teses de cursos de pós-graduação em psicologia, sendo 24 apresentados entre os anos de 1990 e 1996, que refletiram em sua maioria, uma posição que a autora denominou de tradicional ou conservadora em psicologia, apresentando a velhice somente em seus aspectos negativos e baseado em perdas.

A seguir serão apresentadas algumas pesquisas que, embora não tenham sido realizadas sob a ótica das representações sociais, fornecem indicativos das atitudes e concepções de diferentes grupos sobre o envelhecimento.

Posada (1997) realizou uma pesquisa com o objetivo de examinar as atitudes de pessoas de diferentes idades a respeito do processo de envelhecimento. Participaram 180 pessoas na investigação, com idades entre 15 anos a maiores de 59 anos, divididos entre homens e mulheres. Os resultados mostraram que os mais jovens e os mais idosos apresentaram atitudes mais positivas perante o envelhecimento. Os mais idosos percebem o envelhecimento como um processo mais bonito, otimista, agradável, tolerante e amistoso que o restante da amostra, o que corrobora com os resultados da pesquisa de Guimarães (1997). As pessoas de idade mediana são as que tem atitude mais negativa frente ao envelhecimento e são especialmente conscientes das perdas que acompanham o envelhecimento, perdas que, segundo o autor, estariam experienciando em si mesmos.

Brêtas & Oliveira (2000) realizaram um estudo com aposentados e aposentadas em São Paulo, através do depoimento oral dos mesmos, buscando descobrir o

significado - atitudes, comportamentos e representações coletivas - do processo de envelhecimento no mercado de trabalho e suas implicações na saúde individual e coletiva. As autoras encontraram nos depoimentos, que o processo de envelhecimento no mercado de trabalho assume diversos significados para os participantes, mas ao falar de si o envelhecimento é descrito como um processo imperceptível enquanto está sendo vivenciado. Segundo os participantes, à medida que os trabalhadores envelhecem, são excluídos do mercado de trabalho e esse comportamento é mantido pelas políticas governamentais e pelo empresariado brasileiro, o que lhes causa preocupação. Sustentam o ponto de vista de que a produtividade não está vinculada a idade cronológica e sim à motivação individual do trabalhador, bem como com o tipo de atividade laboral que desenvolve. Por um lado, os aposentados atribuem um significado positivo ao trabalho, tanto pela dimensão econômica como pela existencial, mas por outro, expressam a vivência e a percepção de desigualdades e discriminação sexuais, sociais e de grupos etários no trabalho, ferindo a dignidade do trabalhador e comprometendo a qualidade de vida e de envelhecimento no mundo do trabalho. Apesar disto e de todo o desgaste em decorrência do mercado de trabalho, os depoentes relatam ter conseguido viver e envelhecer satisfatoriamente por meio de diferentes estratégias de resistência que desenvolveram para sobreviver à expropriação do trabalho.

López & Cianciarulo (1999) fizeram um estudo etnográfico com um grupo de idosos de baixa renda de São Paulo, para compreender o significado que davam a qualidade de vida na velhice. Para os pesquisados, velhice é uma idéia, uma percepção que formam depois de ter observado, comparado e interpretado o significado de algo que vivenciaram, experimentaram no passado, durante o desenrolar de sua vida. A qualidade de vida também é relatada de acordo com um tempo, um período (passado ou presente) e depende da situação (melhor ou pior se comparado a determinado momento da vida). Qualidade de vida na velhice é dinâmica e variável, relacionada com a construção social de velhice como produto da comparação e interpretação do passado e do presente, em um contexto socio-econômico de exclusão, em que a luta pela sobrevivência prevalece. Na sua velhice, os pesquisados recebem ou esperam receber apoio e solidariedade da família, principalmente dos filhos, pela dedicação por eles oferecida.

Em pesquisa feita com funcionários da Universidade Federal de São Paulo, procurando detectar o significado de envelhecer, Tashiro, Yoshitome, Martines & Mucci (1997), detectaram que os pesquisados consideram o processo de envelhecimento

como algo fundamentalmente fisiológico; relacionam o envelhecimento com o “*ser experiente e maduro*” e destacam que o idoso é marginalizado pela sociedade.

Em Maringá, Marcon (1997) realizou uma pesquisa trigeracional com avós, mães e netos, investigando o papel da avó no processo de cuidar das crianças. Os resultados mostram que o contato trigeracional é importante e traz satisfação tanto para avós, como mães e netos. As avós ocupam posição de destaque na experiência de cuidar dos netos, apoiando, orientando e fazendo por e pelos pais, embora ocorram divergências sobre como se deve proceder ao cuidado e educação das crianças.

Os trabalhos sobre o envelhecimento acima citados, apontam para a importância deste tipo de estudo, pois através deles se tem indícios da forma como as pessoas concebem e convivem com o envelhecimento e com o idoso. Por meio destes estudos, percebe-se que os grupos vêem a velhice como uma etapa em que a vida e o desenvolvimento do indivíduo estão concluídos, na qual prevalecem as perdas e frustrações diante do declínio físico. O idoso é visto como alguém feio, doente e debilitado, necessitando de cuidados, embora tenha experiência, conhecimento de vida e sabedoria. Pode-se ver claramente a diferença entre o mundo consensual do qual tratam as pesquisas citadas, do universo reificado (próprio da ciência) que se refere aos conhecimentos apresentados nos tópicos de envelhecimento e desenvolvimento humano.

Como nos apresenta Teixeira (2000:136):

“Nossa cultura ainda não valoriza o idoso como deveria, e na realidade, esse fato representa um paradoxo. Pela primeira vez na história da humanidade, o homem está podendo ultrapassar as fronteiras da longevidade, porém, esse homem não quer assumir a condição de idoso dentro dos padrões naturais que dita condição se manifesta.”

A Teoria das Representações Sociais permite conhecer tanto como os grupos concebem e explicam determinado objeto, quanto como orientam sua conduta ao mesmo objeto. Ao se pensar na presente dissertação, buscou-se estudar os conteúdos das representações sociais do envelhecimento, ou seja, como grupos de diferentes faixas etárias concebem e explicam o envelhecimento e como orientam suas condutas em relação ao processo de envelhecimento e a pessoa idosa. Abric (1998:27) coloca que “*A identificação da ‘visão de mundo’ que os indivíduos ou os grupos têm e utilizam para*

agir e para tomar posição, é indispensável para compreender a dinâmica das interações sociais e clarificar os determinantes das práticas sociais.”

Ainda há muito o que ser pesquisado rumo ao entendimento do processo de envelhecimento e as pesquisas sobre a ótica das representações sociais do envelhecimento ainda são incipientes. Espera-se ter sido possível expor argumentos sólidos sobre a pertinência em se estudar e trabalhar com o referencial teórico e epistemológico das representações sociais na dissertação que ora se apresenta.

A Teoria das Representações Sociais possibilita um diagnóstico de formas de perceber a realidade compartilhadas pelos grupos fornecendo subsídios para organizar atuações profissionais. A presente pesquisa focaliza o estudo das representações sociais do envelhecimento, representações estas que permitem identificar formas de pensar e atuar dos grupos frente a realidade do envelhecer e como os grupos estão construindo e entendendo o envelhecimento, auxiliando no desenvolvimento de teorias do tema, contribuindo com os conhecimentos já existentes, fornecendo subsídios para a atuações de profissionais que trabalham com o envelhecimento e para as ações de promoção de qualidade de vida para os idosos.

3 - Método

3.1 - Quanto ao problema de pesquisa

A presente pesquisa surgiu com as indagações de como o recente aumento relativo e absoluto do número de idosos no mundo, a possibilidade de maior longevidade, a melhor qualidade de vida da maioria da população e o contato mais comum e cotidiano de pessoas de diferentes faixas etárias, poderia estar influenciando na concepção que as pessoas têm sobre o envelhecimento. Conhecer como os indivíduos pensam o envelhecimento daria indicativos de como o encaram em seu cotidiano, como se relacionam frente a esse fenômeno e quais as condutas que mantêm ao se pensar envelhecendo. Os indivíduos se veriam envelhecendo? Como veriam a velhice e o seu protagonista, o idoso? Como os diferentes grupos compostos por indivíduos em fases distintas do curso de vida, estariam se relacionando entre si, diante da recente possibilidade de manter contatos freqüentes com pessoas de diferentes faixas etárias e em especial, com pessoas idosas? Como se dá este contato de pessoas que se vêem em estágios diferentes da vida, com percepções diferentes do tempo vivido, com menor ou maior clareza e proximidade com o fenômeno da velhice e com a vivência de ser idoso?

Em se pensando o envelhecimento enquanto processo que se dá ao longo do curso de vida dos indivíduos e a velhice como parte e resultado desse processo, pensou-se em realizar uma pesquisa em que pudéssemos nos aproximar das representações sociais, ou seja, das teorias do senso comum, que pessoas de diferentes faixas etárias têm sobre os objetos envelhecimento, velhice e idoso. Estes temas se tornam importantes no cotidiano dos grupos, não só pelo envelhecimento populacional nacional e mundial vivido atualmente, mas também pela importância que a maior longevidade assume para todas as pessoas, em termos das perspectivas que nutrem por seu curso de vida, bem como pela inter-relação que esse fenômeno provoca nos diferentes âmbitos da vida humana, de grupos e indivíduos em diferentes momentos do curso de vida, vivendo também diferentemente o seu envelhecimento e o envelhecimento do outro. O envelhecimento populacional não gera somente o contato e a convivência de diferentes grupos, mas traz à tona questões que envolvem e permeiam a vida de todos, como o medo da morte, o culto ao corpo jovem e a juventude, a percepção do tempo vivido, as diversas perdas que se tem com o avanço da idade, o afastamento do trabalho produtivo, o declínio físico e o aparecimento de doenças, etc.. Enfim, o envelhecimento acaba por

questionar não mais a qualidade de vida na velhice, mas a qualidade de vida de todo o curso de vida dos indivíduos e da humanidade como um todo. Entretanto, é importante salientar que, embora o envelhecimento seja um tema de interesse geral, assume maior relevância para as pessoas mais próximas da velhice, os idosos.

Assim, estabeleceu-se como problema de pesquisa, a seguinte questão: **Há diferenças no conteúdo das representações sociais de envelhecimento em grupos formados por indivíduos com diferentes faixas etárias?**

Não existem muitos trabalhos nesse sentido no Brasil, em representações sociais, mas Guimarães (1997), Santos e Belo (2000) indicam a importância desse tipo de estudo comparativo, justamente para observar como esse contato contribui para a construção e mudança de representações sociais do envelhecimento. Pelas pesquisas sobre a concepção que a população têm sobre o idoso e a velhice, citadas na fundamentação teórica, observa-se que as pessoas não vêem o envelhecimento como processo que se dá ao longo do curso de vida das pessoas, mas algo que está restrito a velhice. Percebe-se ainda, que a velhice não aparece como uma representação social autônoma, mas estreitamente vinculada a representações sociais do idoso. Por esses motivos, estabelecemos questões somente sobre a velhice e o idoso e não sobre o envelhecimento em específico e constituímos dois corpos de análise, procedendo a análise em separado de cada um deles. Entendemos que, ao questionarmos os participantes da pesquisa sobre o seu entendimento do que é a velhice, eles poderiam expressar teorias ou conteúdos que indicassem a sua percepção de processo, permitindo tanto a compreensão de todos diante das questões colocadas, como a abertura necessária para a expressão de suas teorias. Vejamos os objetivos definidos para a pesquisa.

3.2 - Quanto aos objetivos de pesquisa

Objetivo Geral:

Analisar comparativamente as representações sociais do envelhecimento segundo indivíduos em faixas etárias diferentes.

Objetivos Específicos:

Descrever os conteúdos e as informações que compõem as representações sociais do envelhecimento de indivíduos em diferentes faixas etárias.

Interpretar as diferenças entre as representações sociais de envelhecimento considerando o contexto histórico e o contexto do curso de vida de cada grupo;

Indicar as implicações destes resultados para ações de promoção de qualidade de vida para os idosos.

3.3 - Quanto aos participantes da pesquisa e local onde foi realizada

Foi realizado um estudo transversal, de delineamento comparativo, entre três grupos: adolescentes (13 a 25 anos), adultos (26 a 45 anos) e idosos (60 anos ou mais). Inicialmente tinha-se a idéia de selecionar 20 participantes de cada grupo, de acordo com o sexo (50% dos participantes do sexo masculino e 50% dos participantes do sexo feminino), a idade (acima citada) e por ser usuário de alguma atividade do SESC (Serviço Social do Comércio) de Maringá, Paraná. A escolha pelo número de 20 pessoas de cada grupo, totalizando 60 participantes da pesquisa, deu-se pelo uso da técnica de entrevista descrita a seguir, que permite um estudo aprofundado das temáticas apresentadas aos participantes e porque pesquisas apontam que depois de 20 entrevistas as temáticas apresentadas pelos participantes começam a se repetir, sendo portanto, um número de entrevistas adequado para conhecer mais a fundo um assunto pouco conhecido como é o caso das representações sociais do envelhecimento, proposto no trabalho que ora se apresenta (Ghiglione e Matalon, 1993). Porém, diante da receptividade que encontramos no campo, foi possível obter a participação de 71

peças na pesquisa, sendo o grupo de idosos o de maior número, como se pode observar na tabela abaixo.

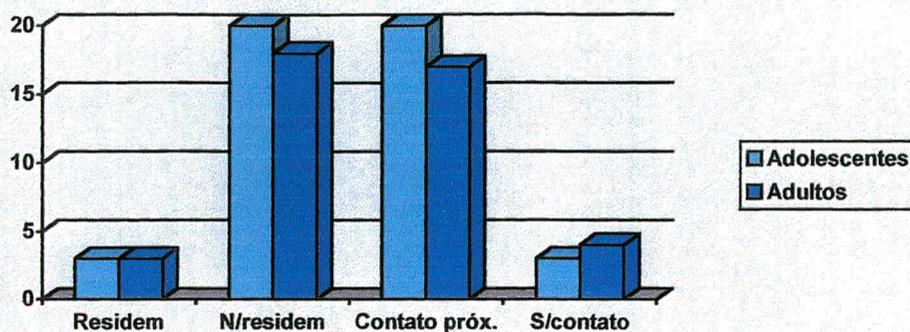
Tabela I : Tabela de dados sobre os participantes da pesquisa, usuários do SESC Maringá

Usuários SESC	Idades	Sexo fem.	Sexo mas.	Total
Adolescentes	13 - 25 anos	10	13	23
Adultos	26 - 45 anos	10	11	21
Idosos	60 anos e mais	14	13	27
Total		34	37	71

Como podemos visualizar no Gráfico I, no grupo de adolescentes, 20 dos participantes declararam não residir com pessoas idosas, enquanto que 03 declararam morar com idosos, que no caso são avós e pai. Quanto ao relacionamento com pessoas idosas, 20 integrantes do grupo declararam ter proximidade com elas, enquanto que 03 não tem nenhum tipo de contato com idosos. Os relacionamentos travados entre adolescentes e idosos são em sua grande maioria, de âmbito familiar. Vejamos com quais pessoas idosas os adolescentes pesquisados mantêm contato constante: avós (citados 13 vezes), bisavós pais (2), tios (2), familiares (1), vizinhos (3), pai de amigo, avós de primos, amigos e namorada, amigas da vó (2), empregada, amigos da igreja e no trabalho.

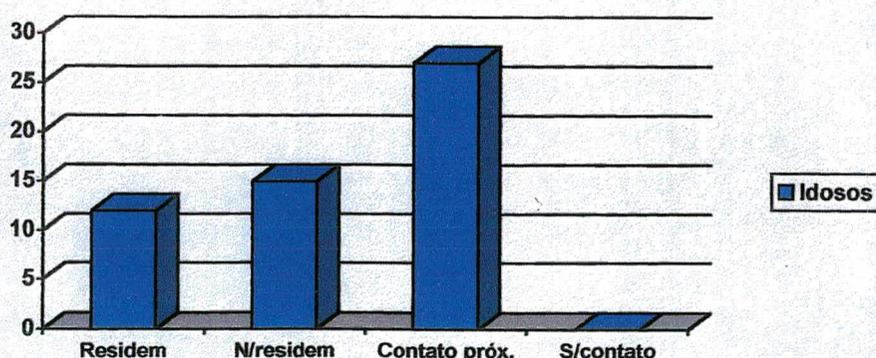
No Grupo dos adultos (vide Gráfico I), os resultados não foram muito diferentes, sendo que somente 03 participantes moram com idosos, que são pais, avó e marido dos participantes, enquanto que 17 deles possuem contato próximo com essas pessoas. O restante (04) não tem qualquer proximidade com idosos. Os adultos nutrem contato com as seguintes pessoas: pais, pai e mãe (citados 13 vezes), sogro e sogra (7), avó, vizinhos (3), pessoal do SESC, amiga da mãe, conhecidos e pais de alunos.

Gráfico I: Frequência de declarações de adolescentes e adultos quanto a moradia e contato frequente com idosos



Conforme se pode observar no Gráfico II, depende-se do depoimento dos idosos que 12 deles residem com pessoas de outras faixas etárias mais jovens que a sua, sendo que na maioria dos casos essas pessoas moram na casa do idoso e não o contrário. Os idosos residem com: filhos, companheiras e neto. Todos os idosos declararam manter contatos próximos e freqüentes com pessoas de faixas etárias mais novas do que a sua, principalmente de familiares. Os idosos se relacionam com: filhos (citados 22 vezes), netos (16), bisnetos (2), genros e noras (4), sobrinhos (3), parentes (3), amigos (6), vizinhos (3), conhecidos da igreja, do trabalho, do curso de inglês (7), filhos de vizinhos, funcionários, colegas de atividades e amigos dos netos.

Gráfico II: Frequência de declarações de idosos quanto a moradia e contato frequente com pessoas de outras faixas etárias



A figura dos avós é a que mais se destaca no grupo de adolescentes e no grupo dos adultos é a figura dos pais e sogro (a) como os idosos com os quais ambos os grupos mantêm mais contato. Os idosos por sua vez, relacionam-se mais com filhos e netos. Os três grupos relataram ter um intercâmbio de relacionamento entre as diferentes faixas etárias. Pequeno número de adolescentes e adultos moram com idosos, ao passo que quase metade dos idosos relatam morar com alguma pessoa mais jovem que ele.

As pessoas entrevistadas para a pesquisa eram usuárias das seguintes atividades do SESC Maringá: inglês, pintura, violão, informática, dança de salão, musculação, vôlei, baile, coral da Terceira idade e ginástica geriátrica. A coleta de dados foi realizada nos meses de abril e maio de 2001.

O SESC foi escolhido como local apropriado para o estudo, devido a facilidade de se operacionalizar a pesquisa, garantindo certa hegemonia nos dados, visto que todos os participantes estariam sujeitos a mesma influência e organização da instituição, sendo possível encontrar neste mesmo local adolescentes, adultos e idosos. O SESC possui ainda, a peculiaridade de se constituir uma instituição que, ao ser aberta a um público de todas as idades, tem que lidar e administrar as diferenças intergeracionais dos seus usuários. Também é um dos poucos locais que tem reflexões, preocupações e atividades direcionadas aos idosos, desde a alguns anos. Todos esses argumentos corroboram para a escolha do SESC como local privilegiado para a pesquisa proposta. Conheçamos um pouco mais sobre o SESC.

3.3.1 - O Serviço Social do Comércio (SESC) e o SESC Maringá

O SESC é uma entidade de direito privado, mantida pela classe empresarial do comércio, beneficiando comerciantes, comerciários e seus familiares. Atualmente destina parte de seus serviços também a comunidade em geral, embora a prioridade ainda seja o setor comerciário.

Presente em todos os estados do Brasil, o SESC surgiu pela vontade e organização da classe produtora do comércio que ao se reunir para discutir os problemas sociais do país, logo após a 2ª Guerra Mundial e durante o governo de Getúlio Vargas, entendeu que algo deveria ser feito para melhorar a situação dos trabalhadores brasileiros. Em 04 de setembro de 1945 foi criada a Confederação Nacional do

Comércio (CNC). Posteriormente um grupo de empresários elaborou a Carta da Paz Social em que propõem a criação de um fundo social para combater os problemas sociais do país (SESC, 1996) em busca da paz social. Então, no dia 13 de setembro de 1946, através do Decreto – Lei n.º 9853 o Presidente Eurico Gaspar Dutra aceitou a proposta do fundo social e delegou poderes à Confederação Nacional do Comércio para criar e organizar o Serviço Social do Comércio – SESC, “*entidade de direito privado, de natureza assistencial, fruto do esforço da iniciativa privada para combater a situação de carência e de promover bem-estar social da classe comerciária*”. Hoje o SESC desenvolve atividades na área da educação, saúde, cultura, lazer e assistência social.

No Paraná a Delegacia Estadual foi criada em 10 de janeiro de 1948 e iniciou o trabalho social em 16 de março de 1949. Em 1956 foi instalada a agência de Maringá (SESC, 1996). A missão do SESC Maringá definida para o ano de 2001, é a de “Desenvolver ações educativas que promovam a qualidade de vida do comerciário e sua família.” (SESC, 2000). As atividades que esta unidade desenvolve contam com a participação de comerciantes, comerciários, seus familiares e da comunidade em geral. O SESC Maringá oferece serviços na área da educação (infantil e complementar com cursos de idiomas e informática); saúde (servindo lanches e refeições, dando assistência odontológica e realizando educação em saúde com campanhas contra álcool e cigarro e sobre saúde em geral e orientações sobre higiene e alimentação); cultura (por meio da biblioteca, apresentações artísticas variadas como artes plásticas, artesanato, música, literatura, etc., e o desenvolvimento artístico e cultural com práticas de artes plásticas, danças, música, literatura, etc.); lazer com desenvolvimento físico-esportivo (exercícios físicos e iniciação esportiva), com recreações (como jogos, esportes, reuniões dançantes, frequência a piscina, etc.), e turismo social com excursões pelo país; e por fim, com assistência por meio de trabalhos com grupos (grupos e subgrupos da Terceira Idade e atividades intergeracionais com grupos da Terceira Idade e outros frequentadores da unidade). Além dessas atividades sistemáticas, o SESC Maringá promove outros eventos de médio e grande porte que envolvem a comunidade em geral tais como: festival de música, jornadas de literatura, semanas da saúde, do cinema brasileiro, dos escritores da cidade, jogos, exposições artísticas e vários outros encontros, organizados ao longo do ano.

A seguir apresentamos algumas informações sobre a população que procura a unidade do SESC Maringá, por meio de dados estatísticos elaborados sistematicamente

pela unidade citada, abrangendo o seu funcionamento da unidade de janeiro a junho de 2001, período em que a presente pesquisa foi realizada. Durante o primeiro semestre de 2001 haviam 4.537 usuários dos serviços do SESC Maringá, entre comerciantes, comerciários, seus familiares e comunidade em geral. Deste total, 3.820 ou seja, 84,19% são comerciários e dependentes, população da qual o SESC possui mais informações e estatísticas e a que iremos nos referir nos dados dispostos a seguir. Segundo a classificação realizada pelo SESC Maringá, a maioria dos comerciários e dependentes são adultos, somando o total de 2.760 pessoas, ou seja, 72,25% do total, seguida de crianças (17,41% do total) e de adolescentes (10,34% do total). Há uma predominância de usuários do sexo feminino com 53,53% do total enquanto há 46,47% de usuários do sexo masculino.

A maioria (98,96%) dos dependentes não tem remuneração, enquanto que 42,13% dos comerciários possuem rendimento médio de 1 a menos de 2 salários mínimos regionais, enquanto que 20,11% tem rendimento de 6 a mais salários mínimos e 17,64% tem 2 a menos de 3 salários mínimos de renda. Somente 8,54% possuem salários de 3 a menos de 4 de renda. Percebe-se um número bastante expressivo de usuários com rendimento baixo, ou seja, com um ou dois salários mínimos.

Percebe-se por meio da tabela II que a população que frequenta o SESC está, entre os dependentes, centrada na população mais jovem, de 0 a 25 anos, enquanto que os comerciários são mais adultos, situados entre as idades de 25 a 55 anos.

Tabela II - Tabela das faixas etárias dos usuários dos serviços do SESC Maringá no período de 01/2001 a 06/2001

Idade	Dependentes %	Comerciários %
0 a menos de 12 anos	27,67	-
12 a menos de 18 anos	15,48	1,62
18 a menos de 25 anos	8,99	26,75
25 a menos de 40 anos	18,81	50,11
40 a menos de 55 anos	18,64	18,91
55 anos e mais	10,41	2,61
Total %	100,0	100,0

Quanto a escolaridade dos usuários comerciários do SESC Maringá, constata-se que os dependentes possuem predominantemente 1º Grau incompleto e 2º Grau completo, enquanto que os comerciários possuem predominantemente o 2º Grau

completo, com maior número de pessoas com curso superior incompleto ou completo do que os seus dependentes.

Tabela III - Tabela do nível de escolaridade dos usuários dos serviços do SESC Maringá no período de 01/2001 a 06/2001

Escolaridade	Dependentes %	Comerciários %
Sem escolaridade	15,52	-
Analfabeto	1,16	0,07
Alfabetizado	2,08	0,28
1º Grau completo	6,66	4,87
1º Grau incompleto	30,17	6,42
2º Grau completo	30,46	54,69
2º Grau incompleto	5,87	8,89
Superior completo	4,58	12,49
Superior incompleto	3,50	12,29
Total %	100,0	100,0

Tabela IV - Tabela do estado civil dos usuários dos serviços do SESC Maringá no período de 01/2001 a 06/2001

Estado civil	Dependentes %	Comerciários %
Solteiro	50,65	41,35
Casado	45,32	52,29
Viuvo	2,50	0,92
Separado	0,7	2,40
Divorciado	0,83	3,03
Total %	100	100

Por meio da tabela acima se visualiza que a maioria dos comerciários são casados (52,29%) e solteiros (41,35%). Já os dependentes são na sua maioria solteiros (50,65%), mas com grande número de pessoas casadas (45,32%).

É necessário lembrar que 15,81% da população que frequenta o SESC Maringá não tem seus dados contemplados nestas tabelas, já que o SESC não realiza entrevista tão detalhada com pessoas da comunidade em geral que procuram seus serviços. De forma geral, percebe-se que a clientela que recorre aos serviços do SESC Maringá, possui escolaridade acima do 1º grau, tem idades que variam de 0 a 55 anos e mais, predominando a faixa etária dos adultos e pessoas do sexo feminino, tendo como renda média de um a dois salários mínimos regionais. Por fim, a maioria dos comerciários são

casados, enquanto que a maioria dos seus dependentes são solteiros. Percebe-se a heterogeneidade de usuários dos serviços oferecidos pelo SESC Maringá, principalmente no que diz respeito a idade.

3.3.1.1 - O SESC e os idosos

O SESC foi uma entidade pioneira no Brasil no que diz respeito a preocupação com os idosos e já na década de 60 começou a organizar atividades direcionadas a essa população, referindo-se a ela como pessoas da Terceira Idade. Em 1963 começaram os trabalhos específicos com a Terceira Idade, a partir da proposta e trabalho de um dos técnicos da entidade em São Paulo, um assistente social que percebeu que se criavam vínculos entre os aposentados que só se viam no momento de receber a aposentadoria e ali aproveitavam para manter contatos sociais. Formou-se então o primeiro grupo de idosos no Brasil, denominado “Carlos Malatesta” (em homenagem ao assistente social), que tinha como participantes pessoas com idade acima de 60 anos. Nesse grupo, realizava-se palestras, reuniões de assuntos que elegiam, jogos de salão e festas de aniversário. Em 1973 foi realizada a 1ª Semana dos Idosos, seguida do Ciclo de cinema “Imagens da Velhice”, organizado pelo SESC, articulado com o INPS e o MOP – Movimento Pró-idoso, do qual o SESC foi um dos fundadores e incentivadores (SESC, 1997).

A partir de 1983, através do conselheiro Osmario Zilli (empresário paranaense) que fora participar da Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento em Viena, Áustria, propôs-se a criação de um Centro de Convivência para a Terceira Idade o “Centro de Convivência da Terceira Idade João Daudt d’Oliveira” atualmente chamado de SESC Terceira Idade em Curitiba – Paraná, efetivado em setembro de 1983 destinado apenas a clientela idosa (SESC, 1996). A partir daí foram criados vários outros centros de convivência e hoje o SESC promove seminários de estudos, palestras, cursos sobre gerontologia social, convênios e intercâmbios com instituições internacionais e publicações especializadas que marcam a história do trabalho com idosos no Brasil (SESC, 1997).

O SESC entende que a pessoa que se aposenta é marginalizada pela sociedade e na família, perdendo seus papéis. A proposta da entidade é de combater o isolamento dos idosos, promovendo espaços de recreações, cultura, vida social e desenvolvimento

da criatividade e auto-expressão e por isso oferecem aos idosos cursos, ginásticas, debates, palestras, jogos, atividades ligadas ao cinema, teatro, música, pintura e literatura, visando a “reciclagem de valores e a atualização de conhecimentos”, contando ainda com a formação das Escolas Abertas da Terceira Idade (SESC, 1997).

Em Maringá, o envolvimento do SESC com a população idosa se deu no início da década de 80, quando, em 1982 uma pedagoga, técnica do SESC, entrou em contato com idosos (na sua maioria homens), que se reuniam para jogar cartas em uma casa no centro da cidade cedida pela prefeitura. Com o encontro, propôs-se realizar uma festa junina no mesmo local, reunindo maior número de pessoas. Posteriormente esse grupo começou a se encontrar nas dependências do SESC Maringá, agora com maior participação feminina, ocorrendo ali palestras, grupos de discussão e por fim bailes. A partir daí, somaram-se mais idosos ao grupo, as atividades foram se diversificando assim como a coordenação e organização do grupo. Hoje, o grupo de Terceira Idade do SESC Maringá é formado em média por 160 idosos que freqüentam as atividades regularmente e outros 100 idosos em média participantes esporádicos do baile da Terceira Idade, realizado todas as quintas feiras.

Os freqüentadores assíduos do grupo de Terceira Idade são associados, pagando uma pequena taxa para participarem das atividades e fazem carteirinha do SESC, podendo usufruir de todas as atividades ali proporcionadas. O grupo possui uma comissão para organizar e desenvolver as atividades, juntamente com a coordenadora do grupo, uma técnica do SESC. A seguir apresenta-se as atividades desenvolvidas especificamente para a Terceira Idade no SESC Maringá:

- Informática;
- Palestras;
- Grupo de Canto Coral;
- Grupo de Dança Coreografada;
- Grupo de Poesia;
- Ginástica Geriátrica;
- Passeios;
- Excursões;
- Atividades de Confraternização em datas como dia dos pais, das mães, festa junina, páscoa, natal, etc.;
- Natação;

- Hidroginástica;
- Encontros com outros grupos da Terceira Idade; e
- Bailes todas as quintas feiras.

O baile é a atividade que possui maior número de participantes, seguido da ginástica geriátrica. As atividades estão abertas a pessoas com mais de 50 anos. Atualmente as mulheres estão em maior número (não possuímos dados exatos em termos de porcentagem), com maior concentração entre os 60 e 70 anos. Já a maioria dos homens possuem idades entre 65 e 75 anos. As atividades ocorrem nas dependências do SESC, sendo muito comum encontrar idosos e pessoas mais jovens juntos, esperando o início de suas atividades e de jovens observando o movimento dos idosos para o baile todas as quintas feiras. Também é muito comum que em outras atividades do SESC, encontre-se pessoas de várias faixas etárias, desde crianças e adolescentes até adultos e idosos.

3.4 - Quanto aos procedimentos de coleta e análise dos dados

Primeiramente a pesquisadora entrou em contato com a direção do SESC – Maringá, solicitando a realização da pesquisa diante da apresentação de uma carta e um protocolo de pesquisa (Anexos I e II), nos quais se explicava detalhadamente os objetivos da pesquisa e todos os passos a serem seguidos. Posteriormente, uma segunda carta foi enviada a direção regional do SESC Paraná (Anexo III), para que então, o pedido fosse encaminhado para a coordenação nacional do SESC. Após ter passado pelas instâncias municipal, estadual e nacional do SESC, a pesquisa foi aceita e pudemos conhecer o funcionamento da unidade do SESC Maringá. Por meio de uma reunião com os coordenadores das diferentes áreas de atividades do SESC, a pesquisadora apresentou sua proposta de pesquisa e foram delineados os primeiros contatos com os professores das atividades, que a apresentariam para seus alunos.

O contato com os participantes se deu com a apresentação da pesquisadora ao professor de cada atividade, que por sua vez solicitava a atenção da turma e a apresentava. Então, a pesquisadora se apresentava como aluna do programa de pós-graduação em psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina e expunha sua intenção em realizar uma pesquisa sobre o quê as pessoas pensavam a respeito do

desenvolvimento humano e que, para tanto, estaria entrevistando pessoas de idades entre 13 e 45 anos e 60 anos e mais, nas diferentes atividades desenvolvidas pelo SESC. Dizia-se que era uma entrevista individual e gravada em K7, com duração estimada entre 30 a 45 minutos. Solicitava-se a participação das pessoas garantindo o sigilo absoluto de sua identidade e dos dados coletados, já que não seria solicitado nome, endereço, telefone ou qualquer outra informação que identificasse sua entrevista. Colocava-se ainda, que as entrevistas não seriam analisadas individualmente mas sim em seu conjunto, não havendo como identificar os participantes por aquilo que falassem. Diante do aceite das pessoas a pesquisadora conversava com cada uma delas em separado, marcando um horário de comum acordo para a realização da entrevista, em uma sala das dependências do SESC.

Quando da data e horário marcados, ao ocorrer o encontro, a pesquisadora acompanhava a pessoa até a sala disponível nas dependências do SESC e então repetia todas as informações sobre a entrevista e o sigilo pessoal, permitindo sua desistência diante de qualquer situação que a desagradasse. Foi dito a pessoa que a pesquisadora faria algumas perguntas que poderiam ser respondidas da forma como as entendia, de acordo com sua opinião, iniciando então a entrevista.

A técnica utilizada na coleta dos dados foi a entrevista semidirigida, adequada para aprofundar um domínio pouco conhecido como é o caso desta pesquisa (Ghiglione e Matalon, 1993) e que permite explorar os conteúdos e informações em que se revestem as teorias e concepções de senso comum que nos interessava, as representações sociais. O tempo médio de duração das entrevistas foi de 30 minutos. Os tópicos que compunham a entrevista foram: velhice, idoso, estimação de idade para se considerar alguém idoso e experiência com pessoas de outras idades. O roteiro da entrevista está exposto no Anexo IV.

A análise dos dados foi realizada utilizando como base a análise de conteúdo e a análise do material textual resultante da transcrição das entrevistas gravadas. Para tanto, utilizou-se o *software* de análise quantitativa de dados textuais denominado ALCESTE (“Analyse Lexicale par Contexte d’un Ensemble de Segments de Texte”) criado por Reinert em 1990 (Camargo, 1998). Em quatro etapas o programa procede a análise e descrição lexical relativa às palavras ou vocabulários utilizados no texto e a análise semântica, relativa ao sentido ou significado dado as palavras no texto ou nos segmentos nos quais foram dispostas. Além da análise lexical e semântica, o programa faz uma análise hierárquica descendente do texto (composto de todo o conteúdo de cada

uma das temáticas das entrevistas), subdividindo-o conforme sua semelhança e diferença, estabelecendo classes hierárquicas de vocabulários. O programa ALCESTE descreve esses vocabulários e cruza esses dados com os segmentos mais característicos de cada classe, contextualizando-os. Pode-se então analisar palavras e segmentos de texto de forma quantitativa em termos de frequência e nível de significância, bem como de forma qualitativa ao contextualizar todas as informações, indicando inclusive a quais participantes os resultados se referem. Portanto, aponta aspectos muito importantes para conhecermos as teorias de senso comum a que estávamos interessados, as representações sociais do envelhecimento, como são compartilhadas, em que contexto e em que intensidade.

O programa ALCESTE executou as seguintes etapas de análise:

1ª Etapa: o programa procedeu a leitura do texto formado pelas respostas às perguntas da entrevista que compunham o *corpus* (nesta pesquisa, tivemos dois *corpus* “velhice” e “idoso”), preparou o *corpus*, reconheceu que ele foi composto de 71 UCIs (Unidades de Contexto Inicial), ou seja, de respostas de 71 pessoas acerca dos temas citados. A seguir, o programa agrupou as ocorrências das palavras de acordo com as raízes que as uniam e calculou a frequência destas formas reduzidas.

2ª Etapa: nesta etapa as Unidades de Contexto Elementar (UCEs), foram classificadas em função da especificidade dos seus respectivos vocabulários e o seu conjunto foi dividido considerando a frequência das formas reduzidas. Cruzando as formas reduzidas e as UCEs, o programa aplicou o método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD), chegando a uma classificação em que se chegou a classes de UCEs com vocabulários semelhantes entre si e ao mesmo tempo diferentes das outras classes, utilizando para isso, o teste do Qui-quadrado de associação das formas reduzidas e das UCEs às classes.

3ª Etapa: na terceira etapa o programa forneceu o dendograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que ilustra as relações entre as classes, realizou uma série de cálculos e forneceu a descrição de cada uma das classes, por seu vocabulário e as variáveis que a tornaram particular.

4ª Etapa: de posse da classificação das classes de UCEs escolhidas, o programa calculou e forneceu as UCEs que mais caracterizaram cada classe, permitindo a contextualização do vocabulário particular a cada uma delas. Nesta etapa o ALCESTE forneceu ainda, Classificações Hierárquicas Ascendentes (CHAs) que permitiram o

estudo das relações entre os elementos ou vocabulários típicos da classe, mostrando a relação das palavras que compõe cada classe.

A escolha do *software* ALCESTE como um dos instrumentais para realizarmos a análise se deu porque como se pode constatar pelas etapas de análise realizadas, ele fornece condições de análise rigorosa e apurada, sem no entanto, restringir-se aos dados quantitativos, situando-os no contexto em que foram compostos. São os conteúdos de cada uma das classes e a relação destes com a pesquisa como um todo, as variáveis utilizadas, os grupos pesquisados, o contexto da pesquisa, etc. que vão dizer se as classes de segmentos de texto fornecidas pelo programa ALCESTE estão indicando representações sociais ou campos de imagens sobre um dado objeto, ou aspectos que envolvem uma mesma representação (Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo, 1999). A análise de conteúdo segundo Bardin (1977), foi o suporte metodológico utilizado para essa compreensão mais global dos dados coletados, no sentido de propiciar uma meta-análise das inter-relações entre as classes, as informações e conteúdos peculiares a cada uma delas, bem como o entendimento de como esses conteúdos se articulam entre si e estruturam as representações sociais do envelhecimento, velhice e idoso. A meta-análise foi necessária ainda, para a análise das questões referentes a estimação da idade para considerar alguém idoso e a que dizia respeito ao relacionamento declarado dos participantes com pessoas de outras faixas etárias, interligado aos conteúdos das representações sociais encontradas. Para tanto, fez-se a leitura flutuante de todo o material verbal produzido nas entrevistas, separado de acordo com as classes estabelecidas pelo ALCESTE, procedimento repetido por várias vezes, buscando a assimilação do conteúdo específico de cada classe e posteriormente de todo o *corpus* a que as classes se referiam.

4 - Descrição dos resultados

“Eu estou com a formosura velha, mas o espírito está novo.” (participante da pesquisa, sexo feminino, 72 anos)

4.1 - Resultados a cerca da estimação da idade para considerar uma pessoa como idosa

Perante a pergunta “Se você tivesse que estabelecer uma idade para considerar uma pessoa como idosa, qual seria essa idade?” os participantes mostravam-se bastante resistentes, argumentando que isso não seria possível, pois isso dependeria de cada pessoa, salientando o fato de que somente pela idade não se pode considerar alguém como idoso, já que existem pessoas de idade com um espírito jovem e pessoas jovens com espírito velho. Três pessoas se recusaram a estabelecer uma idade, utilizando-se destes argumentos. Diante da insistência da pesquisadora, os outros 68 participantes estabeleceram uma idade que entenderam como satisfatória para considerar alguém idoso, sendo que a média das idades consideradas foi de 66,34 anos. A seguir apresenta-se dois gráficos em que se dispõe as idades estimadas pelos participantes da pesquisa para se considerar uma pessoa como idosa e as idades organizadas em faixas etárias de acordo com as respostas de cada grupo. Vejamos:

Gráfico III: Gráfico das idades estimadas pelos participantes da pesquisa para se considerar uma pessoa como idosa

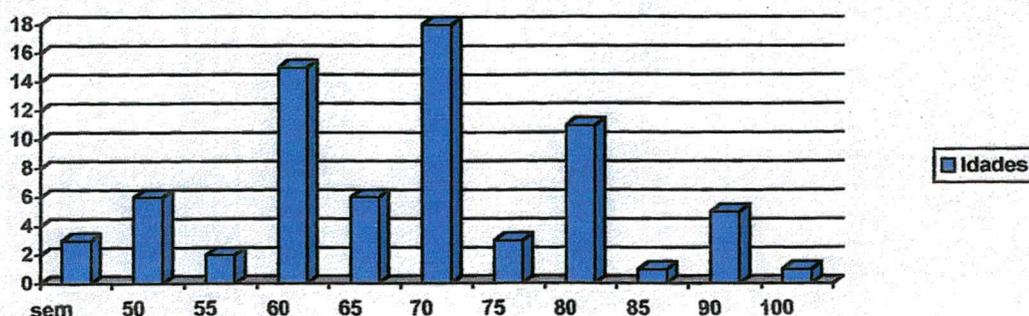
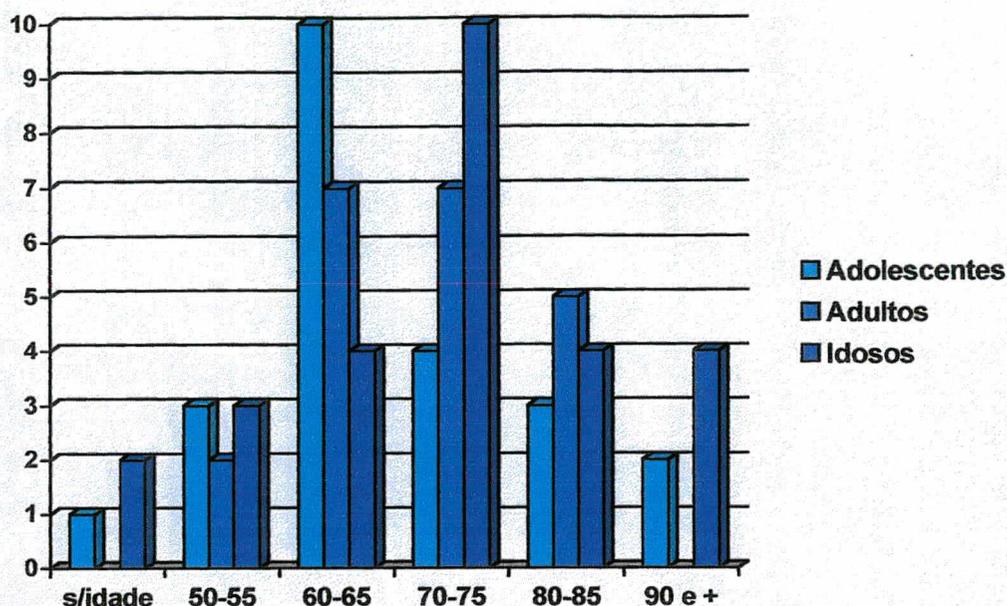


Gráfico IV: Gráfico de estimação de idade para se considerar uma pessoa como idosa de acordo com faixas etárias



As idades mais citadas foram 70 anos, seguida da de 60 anos e de 80 anos. Visualiza-se no gráfico acima, que há uma participação maior de pessoas do Grupo de idosos na estimativa das idades de 70 a 75 anos, diminuindo na faixa etária de 60 a 65 anos, enquanto que aumenta a participação de pessoas do Grupo de adultos nesta faixa etária. A faixa etária de 60 a 65 anos recebeu maior contribuição de pessoas do Grupos de adolescentes e adultos, com um pouco mais de participação do primeiro. Já na estimativa da idade de 80 anos para considerar uma pessoa idosa, os grupos quase que se equívalem.

Alguns participantes da pesquisa relatavam as idades que estimavam sem fazer comentários. Entretanto, a grande maioria justificava sua escolha. Inicialmente havia um certo desconforto, resistência e até mesmo uma irritação por parte dos participantes, diante da pergunta. Muitos começavam a falar que resposta a essa indagação seria algo muito difícil, já que ser idoso depende da cabeça de cada pessoa, depende de como cada pessoa se encontra física e psicologicamente. Assim, encontra-se pessoas velhas de idade, mas que tem espírito jovem, são animadas, bem dispostas, felizes e de bem com a vida. Por outro lado, existem pessoas novas de idade, que não são tão animadas, não fazem tantas coisas como as pessoas mais velhas. Os extratos de entrevistas a seguir mostram com clareza essa diferenciação.

“Se eu tivesse que considerar uma pessoa como idosa pela idade... como eu disse para você, vai de pessoa para pessoa. Então eu não colocaria idade não, porque vai da cabeça da pessoa.” (entrevista 15, participante do sexo feminino, 62 anos, pertencente ao Grupo 3)

“É... eu acho que é difícil ter parâmetros para estabelecer uma idade para considerar alguém idoso, porque tem pessoas que tem 70, 75 anos que parecem que tem 55 anos e tem pessoas de 55 anos e parecem que tem 80. É por isso que eu falo, tudo é estado de espírito, tudo depende da... do estado de espírito da pessoa. Se ela é uma pessoa para cima, alegre, acho que não tem assim como caracterizar a idade idosa.” (entrevista 7, participante do sexo masculino, 22 anos, pertencente ao Grupo 1)

Por outro lado, coloca-se idades em que se entende que dali para adiante a pessoa possa ser considerada idosa, porque não tem mais tanta saúde, energia e disposição como outrora, está mais cansada, desanimada, dependente e mais frágil. Uma pessoa que esteja com essas características pode ser considerada idosa, o que, segundo os participantes, varia de pessoa para pessoa. Alguns participantes colocaram as idades de 80 e 90 anos, pois entendem que os avanços da medicina, dos cuidados físicos e estéticos estão avançando tanto, que são necessárias idades mais distantes para se considerar alguém idoso.

Os idosos utilizaram-se de exemplos de si próprios ou de amigos para definir a idade de se considerar alguém idoso, enquanto que os adolescentes e adultos recorrem a exemplos de pais, avós e conhecidos para exprimirem o quanto uma pessoa pode ser jovem, mesmo tendo muitos anos de idade.

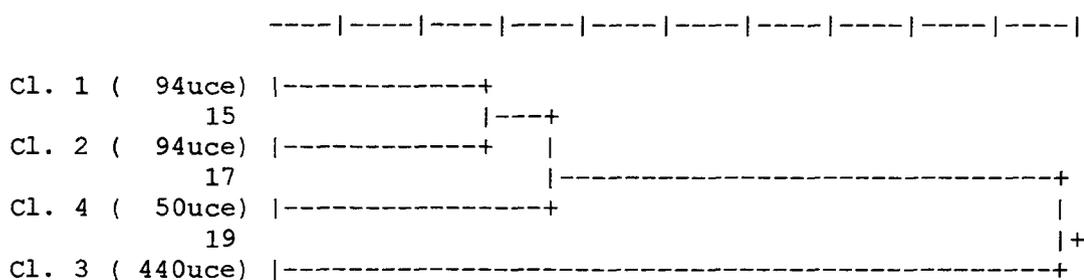
Pela estimativa realizada pelos participantes, a idade média para se considerar uma pessoa idosa, é de 66,34 anos, sendo que a faixa etária de 60 a 65 anos foi escolhida predominantemente por adolescentes e adultos, enquanto que a faixa etária de 70 a 75 anos foi escolhida predominantemente pelos idosos. Os participantes colocaram que essa questão da idade é muito relativa, na medida em que as pessoas podem ter determinada idade, mas não ter um espírito de pessoa velha, cansada, desanimada e muito debilitada fisicamente.

4.2 – Descrição dos resultados do *corpus* “Idoso”

O *corpus* “Idoso” analisado nesta parte do estudo é formado a partir de 71 Unidades de Contexto Inicial (UCIs) ou 71 respostas dos participantes da pesquisa, referentes ao tema “Idoso”, frente a pergunta: “O que você pensa sobre o idoso?” Foram encontradas 3.454 palavras diferentes no *corpus*, composto de 35.479 palavras. A frequência média por palavras diferentes foi de 10, produto da divisão entre o total das palavras e o número de palavras diferentes. O número de palavras com frequência 1 foi de 1.753 palavras, número alto que indica a heterogeneidade do vocabulário que compõe o *corpus*.

Após a redução das palavras às suas raízes, obteve-se 571 palavras analisáveis (com frequência igual ou superior a 4), 228 palavras instrumentos e 76 palavras variáveis (aquelas que compõe a linha de comando, referentes as variáveis do estudo). As palavras analisáveis ocorreram 13.407 vezes. O *corpus* foi dividido em 872 Unidades de Contexto Elementar (UCEs) e a Análise Hierárquica Descendente (CHD) levou em conta 678 UCEs, ou seja, 77,75% do total de UCEs. A partir das UCEs consideradas, o programa dividiu o *corpus* em 4 classes, chegando ao dendograma apresentado a seguir, que ilustra as relações entre as classes.

Dendograma I – Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente das Classes Estáveis do *corpus* “Idoso”



Lendo-se da direita para a esquerda, num primeiro momento o *corpus* “Idoso” foi dividido em dois *sub-corpus* resultando de um lado duas subdivisões que darão origem as classes 1, 2 e 4 e de outro a classe 3. Num segundo momento, o primeiro *sub-corpus* foi dividido em dois, originando a classe 4 e uma terceira divisão que originou as classes 1 e 2. A CHD parou nesse momento, pois as 4 classes apresentaram-se estáveis, ou seja, estavam compostas de UCEs com vocabulário semelhante. Percebe-se que a

classe 3, logo de início, mostrou-se uma classe bastante diferente das outras três, ou seja, com UCEs com vocabulários distintos das classes 1, 2 e 4. Através da CHD chegou-se a 4 classes, sendo que a primeira corresponde a 94 UCEs (13,86%) a segunda diz respeito também a 94 UCEs (13,86%), a terceira engloba 440 UCEs (64,90%) e a quarta corresponde a 50 UCEs (7,37%).

Apresenta-se a seguir as 4 classes de segmentos de texto obtidas através da CHD, com seu vocabulário mais significativo dado pela frequência média de ocorrências das palavras diferentes no *corpus* (no caso, frequência maior ou igual a 10) e pela indicação da significação da sua ligação com a classe, computada através da prova de associação do qui-quadrado ($\chi^2 \geq 3,84$ pois o cálculo deste teste estatístico é feito com base em uma tabela com grau de liberdade igual a 1). Apresenta-se ainda, as UCEs mais significativas de cada classe, contextualizando as palavras mais significativas nos segmentos de texto mais representativos de cada classe e por fim a relação das palavras entre si, através da Classificação Hierárquica Ascendente (CHA).

4.2.1 - Classe 1

Na primeira classe foram selecionadas 94 UCEs, ou seja, 13,86% do total de UCEs utilizadas pela CHD. Das 145 palavras próprias desta classe, as palavras apresentadas na Tabela V são os elementos mais significativos da Classe 1, compartilhados por vários participantes, mas especialmente e com maior ênfase pelo Grupo 3 (pessoas com 60 anos e mais) e por pessoas do sexo feminino. Esta classe está organizada em torno de 10 elementos ou noções principais, a saber: casa, filhos, mãe, pai, família, filho(a), mulher, vô, asilo e tempo. Os pronomes possessivos minha e meu apresentaram grande frequência e associação com a classe, bem como os pronomes ela e nós, indicando o envolvimento afetivo com o conteúdo ali disposto. Os verbos também se mostraram como elementos significativos sob as formas: falar, ficar, fazer, quer, viver, morar, sofrem e era.

Tabela V – Palavras associadas significativamente à Classe 1, corpus “Idoso” (94 UCEs – 13,86% do total)

Palavras	Frequência	χ^2
Casa	22	53.48
Filhos	22	47.66
Mãe	21	57.77
Pai	20	57.88
Família	18	20.31
Filho (a)	13	27.68
Mulher	12	39.77
Vô	11	14.69
Sofrem	10	29.51
Asilo	10	16.10
Era	10	11.68
Tempo	10	4.05

As UCEs mais significativas da Classe 1, mostram as relações familiares dos idosos que a compartilharam com filhos, esposa e netos e a satisfação dos idosos com suas amizades e familiares e da família com seu idoso: *“eles me adoram”, “estão junto comigo”, “eu tenho orgulho da senhora”, “eu queria que a minha mãe fosse assim, que a minha vó fosse assim”*, mas também há também relatos de dificuldades vividas pelos participantes ou amigos deles, em perder seus companheiros e ao procurar manter outros relacionamentos afetivos e não são aceitos por seus filhos, ocorrendo vários conflitos. O extrato de entrevista a seguir, ilustra parte das UCEs mais significativas da classe:

“O idoso hoje... hoje eu vejo mais idosos sofrendo porque se põe na cabeça que não tem nada mais a fazer. Que nem ali no Asilo São Vicente de Paula, tem muita, tem muito idoso ali e não são pessoas tão idosas não. É que a família não agüenta: ela não sai, eu quero sair, quero levar os filhos, quero... então pagam e põe ela ali. Então eu falo, se tivesse, que eles fossem evoluindo, a família não põe e a família não sofre. Porque a família que põe uma pessoa, um ente querido no São Vicente de Paula ou qualquer outra entidade, a família sofre. Não é que põe porque quer, mas é porque sofre também. E a família, eu tenho meus filhos, eu tenho quatro filhos, duas mulheres, dois homens. Eu tenho doze netos, tenho quatro bisnetos. Eles me adoram, eles falam: vó, às vezes uma fala, eu queria que minha mãe fosse assim, eu queria que a minha vó fosse assim. Gente, é só se dispor, é só se dispor, tem tudo. Ah mas não pode. Pode. O poder é querer e o querer, Deus dá. Então se você se ajuda, ele também te dá um empurrão.” (entrevista 25, participante do sexo feminino, 78 anos, pertencente ao grupo 3)

A mulher é citada como a pessoa que encara uma situação mais difícil na velhice do que o homem, pois ela não tem estudo, foi criada para ser dona de casa e seus filhos

casam, deixando-a só. A mulher também sofre mais, geralmente porque sempre quer fazer algo e isso “*estrova*”, incomoda quem está perto e o homem, pelo contrário, fica mais isolado, “*não ajuda nem estrova*”. Vejamos o que como a participante expõe essa idéia:

A alternativa de ter de morar em um asilo é tida como triste mas os idosos que se referem a isso sentem-se protegidos dessa situação, já que criaram bem os seus filhos e tem o apoio necessário deles. Os filhos pagam pessoas para cuidarem dos pais ou os levam para um asilo para “*se ver livre dos pais*” e também porque os filhos usam drogas, maltratam o pai, ou o desprezam e o colocam no asilo, tornando a velhice ruim. Ao abandonar seus pais no asilo o tornam uma pessoa desgostosa, que não vê apoio dos filhos e nem da família. Vejamos um extrato de texto que fala sobre isso:

“Eu penso que a pessoa idosa, principalmente quando ele não tem filho assim, é só Deus para olhar por ele, deve se cuidar, apegar com Deus, procurar as pessoas, porque muita gente... tem o Lar dos Velhinhos, a gente tem ido fazer baile lá, tem gente ali que eu conheço estão tudo lá, que não deu certo na vida, tudo o que pegava uns bebia, outros acabava com tudo e na velhice está lá. (...) Então é uma coisa que olha, eu conheço aqui, gente rica aqui, que o pai está lá no asilo, faz compra aqui e leva lá. Você acha que está certo? (...) Eu acho que é uma tristeza.” (entrevista 11, participante do sexo masculino, 77 anos, pertencente ao grupo 3)

Por outro lado, uma participante idosa defende que a própria família sofre em deixar o idoso no asilo e isso se dá porque eles não o agüentam em casa, querem sair, levar as esposas e filhos para passear e o idoso não os permite, já que não os acompanha, impedindo que realizem as atividades desejadas, para não deixá-lo só. Para a participante é necessário “*evoluir*”, acompanhar, passear, não ficar “*empacado*”. O idoso que evolui é aquele que acompanha e o que não evolui é o que fica parado, empacado, não deixa filhos, noras e netos saírem, passearem e se divertirem. A casa é o contraponto do asilo, ligado a família, filhos, mulher, vô, etc.. Vejamos o segmento de texto a seguir:

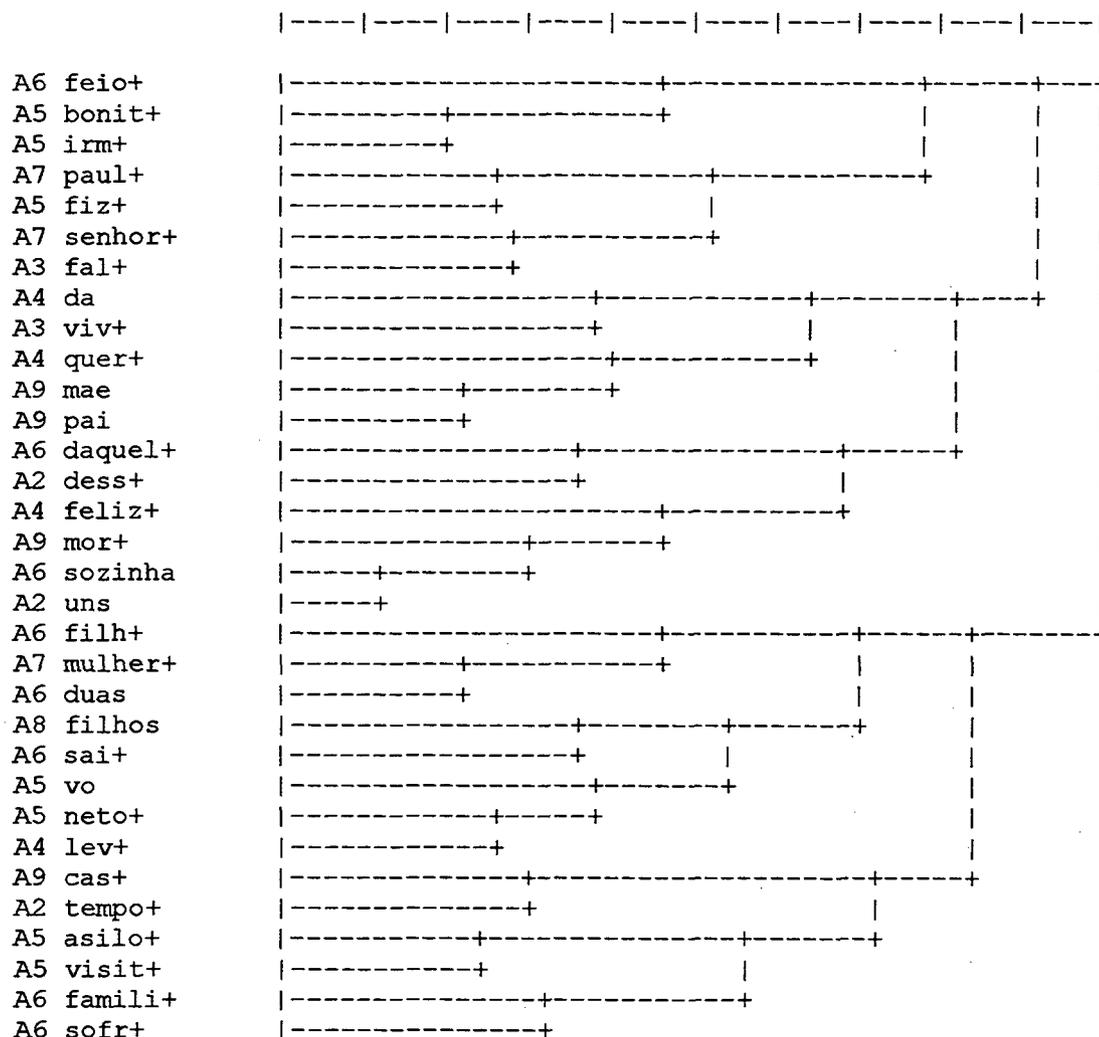
“Então tem um idoso que evolui e um que não evoluiu. Aqueles que ficam parados, geralmente eles tem netos, tem bisnetos, ou tem filhos. Os filhos casam, as noras, elas querem passear, querem levar os filhos passear, mas a vó está ali empacada, a vó não deixa. Não é que ela não deixa, ela não vai. Eles ficam com dó e é aí, aí fica aquela, aquele clima pesado entre a família, fora ela, por exemplo. Eu não quero ir, você quer ir, mas porque eu não vou você fala: mas também eu não vou deixar ela sozinha. Entendeu? Então é isso que o idoso... ele às vezes está lá, o filho ou a filha, a nora joga lá no asilo, não é isso. Tem que procurar entender. E o entender tem que vim do próprio idoso, para não atrapalhar o filho, não atrapalhar a nora e nem os netos, porque atrapalha, mesmo, mesmo eu não querendo, eu sei que eu atrapalho, se eu não acompanhar, eles não vão, eles não se sentem bem. Então o que eu acho que o idoso

tem que evoluir por isso.” (entrevista 25, participante do sexo feminino, 78 anos, pertencente ao grupo 3)

Por meio da leitura das respostas completas referentes ao tema “Idoso”, podemos visualizar outras questões, próprias desta classe. Para os participantes, sofrem idosos e suas famílias. Os idosos perecem porque moram com outras pessoas como nora, filhos que não os tratam bem, porque filhos implicam com os pais e exigem certos comportamentos deles, porque ficam sozinhos, sem companheiros, à mercê dos filhos que dificultam ou desaprovam novos relacionamentos afetivos dos pais, causando conflitos e o idoso sofre ainda, segundo o relato dos participantes, porque põe na cabeça que não tem mais nada a fazer. A família sofre, por sua vez, porque o idoso é implicante, reclama de tudo, não muda de idéia facilmente e sempre quer estar com a razão, “*pena*” porque os filhos desses idosos não conseguem levar uma vida normal com seus próprios filhos e companheiros, já que os idosos os impedem de ir a algum lugar pois não os acompanham. São apontados dois caminhos para o idoso viver melhor: morar sozinhos ou encontrar novos companheiros, procurar se entender e se cuidar mutuamente, aprendendo a conviver novamente.

Outra questão bastante citada é a de que é importante para o idoso estar atuando, estar em atividade, fazer esportes, dançar, conversar, sair, procurar diversão, estudar e não se isolar, ficar sentado, parado, triste, não conversar ou sair, pois isso o torna velho ou mais velho do que está.

Dendograma II - Dendograma da Classificação Hierárquica Ascendente relativa a Classe 1 do corpus "Idoso"



Através do Dendograma II que ilustra a Classificação Hierárquica Ascendente desta classe, podemos visualizar as relações entre as palavras características da Classe 1. Lendo-se o dendograma de baixo para cima, percebe-se que existem quatro ligações entre as palavras: na primeira, as palavras sofrer ou sofrer, família, asilo, casa, filhos, e feio estão associadas, seguida da ligação entre as palavras: visitar, asilo, casa, filho e feio, indicando a compreensão de que o idoso sofre seja na família, no asilo, na casa e com o filho e isso é feio, é ruim, mas também é possível que o filho o visite no asilo ou em casa, ou que não visitá-lo também seria algo feio. Posteriormente, vemos a junção das palavras: levar, neto, vô, filhos, filho e feio, que parece estar ligado a segunda associação, no sentido de que o verbo levar dá a idéia de conduzir o idoso a algum lugar (asilo ou casa de filhos e netos) e que isto seria ruim para ele. De qualquer forma, nessas três associações, percebe-se que pensar no idoso é vinculá-lo, necessariamente, às

relações familiares. Em um quarto momento, aparecem as palavras: sozinha, morar e feliz, que parece indicar que ao morar sozinho, o idoso estaria mais feliz, o que parece bastante coerente com a primeira associação, já que sugere que o idoso pode sofrer ou sofre morando em casa e com filhos. Em alguns relatos dos participantes do Grupo 3, com 60 anos e mais, aparecem as falas de que ao perder o companheiro ou não tê-lo, é interessante ficar só, pois se tem mais liberdade e mais independência tanto em sua casa como nas atividades de trabalho e lazer.

Apresentando 13,86 % do total de UCEs do *corpus* "Idoso", o conteúdo da classe 1 foi mais compartilhado por participantes do Grupo 3 (pessoas com 60 anos e mais) e por pessoas do sexo feminino. Os pronomes possessivos meu e minha, bem como os pronomes pessoais ela e nós tiveram bastante frequência e associação com a classe, referindo-se a familiares: filhos, filha, filho, mãe, pai, mulher e vô. Os elementos casa, família, asilo e tempo foram bastante significativos, juntamente com os verbos que indicam ação como: falar, fazer, viver, etc.. Várias UCEs se apresentaram bastante significativas, com $\chi^2 > 50.00$, destacando as relações familiares como bastante importantes ao se pensar o idoso, bem como a qualidade dessas relações para a satisfação ou não do idoso e de seus familiares com a convivência recíproca, assim como para a tomada de decisão de se colocar o idoso em um asilo. É necessário que o idoso procure "evoluir", acompanhar as mudanças e as atividades de seus familiares, para que não seja um estorvo. A mulher tem mais dificuldades na velhice, porque por menos que faça ou participe, acaba sempre desagradando.

4.2.2 - Classe 2

A concepção sobre idosos dos participantes desta classe foi mais compartilhada entre pessoas do Grupo 3, ou seja, pessoas com 60 anos e mais e organiza-se em torno de 6 elementos principais, apresentados na Tabela VI: coisa, velho(a), dias, cuidado, novo(a) e Deus. Outros elementos significativos são os verbos, expressos nas formas: fazer, ficar, falar, chegar e está, estou, vou e vai. Nesta segunda classe foram selecionadas 94 UCEs, ou seja, 13,86% do total de UCEs utilizadas pela CHD, apresentando 122 palavras.

Tabela VI – Palavras associadas significativamente à Classe 2, corpus “Idoso” (94 UCEs – 13,86% do total)

Palavras	Frequência	χ^2
Coisa	30	11.10
Está	29	7.67
Vou	26	47.87
Velho(a)	26	9.82
Vai	25	14.81
Agora	17	11.01
Dias	15	13.78
Cuidado	12	14.70
Estou	11	6.14
Novo(a)	10	32.46
Deus	10	9.20

A partir das UCEs mais significativas da Classe 2, depreende-se que os participantes consideram velho a pessoa que se entrega, que fica sentado, que não faz tantas coisas quanto os participantes, velho é o que se vê velho, que não se cuida, fica esperando a morte, achando que acabou tudo. Velho é ainda aquele que está parado, que fica em casa, não sai, fica sentado, morrendo aos poucos. Essa visão do idoso é compartilhada por vários participantes desta classe. O próximo extrato de texto ilustra como os participantes da pesquisa que compartilham desta classe pensam do idoso:

“Só que, o idoso se tiver sozinho, lá num cantinho, ele fica ali quieto, quieto, ele vai acabando mais depressa ainda. Então, tem que ver que, não está aí sozinho, pega e sai, andar, procurar amizade com um, com outro, passear, eu acho que é bom assim, ficar parado sozinho não dá não. Ajuda ter amigos, sair... ajuda. Agora, fica aí parado aí, não tem uma companhia em casa às vezes para conversar, fica pensando e é capaz de morrer mais depressa. Morre mais depressa, o melhor é ficar vivendo assim como a gente pode né?” (entrevistado n.º41, participante do sexo masculino, pertencente ao Grupo 3).

As soluções para que as pessoas não fiquem velhas, são dadas pelos próprios participantes. É preciso que o idoso cuide bem da saúde com comida e higiene para não ter problemas. Caso o idoso tenha saúde mais perfeita, tem que sair, fazer caminhada, ou dançar, que é o que um dos participantes aconselha. O idoso tem que fazer qualquer coisa, ajudar em um asilo, em um hospital, em qualquer lugar, fazendo qualquer coisa, mexer em qualquer coisinha, não ficar parado, arrumar amigos, jogar baralho, jogar bocha, para espantar a possibilidade de ficar velho, parado, sentado, esperando a morte chegar. A palavra “coisa” é usada para substituir um ato: o idoso tem que fazer qualquer

coisa para estar em atividade; substituindo objetos ou fatos. Vejamos o extrato de entrevista a seguir:

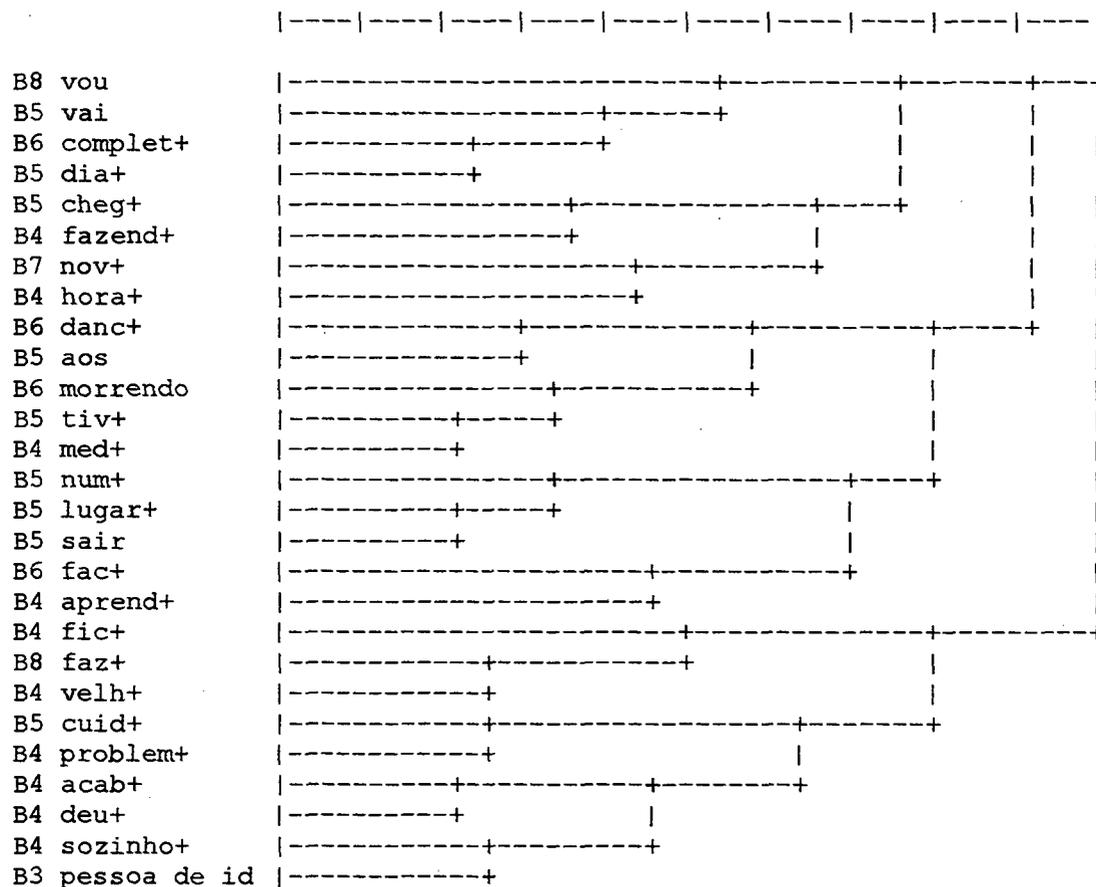
“Eu penso no idoso assim, que todos os idosos deveriam fazer uma ginástica, estudar, fazer qualquer coisa, sair, divertir, para... porque se a gente aquietar, vai aquietando mesmo! Eu conheço, tem gente mais nova do que eu, está lá no seu cantinho, não tem ânimo de sair para nada, de fazer nada. Eu acho que o idoso tem que... evoluir. Porque não tem estudo como eu, é ir estudar, fazer ginástica, fazer hidrogenástica, fazer qualquer coisa na vida, para viver e... se cuidar bem da saúde com comida, higiene, muito bem para não ter problema. Porque se não tiver higiene também... não vai... Tem que ter. Eu acho que os velhos... sempre aconselho isso.” (entrevista 6, participante do sexo feminino, 72 anos, pertencente ao Grupo 3)

Nesta classe, a palavra “novo(a)” vem como contraponto da palavra “velho(a)”, sem que as pessoas novas ou velhas precisem estar separadas ou distinguidas entre si. Outra forma em que se coloca esse contraponto, é quando os participantes expressam o conhecimento de várias pessoas de mais de idade, que são velhas de idade mas novas de espírito, pois são ativas, participam de várias atividades, saem, dançam, brincam, estudam, fazem esportes, coisa que muitos jovens, ou seja, pessoas novas, não fazem.

Deus é citado como benevolente, pois faz as coisas certas, como permitir que uma participante visse sua vó em um momento em que estava precisando dela e como motivo para que as pessoas não façam atividades de lazer ou atividades que gostariam, porque Deus iria castigá-las caso fizessem ou pensassem algo errado, como ir a bailes, por exemplo. Para a participante são os próprios homens que se castigam e não Deus e não é por isso que as pessoas tem que deixar de se divertir ou de sair. Em várias entrevistas desta classe, “Deus” é citado como protetor dos idosos e a fé nele, como garantia dos entrevistados terem chegado tão bem a idade em que se encontram.

A palavra cuidado, juntamente com a palavra cuidar, surgem no momento em que participantes prescrevem suas receitas de bem estar ao idoso: cuidar de sua saúde, higiene, alimentação, ir a ginástica, fazer exercícios, manter diversos tipos de relacionamento, etc.; ao citar exemplos de esposa e filhos cuidando de amigos na doença e de que os companheiros precisam se cuidar mutuamente na velhice; bem como quando denunciam que os familiares, principalmente filhos, não querem mais cuidar dos pais doentes e velhos.

Dendograma III - Dendograma da Classificação Hierárquica Ascendente relativa a Classe 2 do corpus “Idoso”



Ilustrando a Classificação Hierárquica Ascendente da Classe 2 do corpus “Idoso” o Dendograma III permite visualizar três associações de palavras, sendo a primeira (de baixo para cima), referente as palavras: *pessoa_de_idade*, *sozinho*, *acabou*, *cuidado* ou *cuidar*, *fica* ou *ficar*, e *vou*, indicando a noção de que a pessoa de idade fica sozinha, necessita de cuidado ou de que vai se cuidar ou se cuida, já que esta classe é composta de segmentos de texto de pessoas com idade acima dos 60 anos e poderia estar falando de si própria. A segunda associação se deu com as palavras: *problema*, *cuidar*, *cuidado*, *velho(a)*, *fazer*, *ficar* e *vou*, seguida da reunião das palavras: *medo*, *tiver*, *morrendo*, *dançar*, *vou*. Na segunda associação se tem a idéia de problema associada a *ficar*, a *cuidar* ou ao *cuidado* do *velho*, somada a terceira associação que apresenta os elementos *medo*, *morrendo*, que parece indicar que ao se pensar no idoso, os participantes o associaram a problemas quanto ao cuidado possivelmente perante a uma doença e a possibilidade da morte. Outro elemento que se associa as palavras *medo*, *tiver*, *morrendo*, é a palavra *dançar* que, junto da palavra *vou*, sugerem a ação de

ir dançar, procurar a dança como alternativa do idoso (ou dos próprios participantes) para não se ater apenas aos pensamentos relacionados a problemas e a morte. A palavra “vou” é a que une todas as outras, próxima a “vai”, dando a idéia de movimento, de ação, de uma predisposição do idoso em ir, fazer, sair, dançar... elementos que podemos visualizar no dendograma.

Na Classe 2 do corpus “Idoso” foram selecionadas 94 UCEs, ou seja, 13,86% do total de UCEs utilizadas pela CHD, compartilhadas especialmente por participantes do Grupo 3, ou seja, pessoas com 60 anos. Os elementos que organizam essa classe, apresentam os antônimos velho e novo, comparando-os e estabelecendo diferenças entre o idoso e o velho. Deus é percebido como auxiliar na vivência de ser idoso. O velho precisa de cuidado e de se cuidar na alimentação, na higiene, na saúde, fazendo caminhadas, saindo, dançando, ajudando alguém em asilos, hospitais, arrumando amigos, jogando, etc, para que não fique parado, sentado, achando que acabou tudo e esperando a morte. Velho é aquele que não se cuida, que se acomoda e se vê velho. As pessoas mais novas apontaram a decadência física como uma consequência de ser idoso, bem como a proximidade com a morte. Na associação de palavras é que se vê mais claramente que pensar o idoso remete a lembrança a problemas, medo, cuidado, doença e morte.

4.2.3 - Classe 3

Na terceira classe foram selecionadas 440 UCEs, ou seja, 64,90% do total de UCEs utilizadas pela CHD. Foram selecionadas 167 palavras nesta classe. Ela é a classe que caracteriza em maior proporção o conteúdo do *corpus* “Idoso”, contando com a participação maciça dos Grupos 1 e 2 (este com uma frequência maior do que o primeiro), pessoas com 13 a 25 anos e 26 a 45 anos, respectivamente.

Na Tabela VII estão dispostas as palavras associadas significativamente a Classe 3 (compartilhada pelos participantes da pesquisa mais novos), apresentando o maior número de noções do *corpus* “Idoso”, organizada principalmente em torno dos elementos: pessoa, idoso(a), vida, idade, respeito, idosos, pessoa_idosa, carinho, sociedade, parte, forma, atenção, experiência, questão, velhos, lado, pessoas_idosas, diferente, pais, social, alguém, amor, mente e dificuldade. Aparentemente poderíamos

somar os elementos idosos, pessoa_idosa e velhos, mas posteriormente veremos que os participantes estabelecem diferenças essenciais entre eles. Um verbo essencial nesta classe é o verbo ter, apresentando bastante frequência e associação com a classe, que, somado o verbo deveria, sugerem uma certa imposição ou ordem dada pelo participantes em se fazer algo pelo idoso. Os verbos que denotam ação também estiveram presentes na classe 3: pensar, ser, passar, conversar, sentir, mudar, considerar, tratar e imaginar. As palavras: como, maioria e menos apontam para uma certa comparação entre os elementos da Classe 3. Outra reunião de palavras parece ser importante: acho, vejo, parece e acredito, em especial a palavra acho, que possui uma frequência e χ^2 altos que pode indicar um certo distanciamento ao falar do tema e uma elaboração mais teórica sobre o assunto. Outros elementos importantes na classe são: sabe, sei, existe, posso, falta, seria, merece e seja.

Tabela VII – Palavras associadas significativamente à Classe 3, *corpus* “Idoso” (440 UCEs – 64,90% do total)

Palavras	Frequência	χ^2
Pessoa	176	27.46
Idoso(a)	145	34.93
Vida	90	9.89
Idade	63	6.70
Respeito	45	26.07
Idosos	38	9.52
Pessoa idosa	37	16.32
Carinho	36	20.56
Sociedade	33	18.76
Parte	30	4.50
Forma	28	11.14
Atenção	24	13.46
Experiência	24	13.46
Questão	23	12.88
Velhos	23	5.08
Lado	20	8.76
Pessoas idosas	16	4.67
Pais	15	4.17
Social	13	7.17
Alguém	13	7.17
Amor	12	6.61
Mente	10	5.49
Dificuldade	10	5.49

Esta é classe que define com maior riqueza de conteúdos o que pensa do idoso. É a classe em que os participantes mais se utilizam dos termos “pessoa”, “pessoa idosa” ou “pessoas mais velhas”. Uma participante chega a dizer que não sabe o que pensa sobre o idoso, porque o vê como uma pessoa, uma pessoa normal, que não tem nada de diferente. Outro o reconhece como “ser humano”. Entretanto, muitas são as definições de quem seja o idoso para os participantes. O idoso é alguém que merece mais cuidado, precisa de carinho, muita atenção, muito respeito e paciência, porque já viveu muito tempo, porque tem muita experiência para passar para as pessoas, porque tem experiência de vida. A pessoa idosa é uma pessoa sofrida, que não tem o carinho que merece e é uma pessoa dependente de outro membro da família. Ser idoso é “adquirir experiência ao longo da vida” e é o tempo que se encarrega disto. Os segmentos de texto a seguir demonstram essa visão do idoso:

“Quando eu penso no idoso me vêm a experiência de vida, uma pessoa que sempre tem alguma coisa para te ensinar, conselho para dar, que a gente tem que respeitar muito né? Ajudar principalmente e respeitar... É uma pessoa experiente, vivida.” (entrevista 35, participante do sexo masculino, 18 anos, pertencente ao Grupo 1)

“A pessoa idosa é uma pessoa vivida, uma pessoa sofrida, uma pessoa de experiência. (...) Ela depende de alguém, depende bastante.” (entrevista 7, participante do sexo masculino, 22 anos, pertencente ao Grupo 1)

Ocorre uma distinção entre o velho e o idoso: velho é o que se sente velho e o idoso é aquela pessoa que tem idade avançada mas que não se sente velho. Para o idoso a idade não conta, ser velho está na cabeça de cada um, o que conta é a cabeça, pois se a pessoa desanima, senta lá, só vive com a mão na cabeça, pensando bobagem, ele está ou ficará velho. Essa forma de pensar o idoso está presente em quase todas as entrevistas que compuseram esta classe. Ser idoso então, dependeria da cabeça, do espírito de cada pessoa (mais jovem ou mais velha, com pouca ou muita idade) e das atividades que realiza.

“Olha, o idoso... o idoso é aquela pessoa que... já se sente velha, o idoso não é o que se sente velho, idoso para mim é aquela pessoa que tem idade avançada. Esse é o idoso para mim. (...) O velho seria aquela pessoa parada e o idoso não, seria a contagem dos anos, o idoso é toda uma experiência, carrega muita coisa.” (entrevista 28, participante do sexo masculino, 28 anos, pertencente ao Grupo 2)

“Tudo é estado de espírito, tudo depende da... do estado de espírito da pessoa. Se ela é uma pessoa para cima, alegre, acho que não tem assim como caracterizar a idade idosa. (...) Se a pessoa tiver um estado de espírito bom, alegre, sempre alegre, sempre contente, ter força de vontade né e ter gosto pela vida, principalmente, não tem como considerar uma pessoa velha!” (entrevista 7, participante do sexo masculino, 22 anos, pertencente ao Grupo 1)

As entrevistas apontam para uma preocupação de que o idoso seja mais respeitado, tenha maior atenção por parte de todos, pois é uma pessoa vivida, passou por todas as fases da vida, lutou e trabalhou muito, sofreu, criou família, filhos, ajudou no país e adquiriu muita sabedoria e experiência. Alguns participantes entendem que o idoso tem experiência de vida e merece respeito porque viveu bastante, mas defendem a idéia de que o idoso precisa respeitar a experiência de cada um, inclusive do jovem, pois cada pessoa vive coisas diferentes, tem um tipo de experiência. Para eles, o idoso sabe em parte, ou seja, conhece em parte, mas não é o único que sabe e deve respeitar isso.

Vários participantes concordam que a sociedade não valoriza o idoso, não o respeita, o discrimina, abandona, humilha e cultiva preconceitos sobre ele e sua condição às vezes mais limitada, com mais doenças, aparência enrugada, cabelos brancos, andar lento e curvado. Para eles, o preconceito aparece quando são atendidos em lojas, quando procuram um trabalho ou em suas próprias casas, com filhos ou parentes. Nesse sentido, foram apontadas alternativas como campanhas educativas, governamentais ou da própria comunidade, ações da comunidade e dos jovens para que haja uma mudança em relação ao posicionamento e pensamento que se tem do idoso, buscando maior aceitação e valorização do idoso, bem como programas variados que promovam atividades direcionadas aos idosos, mantendo-os ativos e mais felizes.

A Classe 3 foi a que apresentou um maior número de associações (oito ao total) entre os seus principais elementos, conforme se vê no Dendograma IV. As palavras associadas serão citadas em seus grupos, um a um, lendo-se o dendograma de baixo para cima: n.º 1 – geralmente, maioria, idosos, conversar, idade, pessoa, carinho ou carentes; n.º 2 – velhos, idosos, conversar, idade, pessoa, carinho ou carentes; n.º 3 – existe, acredito, conversar, idade, pessoa, carinho ou carentes; n.º 4 – vejo, acho, penso, pessoa, carinho ou carentes; n.º 5 – vida, idoso(a), pessoa, carinho. As associações 1, 2, 3, 4 e 5 são bastante parecidas, indicam a noção dos participantes de que vêem, acham, pensam, acreditam que a os velhos, idosos ou pessoa idosa geralmente ou na sua maioria são pessoas com idade avançada, carentes e que necessitam conversar, receber carinho; N.º 6 - valorizar, deveria, parte, experiência, amor e carinho ou carentes; n.º 7 – pensamento, palavra, posso ou possa, socialmente ou social, formas ou forma, carinho ou carentes; e n.º 8 – merecem, respeito, parece, pelo e carinho. Nas associações 6, 7 e 8, ainda aparece a noção de que o idoso é carente, necessita de amor e carinho, mas surgem outros componentes nestas reuniões de palavras, que indicam que os participantes compartilham da idéia de que o idoso merece e deve ser respeitado socialmente, pela experiência que possui. A palavra que fecha o dendograma é justamente a palavra carinho, próxima a atenção, a falta, paciência... o que parece indicar que os participantes da pesquisa mais novos, preocupam-se com a situação dos mais velhos e buscam como que “receitas” para que sejam melhor tratados, haja visto a grande frequência das palavras: ter, teriam, tem, que denotam uma ordem, quase que uma imposição em se ter carinho, atenção e respeito com os idosos.

Compartilhada por participantes dos Grupos 1 e 2 (este com uma frequência maior do que o primeiro), pessoas com 13 a 25 anos e 26 a 45 anos, respectivamente, a Classe 3 é a que caracteriza em maior proporção o conteúdo do *corpus* “Idoso”, formada por 64,90% do total de UCEs utilizadas pela CHD. Nesta classe, o conteúdo indica que ser velho é um estado que depende da cabeça de cada um, de se sentir velho. O idoso ao contrário, é aquele que possui idade, ou seja, os anos se passaram, ele não se sente velho. O velho desanima, fica sentado, parado, pensando bobagem. Outros participantes vêem o idoso como uma pessoa normal, um ser humano, sem diferenças das outras pessoas. A noção transmitida por meio da palavra “*pessoa*” ou sua associação com “*pessoa(s) idosa(s)*”, sugere uma valorização e respeito dos mais jovens para com o idoso. O idoso é alguém que precisa de cuidado, carinho, atenção, respeito e paciência. Ele é uma pessoa sofrida, dependente de alguém (principalmente familiares),

com muito tempo e experiência de vida, com muito para passar de sua experiência para as outras pessoas. Para alguns participantes a sociedade não valoriza o idoso, o discrimina, tem preconceitos, não o valoriza nem o respeita, sem lhe dar o espaço para ser mais útil ou ativo. Para outros participantes porém, o idoso não colabora nas relações, na medida em que não aceita ou respeita as idéias e experiências das outras pessoas e dos jovens, causando um certo conflito entre eles. No dendograma que ilustra as relações entre as palavras, é possível confirmar o que se disse anteriormente: o idoso é visto como uma pessoa carente, necessitada de cuidado, de conversas, de atenção, de carinho, de amor, valorização e respeito. O idoso merece e deve ser respeitado não só pelo seu tempo de vida, mas pela experiência que possui.

4.2.4 - Classe 4

Na quarta classe foram selecionadas 50 UCEs, ou seja, 7,37% do total de UCEs utilizadas pela CHD. Foram selecionadas 99 palavras nesta classe. Esta é a classe que menos caracteriza em proporção o conteúdo do *corpus* "Idoso", compartilhadas por apenas quatro pesquisados, pertencentes ao Grupo 3 (pessoas com 60 anos e mais) e está organizada em torno de dois elementos: aposentadoria, coisa e o verbo aposentar, como se pode observar na tabela VIII.

Tabela VIII – Palavras associadas significativamente à Classe 4, *corpus* "Idoso" (50 UCEs – 7,37% do total)

Palavras	Frequência	χ^2
Aposentadoria	10	78.95
Aposentar	15	123.08
Coisa	19	12.08

As UCEs de um dos participantes dizem respeito a alimentos e estilo de vida no campo e de trabalho, que na sua opinião estão afetando a forma como as pessoas vivem e também a sua saúde e, por conseguinte, como serão quando idosas, pois, tanto ele quanto pessoas que conhece, são idosos bastante fortes e com saúde pois se alimentam com produtos naturais e levam a vida conforme ele aconselha. Nas outras três

entrevistas também são citadas preocupações com a saúde, no sentido do idoso se cuidar, seja se alimentando corretamente, fazendo exercícios como caminhada, ginástica e dança, seja procurando manter suas próprias atividades como trabalho, negócios e atividades rotineiras como fazer compras, ir ao banco, etc.. Segue um extrato de texto que mostra as preocupações que segundo a participante, o idoso tem que ter consigo mesmo, tal como ela o faz:

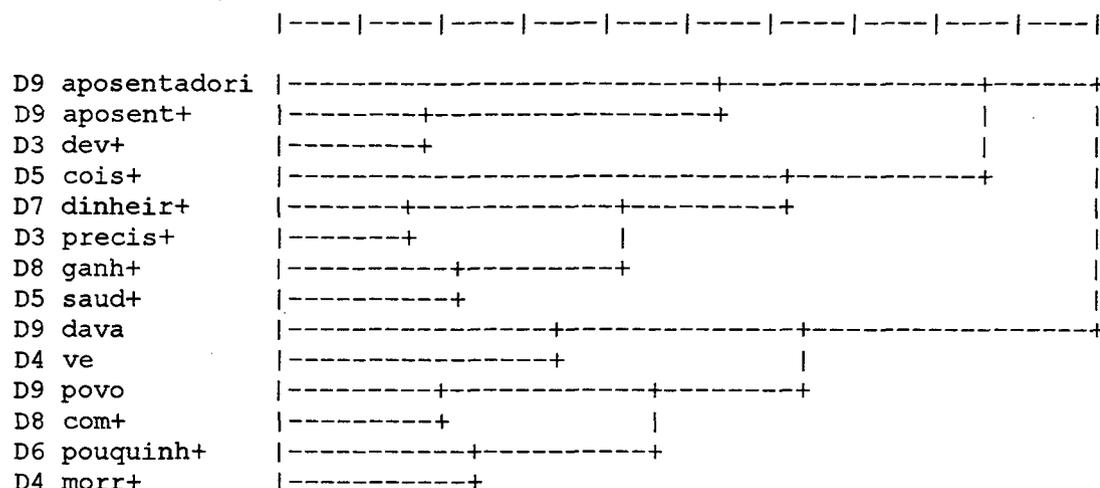
“Eu penso que os idosos... por mim eu tiro os outros idosos, as outras idosas... acho que eles devem se cuidar bastante na alimentação, fazer ginástica como eu faço, que eu vejo muita gente... acho que o idoso tem sempre... eles acham que não: ah, estou bem assim, estou bem assim, não querem sentar, não quero... mas acho que o idoso, eu acho que a gente deve caprichar mais do que o novo, nesse ponto né, de comer bem, tomar bastante água, fazer exercício...” (entrevista 68, participante do sexo feminino, 72 anos, pertencente ao Grupo 3)

As UCEs desta classe têm como tema em comum, a aposentadoria e o aposentar-se. Conta-se histórias de como se conseguiu a aposentadoria, e histórias de pessoas que a conseguiram próximo da morte e não puderam aproveitá-la, ou que demoraram para conseguí-la, encontrando-se então, bastante doentes. Foram feitas críticas solicitando o auxílio do governo para aposentar as pessoas mais cedo, pois já trabalharam tanto, precisam comprar suas coisas e às vezes não agüentam esperar e morrem. Critica-se a burocracia do INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social) ao não permitir que diversas pessoas se aposentem por falta de papéis e assinaturas e que outras pessoas o façam sem terem trabalhado.

Nas UCEs mais significativas, os participantes apontam as dificuldades financeiras dos idosos, dizendo que a aposentadoria não é suficiente para o idoso e que, caso ele tenha saúde, até pode conseguir se alimentar e vestir bem, só que muitos não a tem e, com a “saúde precária” (o sistema de saúde, que não tem recursos, nem fornece os remédios necessários) é difícil se manter. Segue um extrato de entrevista que ilustra essas idéias:

“Apesar que, a aposentadoria... por exemplo, eu e minha esposa, eu sou aposentado só que... para nós aquilo ali é uma quirela... uma coisinha para cá, outra para lá, para um condomínio... é pouco. É porque eu tenho outras rendas, eu vivo de aluguel, essas coisas. Agora, tem pessoas que eu conheço, casais que tem só aquilo ali, passam apurado... Se não tivesse: não vou pagar aluguel, não vou pagar luz, essas coisas, então dava né... e com saúde? Dava para se alimentar bem, se vestir, é duro né?” (entrevista 34, sexo masculino, 76 anos, pertencente ao Grupo 3)

Dendograma V - Dendograma da Classificação Hierárquica Ascendente relativa a Classe 4 do corpus “Idoso”



O Dendograma V apresenta as relações entre as palavras que compõe os segmentos de texto característicos da Classe 4 que se relacionam entre si, apresentando quatro associações. Lendo-se de baixo para cima, vemos a primeira associação das palavras: morreu, pouquinho, povo, dava, aposentadoria; uma segunda reunião se deu com os elementos saúde, ganha ou ganhar, dinheiro, coisa e aposentadoria. Posteriormente as palavras precisava, dinheiro, coisa e aposentadoria juntaram-se. Por fim, ocorreu a associação das palavras deve ou deveria, aposentar e aposentadoria. Ao pensar o idoso, os participantes desta classe, associaram palavras como dar, ganhar, deveria, aposentar e aposentadoria, ou seja, ao pensar no idoso, eles consideram essencial que ele se aposente, que ele ganhe dinheiro, que ele tenha aposentadoria para sobreviver, adquirir coisas e cuidar de sua saúde. As palavras deve ou deveria, povo e aposentar ou aposentadoria estão relacionadas ao dever do Estado em fornecer aposentadorias, em atender melhor aos seus idosos.

Com 7,37% do total de UCEs utilizadas pela CHD, a Classe 4 do *corpus* “Idoso” foi compartilhada por pesquisados pertencentes ao Grupo 3 (pessoas com 60 anos e mais), tendo como elementos centrais as palavras: aposentadoria, aposentar, coisa, você e se. Pensar no idoso remeteu os participantes dessa classe a necessidades financeiras, ao dinheiro e a aposentadoria como formas de o idoso ter uma velhice melhor, adquirir o que quer ou precisa e de cuidar de sua saúde. Entretanto, muitas foram as críticas a aposentadoria, por não ser suficiente para suprir as necessidades do idoso e por ser muito difícil conseguir o benefício. Não houve uma definição específica do idoso, citando apenas as condições em que vive. Citou-se a responsabilidade do governo em

atender mais e melhor aos idosos do país, não só com aposentadorias, mas também com outros benefícios, como a assistência em saúde.

4.2.5 - Conclusão dos resultados

A Classificação Hierárquica Descendente realizada pelo programa ALCESTE, abarcou uma parte bastante significativa do *corpus* “Idoso”: 77, 75% do total de UCEs, organizadas em quatro classes, sendo a terceira delas a de maior representatividade em proporção às outras e mais específica, já que os participantes que compartilham seu conteúdo são os do Grupo 1 e 2, pessoas de 13 a 25 anos e 26 a 45 anos respectivamente. As outras três classes tiveram como protagonistas, participantes do Grupo 3, pessoas de 60 anos e mais. As três primeiras classes mostraram-se bastante articuladas e ricas em conteúdo, não acontecendo o mesmo com a quarta classe.

As quatro classes resultantes da Classificação Hierárquica Descendente do *corpus* “Idoso” expõe visões diferentes a cerca do idoso:

- Classe 1: pensa-se o idoso a partir de referenciais familiares;
- Classe 2: pensa-se o idoso a partir do que ele faz ou deixa de fazer, das atividades que realiza na sua velhice;
- Classe 3: pensa-se o idoso como fruto de um estado de espírito, ser idoso depende da cabeça de cada pessoa, mas a imagem de idoso composta é a de uma pessoa carente e dependente, que deve ser respeitada por sua experiência, sabedoria e tempo de vida.
- Classe 4: pensa-se o idoso sob o ângulo de suas necessidades, sendo centrais as noções de aposentadoria e de dinheiro.

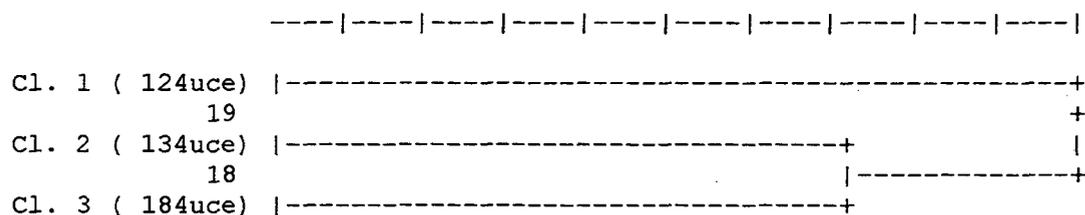
Vejamos no capítulo de discussão de dados, como essas quatro classes se articulam entre si.

4.3 - Descrição dos resultados do *corpus* “Velhice”

O *corpus* analisado nesta parte do estudo é composto de 71 Unidades de Contexto Inicial ou 71 respostas dos participantes da pesquisa, referentes ao tema “Velhice”, frente a pergunta: “O que você entende por velhice?” Foram encontradas 2.523 palavras diferentes no *corpus*, composto de 22.257 palavras. A frequência média por palavras diferentes foi de 9, produto da divisão entre o total das palavras e o número de palavras diferentes. O número de palavras com frequência 1 foi de 1.287 palavras, número alto que indica a heterogeneidade do vocabulário que compõe o *corpus*.

Após a redução das palavras às suas raízes, obteve-se 408 palavras analisáveis (com frequência igual ou superior a 4), 181 palavras instrumentos e 76 palavras variáveis (aquelas que compõe a linha de comando, referentes as variáveis do estudo). As palavras analisáveis ocorreram 8.337 vezes. O *corpus* foi dividido em 559 UCEs e a Análise Hierárquica Descendente (CHD) levou em conta 442 UCEs, ou seja, 79,14% do total de UCEs. A partir das UCEs consideradas, o programa dividiu o *corpus* em 3 classes, chegando ao dendograma apresentado a seguir, que ilustra as relações entre as classes.

Dendograma VI – Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente das Classes Estáveis do *corpus* “Velhice”



Lendo-se da direita para a esquerda, num primeiro momento o *corpus* “Velhice” foi dividido em dois *sub-corpus* que, de um lado originou a classe 1 e de outro, que dará origem as classes 2 e 3. Num segundo momento, o primeiro *sub-corpus* foi dividido em dois, originando as classe 2 e 3. A CHD parou nesse momento, pois as 3 classes apresentaram-se estáveis, ou seja, estavam compostas de UCEs com vocabulário semelhante. Desde o a primeira divisão a Classe 1 se mostrou com UCEs distintas daquelas que compõe as Classes 2 e 3. Através da CHD chegou-se a 3 classes, sendo que a primeira corresponde a 124 UCEs (28,05%), a segunda diz respeito a 134 UCEs

(30,32%) e a terceira engloba 184 UCEs (41,63) sendo a classe mais representativa em proporção, do corpus “Velhice”.

Apresenta-se a seguir as 3 classes de segmentos de texto obtidas através da CHD, com seu vocabulário mais significativo dado pela frequência média de ocorrências das palavras diferentes no *corpus* (no caso, frequência maior ou igual a 9) e pela indicação da significação da sua ligação com a classe, computada através da prova de associação do qui-quadrado ($\chi^2 \geq 3,84$ pois o cálculo deste teste estatístico é feito com base em uma tabela com grau de liberdade igual a 1). Apresenta-se ainda, as UCEs mais significativas de cada classe, contextualizando as palavras mais significativas e por fim a relação as palavras entre si, através da Classificação Hierárquica Ascendente (CHA).

4.3.1 - Classe 1

Na primeira classe foram selecionadas 124 UCEs, ou seja, 28,05% do total de UCEs utilizadas pela CHD. Foram selecionadas 138 palavras nesta classe, compartilhadas predominantemente por participantes do Grupo 3, pessoas com 60 anos e mais, sendo que as palavras apresentadas na Tabela IX são os elementos mais significativos da Classe 1 do *corpus* “Velhice”. Esta classe está organizada em torno de 7 elementos ou noções principais, a saber: Deus, filhos, estudo, feliz, agora, depois e marido. A utilização dos verbos: tenho, estou, vou, sou, posso e fiz, bem como por meio do uso dos pronomes possessivos meu e minha e o uso do pronome pessoal “eu” (palavra com maior frequência e associação com a Classe 1), demonstram o envolvimento pessoal dos participantes ao descrever sua concepção de velhice, colocando sua própria experiência. A velhice é pensada com verbos em tempo passado como: tinha, era, foi e fiz, e através de verbos que indicam ação: falar, trabalhar e ir.

Tabela IX – Palavras associadas significativamente à Classe 1, *corpus* “Velhice” (124 UCES – 28,05% do total)

<i>Palavras</i>	<i>Frequência</i>	χ^2
Deus	30	50.61
Filhos	27	69.24
Tenho	27	21.21
Estou	20	6.05
Agora	17	9.73
Tinha	16	18.75
Vou	14	11.53
Era	13	18.14
Estudo	12	13.86
Sou	12	12.12
Foi	11	21.23
Feliz	11	10.16
Depois	10	10.35
Posso	10	4.18
Marido	9	16.16
Fiz	9	16.16

A grande maioria das UCES significativas desta classe, dizem respeito a fatos ou histórias do passado. Ao serem solicitados a falar o que entendem por velhice, os participantes da pesquisa que compartilham do conteúdo dessa classe, predominantemente pessoas com 60 anos e mais, começaram a falar de si, contar como foi sua história, fazendo comparações entre o passado e o presente, para poderem definir velhice. A velhice que vivem hoje é considerada fruto de seu trabalho, de tudo o que conquistaram e fizeram, assim como da ajuda de Deus.

Velhice também é descrita pela avaliação daquilo que se fez até o momento pelos filhos: seu estudo, recursos e imóveis que eles possuem hoje. A descrição da velhice envolve ainda o contar de histórias de vida, mostrando as dificuldades e vitórias obtidas pelos idosos para chegar até a velhice, como se observa no extrato de texto abaixo:

“Então eu sei que já tenho bastante idade para 64 anos, já não é mais criança, 64 anos mas, a vida para mim, hoje é melhor do que quando eu fui jovem. A diferença é a vida que eu vivi né, de não poder estudar, a gente tinha aquela vontade de participar, de estudar, aprender e não consegui. Por isso que eu lutei, trabalhei bastante para estudar os filhos. Graças a Deus consegui formar todos os três. Curso superior e hoje eles levam uma vida boa, um vidão que tem, com assistência e tudo. Então, quer dizer, a vida hoje para mim é melhor. (entrevista 16, participante do sexo masculino, 64 anos, pertencente ao Grupo 3)

A Deus os idosos desta classe agradecem a saúde, colocam suas vidas e possibilidade de serem felizes, a fé de ficar curado e de ir para frente, de vencer, lutar e formar os filhos em curso superior. Deus também protege da depressão, já que só sofre desse mal quem não se “apega” com ele, como disse o participante a que se refere o segmento de texto a seguir:

“Velhice é uma coisa que a pessoa tem que se cuidar, porque hoje como tem o SESC com a terceira idade, a pessoa se diverte bem, esquece dos problemas, esquece da velhice, esquece daquilo que ele está pensando... que vai morrer amanhã. Nada disso, ele tem que ter fé em Deus e ir para frente, vencer. Aquele negócio que o povo fala, como chama... depressão, depressão. A depressão dá se a pessoa não tem fé com Deus, Se a pessoa estiver com Deus, ser apegada com ele não tem depressão. Certo? Eu sou assim, dessa maneira.” (entrevista 11, participante do sexo masculino, 77 anos, pertencente ao Grupo 3)

Ao fazer essa comparação entre presente e passado, os idosos concluem que o que vivem atualmente é muito bom, que sua velhice é boa. Um dos participantes relata sua surpresa ao se ver, depois de 40 anos, voltando a dançar e a se divertir, vendo-se feliz com a esposa e amigos, participante de muitas atividades como cantar e se apresentar em dois corais de que participa. Outra idosa relata fazer ginástica, ir a piscina, ao coral e ao teatro e declara querer viver mais uns 100 anos. Um entrevistado diz ter uma boa saúde e, ao se comparar a seus funcionários em termos de trabalho, relata não perder para eles.

Na leitura das entrevistas como um todo, constata-se o relato de que a velhice é uma coisa da cabeça de cada pessoa, depende de cada um aceitá-la ou não, já que ela entra ou faz parte da vida da pessoa, quando ela se entrega ao desânimo, a apatia, não quer sair de casa, não faz mais nenhuma atividade e não se cuida, seja na alimentação, em exercícios ou em relacionamentos. Os entrevistados declaram se sentir bem com sua velhice, ou ainda, que não são velhos e isso não conta para eles, já que só os anos se passaram, mas a disposição e capacidade de viver continuam os mesmos de antigamente. Vejamos os extratos de texto a seguir:

“Olha, a velhice para mim... eu acho que é a pessoa não ter, não se reagir, não... a pessoa acha que não tem força para nada porque está velho, porque né, que velho não tem, tem que ficar só em casa, tem que, só... eu, eu já não sei fazer isso. Eu quero me pôr mais, eu quero sair. Eu fico doente se eu ficar parada. Fico Agora, se eu ficar parada, aí a velhice pega! É que a pessoa perde o ânimo. Na velhice a pessoa perde o ânimo. Fica... se entrega. As pernas endurecem já de uma vez.” (entrevista 32, participante do sexo feminino, 66 anos, pertencente ao Grupo3)

“Então velhice, acho que está na mente da pessoa. A gente tem sempre que pensar o melhor, fazer o melhor né? E não pensar assim: não vou porque já ou velho... não tem isso de velho. Velho não existe, pode ter idoso, mas velho não tem, não tem velhice...”

Através do dendograma que ilustra as relações das palavras utilizadas na Classe 1, chegamos às seguintes associações, lidas de baixo para cima: n.º 1 - sinto, sofrimento, luta, num(a), fiz, sair, casa, depressão; n.º 2 – posso, faço, fazendo, sair, casa e depressão. A velhice é tida como um período de sofrimento. Nas associações 1 e 2, vemos o relato de que as pessoas sofreram, lutaram, fizeram, saíram, ou seja, remeteram-se ao passado para pensar a sua velhice. Somando-se à essas noções as palavras sinto, posso, faço, sair, casa e depressão, têm-se a compreensão de que na velhice se tem depressão, se fica em casa, mas também se faz, é possível sair, é possível fazer. Talvez os participantes estejam se remetendo a sua própria velhice, já que esta classe foi formada por UCEs de pessoas de 60 anos ou mais, utilizando-se da comparação entre o passado e o presente para definir a velhice. A próxima associação de número 3, apresenta as palavras: pega, parada, casa e depressão, dando a idéia de que a velhice “pega” se a pessoa ficar parada, em casa e ficar deprimida; n.º 4 – voltei, fiquei, comprei, casa e depressão; n.º 5 – filhos, pais, criei, igual, depressão; n.º 6 – mulher, marido, criei, igual, depressão. As associações 4, 5 e 6 indicam que a velhice é pensada através de elementos familiares como casa, filhos, pais, mulher e marido e criei dizendo respeito a criar filhos. Associação n.º 7 - levar, Deus, igual, depressão. Na última associação tem-se a noção de que ao levar Deus consigo, o idoso se protege da depressão, que Deus é um elemento essencial ao se pensar a velhice.

Com 28,05% do total de UCEs utilizadas pela CHD, a Classe 1 do corpus “Velhice” foi compartilhada predominantemente por pesquisados pertencentes ao Grupo 3 (pessoas com 60 anos e mais), ou seja, idosos, tendo como noções centrais as palavras: Deus, filhos, tudo, nada, estudo, feliz, agora, depois, outro e marido. O envolvimento pessoal dos participantes ao definir a velhice, expresso no conteúdo desta classe, está indicado pela utilização dos verbos: tenho, estou, vou, sou, posso e fiz, bem como por meio do uso dos pronomes possessivos meu e minha e o uso do pronome pessoal Eu (palavra com maior frequência e associação com a Classe 1). Ao expressar sua experiência de vida, os participantes fazem uma comparação entre passado e presente, definindo a velhice como fruto de seu trabalho, conquistas e feitos, pelo que fez por seus filhos e como se encontram hoje em dia e pela ajuda que Deus os deu para enfrentar as dificuldades da vida. Ao fim desta comparação, avaliam a sua velhice como boa. A velhice é tida como algo difícil, que traz problemas, sofrimento e depressão caso a pessoa se deixe invadir, “pegar” por ela, ao ficar em casa, parada e deprimida. Os participantes ao contrário, não se consideram na velhice, já que saem, fazem muitas

atividades e se encontram felizes, evitando a depressão. As associações de palavras e os noções centrais indicam que os participantes pensam a velhice a partir de elementos familiares como casa, filhos, pais, mulher e marido e a partir da fé e proteção de Deus.

4.3.2 - Classe 2

Na segunda classe do *corpus* “Velhice” foram selecionadas 134 UCEs, ou seja, 30,32% do total de UCEs utilizadas pela CHD, apresentando 139 palavras próprias da classe. Compartilhada por participantes dos Grupos 1 e 2 (adolescentes e adultos), predominantemente do sexo masculino, esta classe está organizada em torno de 12 elementos principais, dentre os 23 elementos ou palavras associadas significativamente à Classe 2, como disposto na Tabela X. São eles: velhice, vida, fase, momento, dia, dificuldade, experiência, física, processo, idoso, natural e importante. A palavra você, aparece como uma forma de cada participante se referir a si próprio, mantendo um certo distanciamento ao pensar a sua própria velhice, sem utilizar um pronome possessivo como minha, por exemplo, o que iria colocá-la mais próxima do participante. Foram citados vários verbos que indicam ação, sem tempo definido: passar, ter, viver, entender e envelhecer. O verbo: caminhando, exprime uma intenção de processo, continuidade. Vejamos a tabela.

Tabela X – Palavras associadas significativamente à Classe 2, corpus “Velhice” (134 UCEs – 30,32% do total)

Palavras	Frequência	χ^2
Velhice	74	10.87
Vida	65	75.42
Vai	33	4.70
Fase	19	41.49
Momento	13	30.79
Dia	12	4.65
Dificuldade	11	25.93
Experiência	10	6.80
Física	9	21.12
Processo	9	21.12
Idoso	9	14.16
Caminhando	9	14.16
Natural	9	14.16
Importante	9	9.60

De acordo com as UCEs mais significativas desta classe, a velhice é uma etapa ou fase da vida. A pessoa nasce, amadurece e envelhece. A velhice é uma etapa da vida que o indivíduo está passando por transformações orgânicas e psicológicas que o deixa em constante crise, o que varia de indivíduo para indivíduo. É um estágio tido como biológico, orgânico e psicológico em que a pessoa já construiu a sua vida e sua família. É ainda uma fase em que depois de tanto trabalho o idoso terá um descanso, um merecido repouso em que irá desfrutar do que plantou na juventude. Outro participante coloca que, para ele, a velhice está na cabeça da pessoa e não no número de anos que ela tem de idade. Para outro participante, a velhice só ocorre para determinada pessoa porque ela não se cuidou e não se preparou. Vejamos os extratos de entrevistas a seguir:

“Velhice é uma... no meu entender, é uma etapa da vida do indivíduo, que ele está passando por transformações... orgânicas e psicológicas também, que... faz com que ele entre em constante crise, mas isso depende muito de indivíduo para indivíduo. Tem indivíduos que entram na velhice não sendo velhos, diz que é o velho_jovem, sabe? Entra na velhice não sendo velho, por problemas psicológicos, sociais, econômicos... já tem aquele indivíduo que entra na velhice já... sabe? Ele está hiper de bem, está muito bem com a vida e mesmo ele estando com idade_avançada, ele não se sente velho...” (entrevista 65, participante do sexo masculino, 25 anos, pertencente ao Grupo 1)

“Acho que é uma fase, ele tem que aproveitar muito essa fase de idoso dele, porque na verdade ele produziu a vida toda dele e agora está na hora dele colher os frutos. É uma idade que ele teria realmente que aproveitar.” (entrevista 63, participante do sexo masculino, 19 anos, pertencente ao Grupo 1)

A velhice também é qualificada como etapa difícil em que o velho é rejeitado pela sociedade porque não produz mais, porque vem a decadência física e não se pode fazer mais o que se fazia outrora e porque a pessoa de idade fica mais lenta, tem mais dificuldade no trabalho em função da degradação física que vai sofrendo com o passar dos anos. Para outras pessoas, na velhice a pessoa está caminhando para o final da vida, contrário do que exposto em uma UCE em que a participante coloca que não se deveria encarar a velhice como etapa final da vida, mas como uma etapa que a pessoa está passando.

Alguns participantes chegam a confundir velhice com idoso, equiparando-os, colocando-os em um mesmo nível. Diante da pergunta sobre o que era velhice para eles esses entrevistados falaram dos idosos: *“pessoas mais velhas, bom de conversar, a gente tem um respeito muito grande, viveram muito, sabem muito e tem muito para ensinar”* e pessoa que já passou por várias experiências, viveu a vida e chegou a velhice. Essa confusão ocorreu em quase todas as entrevistas. Tal qual no corpus “Idoso”, apresenta-se uma certa divisão entre um idoso ou velho que seria mais jovem e outro considerado velho. O primeiro é aquele está de bem com a vida e com ele mesmo, aceita razoavelmente bem as transformações, perdas e crises vindas com a velhice e, embora tenha idade avançada não se sente velho. Já o idoso-velho ou velho-velho, é aquele que se sente velho, mesmo que tenha pouca idade, como 50 anos por exemplo, sinta-se acabado e sem motivação. A atividade do idoso, sua movimentação física e mental, assim como a manutenção dos relacionamentos interpessoais são as formas que os participantes dessa classe consideraram importantes para se ter uma boa velhice.

Por fim, duas UCEs dão uma idéia de processo de envelhecimento, pois dizem que a pessoa envelhece desde que nasceu, desde sua concepção e outra, ao citar as fases que considera que o ser humano passe, até chegar a velhice, o que considera um processo natural, um caminho para a morte física.

“Ah, velhice é uma palavra que a gente denominou o tempo de vida da gente, desde o nascimento até o fim. Então a gente vai envelhecendo desde o momento que a gente nasceu, desde o momento que a gente foi concebido a gente está envelhecendo. Tem muita gente que diz que não, mas é verdade. Na minha opinião é. A gente começa a envelhecer no momento em que é concebido, porque daí só vai contando os dias para mais.” (entrevista 17, participante do sexo feminino, 60 anos, pertencente ao Grupo 3)

Procedendo a leitura das entrevistas como um todo, percebe-se que se entende a velhice como uma fase ou estágio da vida, que tem a característica de ser *“inevitável”*,

de que todos, sem exceção, irão chegar, caso não morram antes, não terão como “escapar” dela. As características apontadas são as negativas, de degradação física da pessoa, fragilidade, maior lentidão nos movimentos, condição que não permitirá a realização de atividades que se fazia quando jovem ou mais jovem. Na velhice ocorre ainda, a dependência física ou financeira do idoso para com parentes ou o próprio Estado, por meio da aposentadoria. Participantes que não apontam somente a degradação física e mental como próprias dessa fase da vida que é a velhice, apontam para sua parte positiva, que é a de adquirir maturidade e experiência, bem como maior tranquilidade para resolver problemas e discernimento e entendimento sobre as coisas, qualidades que, segundo os entrevistados, a pessoa não tem quando mais jovem.

Lendo-se o Dendograma VIII de baixo para cima, vemos as seguintes associações entre as palavras: n.º 1 – vai, viver, passar, vida e estágio; n.º 2 – velhice, da, vida, estágio; n.º 3 – final, caminhando, fim, ao, estágio; n.º 4 – estágio e descanso; n.º 5 – experiência, etapa, conhecimento, entendo e fase; n.º 6 – morte, natural, entendo e fase, física, encarar, processo e fase; n.º 7 – dia, espelho, inevitável e sociedade; n.º 8 – período e inevitável; n.º 9 - termo, complicado e sociedade; n.º 10 – psicológico e sociedade; n.º 11- jovens, respeito, idosos e dificuldade; e n.º 12 – importante e envelhecer. Por meio das associações apresentadas, depreende-se a compreensão dos participantes que compartilham essa classe sobre a velhice. Velhice é viver, passar a vida, mas é também um estágio da vida em que se caminha para o fim, para o final da vida (associações 1, 2 e 3). A velhice é também um estágio de descanso, etapa em que se tem experiência e conhecimento, que se entende a vida (associações 4 e 5). Velhice é ainda uma fase ou período inevitável, em que a morte física é natural (associação n.º 6). Na associação n.º 7, tem-se a idéia de que um dia nós enxergamos no espelho a velhice tão inevitável e que ela é algo que tem a ver com a sociedade. A velhice é um termo complicado, pois tem dimensões psicológicas e sociais (associações 7, 9 e 10). É importante envelhecer, mas é uma dificuldade fazer com que os jovens respeitem os idosos na sua velhice (n.º 11 e n.º 12).

Compartilhada somente por participantes dos Grupos 1 e 2 (adolescentes e adultos), predominantemente do sexo masculino, a Classe 2 do *corpus* “Velhice” apresentou 30,32% do total de UCEs utilizadas pela CHD, sendo a segunda maior classe em proporção do *corpus*. Organizada em torno dos elementos: velhice, vida, fase, momento, dia, dificuldade, experiência, física, processo, idoso, natural e importante, demonstram uma forma de pensar a velhice como uma fase ou etapa da vida que tem a característica de ser inevitável e comum a todos os homens. É um estágio marcado pela degradação física, por transformações orgânicas e psicológicas, pela dependência do idoso a outras pessoas e por preconceitos. A pessoa que chega na velhice tem experiência e conhecimento, já trabalhou, construiu sua vida e família e agora merece respeito e descanso. Os verbos utilizados na classe, exprimem ao mesmo tempo, ação e movimento, como que uma intenção de processo, de continuidade: passar, ter, viver, entender, envelhecer e caminhando.

4.3.3 - Classe 3

Na terceira classe foram selecionadas 96 palavras e 184 UCEs, ou seja, 41,63% do total de UCEs utilizadas pela CHD. Na tabela XI estão dispostas as palavras mais significativas da Classe 3, classe compartilhada predominantemente por participantes do sexo feminino e organizada em torno de 16 elementos principais: não, velhice, pessoa, coisa, velho, gente, idade, cabeça, ruim, saúde, exemplo, jovem, problema, corpo, doença, e nova. Os verbos que indicam ação são: querer, considerar e andar. Os verbos são e estão indicam um estado. Vejamos:

Tabela XI – Palavras associadas significativamente à Classe 3, *corpus* “Velhice” (184 UCEs – 41.63% do total)

Palavras	Frequência	χ^2
Não	135	11.41
Velhice	96	9.79
Pessoa	93	31.06
Coisa	65	15.78
Velho	62	51.72
Gente	57	4.85
Idade	39	13.43
Cabeça	27	13.41
São	23	10.26
Ruim	21	23.04
Saúde	21	19.58
Exemplo	21	9.36
Jovem	17	6.42
Problema	15	13.43
Corpo	13	10.72
Doença	13	10.72
Estão	10	5.28
Nova	9	4.20

Na grande maioria das UCEs significativas desta classe, constata-se a idéia de que a velhice não existe ou de que seja algo da cabeça das pessoas, ou seja, que elas de uma certa forma criam a sua velhice e podem se proteger contra ela, sem deixar que ela chegue. Estar ou não na velhice é uma questão de se pensar e se sentir velho. A justificativa para tais afirmações é a de que existem pessoas velhas de idade que são novas de cabeça e de espírito, tem espírito jovem, enquanto que existem pessoas novas

de idade, mas velhas de espírito. Essas idéias aparecem em quase todo o conjunto de entrevistas que compõe esta classe. Ao mesmo tempo, a velhice é apontada como algo que se tem que passar e da qual ninguém escapa. Os segmentos de texto dispostos abaixo, demonstram esse caráter relativo que a velhice assume para as participantes:

“Acho que velhice não existe, só existe as pessoas que querem ser velhas de verdade né? Aquelas que querem ser velhas, são velhas. Acho que não existe velhice. Tem gente que quer ser velha mesmo. Eu não acho, eu não me considero velha, só o corpo, a mente não.” (entrevista 18, participante do sexo feminino, 72 anos, pertencente ao Grupo 3)

Velhice eu acho que é um estado de espírito, eu acho que você está velho por dentro, porque por fora, todo mundo, a carne como se diz, um dia vai embora. Velhice é um estado de espírito mesmo. Se a pessoa for jovem por dentro, por fora não importa.” (entrevista 70, participante do sexo feminino, 21 anos, pertencente ao Grupo 1)

“Mas idade está na cabeça de cada um né. Não são os anos que contam a idade, eu tenho um modo de vida eu tenho um modo de ser... mais ou menos isso. Só a idade passou, os dias passaram.” (entrevista 8, participante do sexo feminino, 60 anos, pertencente ao Grupo 3)

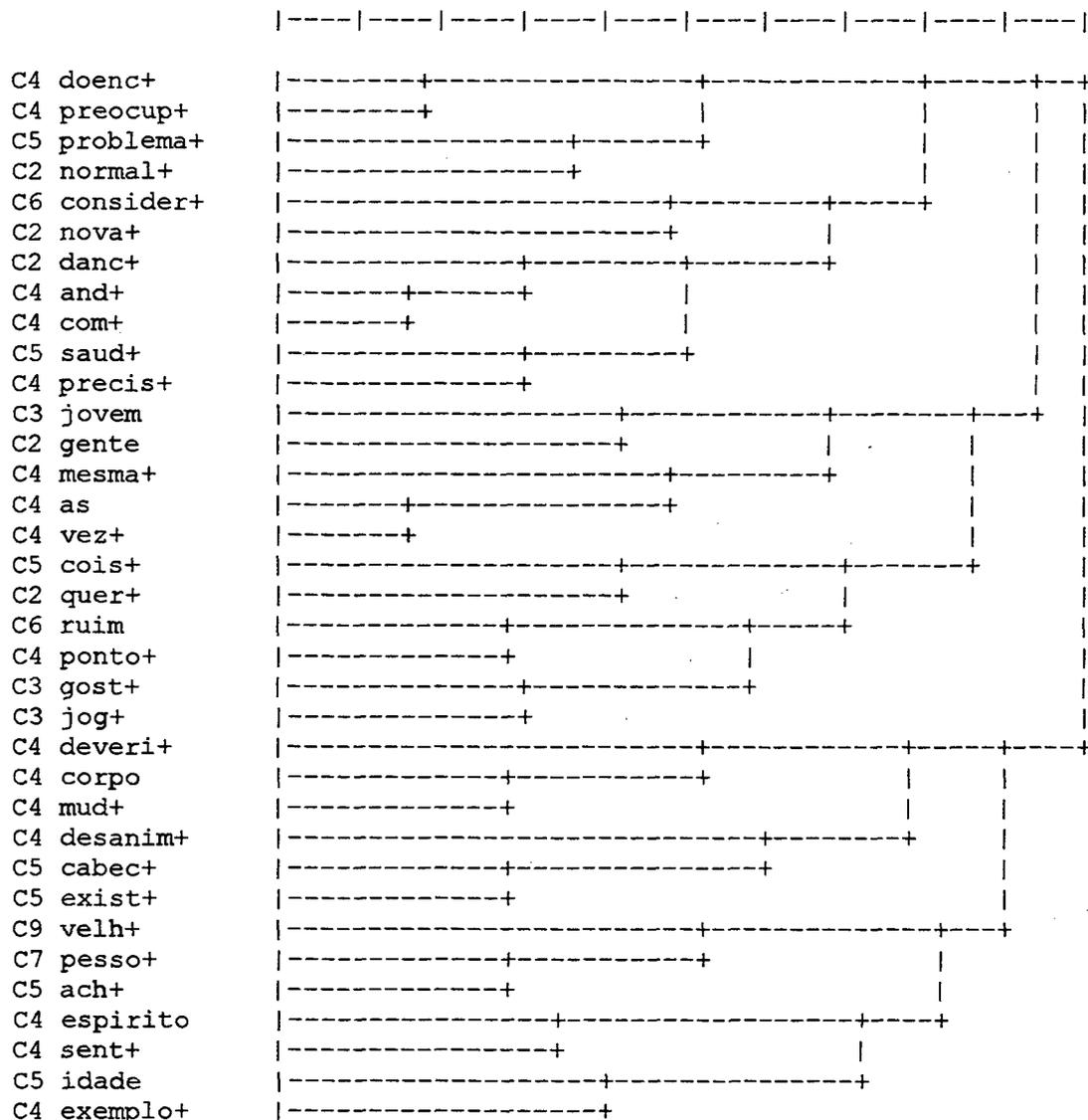
Como na Classe 2, nesta classe se confunde a velhice com o idoso, dizendo que só é velho quem quer, não existe o velho, velho é quem está com a saúde debilitada, pessoas que se consideram velhas, participantes que dizem se sentir bem com a idade ou que não se consideram velhas ou se acham muito jovens, ele é como moço ou é um só durante toda a vida, sem diferença. Essa confusão se dá, não somente nas UCEs mais representativas, mas também em muitas outras da classe. Relata-se que com saúde o idoso pode fazer tudo o que quiser e então sua velhice pode ser boa, não atrapalha ninguém de viver bem. Pode-se observar essa confusão no extrato de texto abaixo:

“A velhice para mim são aqueles que estão desanimado de tudo. Você vê, para eles nada está bom, eles estão desanimado, esses estão velhos. Esse é o velho. Para mim a velhice, é aquele que desistiu de tudo, reclama da saúde, da vida, da família, então para mim esse é o velho.” (entrevista 31, participante do sexo masculino, 75 anos, pertencente ao Grupo 3)

Em algumas das UCEs mais significativas os participantes apontam para o fato de que surgem problemas na velhice e indicam os cuidados necessários para que o idoso se previna deles, como se preocupar mais com alimentação e exercícios, cuidando melhor da saúde do que quando se é jovem e o fato de que a velhice muda o tipo de vida pela pessoa não poder fazer tantos esportes ou não praticá-los no ritmo anterior. Estar de cabeça branca e ter problemas da cabeça, sendo esclerosado, são coisas que assustam e preocupam as pessoas ao pensar em chegar na velhice. Participantes adolescentes e adultos que compartilham o conteúdo da classe, apontam a degradação física como fator

preocupante e definidor da velhice. A velhice se caracterizaria ainda, pelo fato da pessoa deixar de fazer o que gosta, deixar de fazer o que fazia antes, ou seja, de que a pessoa terá que mudar todos os seus hábitos e gostos devido as dificuldades físicas que a velhice proporciona.

Dendograma IX - Dendograma da Classificação Hierárquica Ascendente relativa a Classe 3 do *corpus* "Velhice"



No Dendograma IX, tem-se a ilustração da relação entre as palavras que compõe a Classe 3. Lendo-se de baixo para cima temos as seguintes associações de palavras: n.º 1 - exemplo, idade, espírito, velho(a), deveria, doença; n.º 2 - acho, pessoa(s), velho(a); deveria e doença; n.º 3 - existe, cabeça, desanimado(a), deveria e doença; n.º 4 - muda, corpo, deveria e doença; n.º 5 - jogo, gosto, ruim, coisa, jovem e doença; n.º 6 - gente e

jovem; n.º 7 – precisa, saúde, dançar, considero e doença; n.º 8 – comer, andar, dançar, considero e doença; e n.º 9 – normal, problema e doença. A palavra que reúne todas as outras é doença, que, somado a outras associações, sugere a noção de que a velhice pode ser comparada a doença. A velhice está associada a exemplo, a idade e ao espírito velho de quem nela está, bem como a doença (associação n.º 1). Logo após vem a idéia de que a pessoa velha é a que está doente, desanimada e que deixa a velhice existir em sua cabeça (associações 2 e 3). Na velhice o corpo muda, vêm as doenças e é normal ter problemas (associações n.º 4 e 9). Para que não haja doença na velhice ou ela não tenha força, a pessoa precisa cuidar da saúde, comer, andar e dançar (associações 7 e 8).

A Classe 3 do *corpus* “Velhice” é composta essencialmente por participantes do sexo feminino, reunindo 41,63% do total de UCEs utilizadas pela CHD, configurando-se a maior classe em proporção deste *corpus*. A ênfase nesta classe é a de que a velhice é uma coisa da cabeça, do espírito da pessoa ou um estado de espírito, o que permite que pessoas tenham idade avançada, mas sejam jovens, tenham um espírito jovem e por isso não podem ser consideradas velhas ou na velhice. Ao contrário, existem pessoas novas de idade mas com um espírito de velhas. Estar ou não na velhice é uma questão da pessoa se pensar e se sentir velha, está atrelada a capacidade do indivíduo de se manter ativo e animado. Salienta-se ainda, que na velhice a pessoa não pode mais fazer as atividades que fazia anteriormente e que gosta, devido a degradação física que a acompanha.

4.3.4 - Conclusão dos resultados

A Classificação Hierárquica Descendente realizada pelo programa ALCESTE, abarcou uma parte bastante significativa do *corpus* “Velhice”: 79,14% do total de UCEs, organizadas em três classes, sendo a terceira delas a de maior representatividade em proporção às outras, composta de 41,63% do total de UCEs utilizadas pela CHD, seguida da Classe 2, com 30,32% e da Classe 1, com 28,05% do total de UCEs. O conteúdo das classes se mostrou diferente quanto a faixa etária (Classe 1, predominantemente do Grupo 3 e a Classe 2, predominantemente participantes dos Grupos 1 e 2) e a diferenças de gênero (Classe 2, essencialmente do sexo masculino e

Classe 3, predominantemente do sexo feminino). As três classes mostraram-se bastante articuladas e ricas em conteúdo, compartilhando de alguns aspectos e sendo específicas em outros.

As três classes resultantes da Classificação Hierárquica Descendente do *corpus* “Velhice” expõe aspectos diferentes a cerca da velhice:

- Classe 1: a velhice é tida como resultado da comparação entre presente e passado, da condição atual de familiares, principalmente filhos e da proteção e fé em Deus;
- Classe 2: a velhice é pensada como uma fase da vida, inevitável e comum a todas as pessoas, marcada pela degradação física, por mudanças físicas e psicológicas, pela dependência e preconceitos, na qual se adquire experiência, conhecimento e maturidade;
- Classe 3: a velhice não existe, é definida como algo da cabeça da pessoa, depende de que ela tenha um espírito de jovem ou de velho, é uma questão de se pensar e se sentir velho, manter-se ativo e animado.

Vejamos no capítulo de discussão de dados, como essas três classes se articulam entre si.

5 - Discussão dos resultados

“Para mim não existe a velhice, porque eu acho que a gente só é velho quando quer ser velho. Quando não quer ser velho não é, porque... a gente não fica velho, ele sempre é um só.” (participante da pesquisa, sexo feminino, 72 anos)

As representações sociais são tentativas sociais de explicar, teorizar e tornar claro e acessível aos grupos e indivíduos, uma idéia, um fato, uma situação, um objeto. Busca-se coletivamente, formas de angariar informações e dados que possam auxiliar na concretização, na ancoragem e na objetivação de algo. Pois bem, iniciamos a discussão dos resultados referentes a estimação da idade para se considerar uma pessoa como idosa e logo após apresentamos a discussão dos resultados referentes ao *corpus* “Idoso” pois, embora esteja atrelada a idéia que se tem de velhice, é a idéia de idoso que fornece os dados mais concretos para se pensar a velhice, é o idoso que concretiza as características que a velhice assume. Pode-se dizer que as representações sociais de idoso e de velhice encontram-se imbricadas e quase que indissociadas, tanto que foi difícil para muitos dos participantes desta pesquisa, separar uma e outra, e por vezes alguns deles as definiram de maneiras semelhantes. É do tema “Idoso” que se pode falar com maior facilidade, haja visto a quantidade de falas produzidas sobre esse assunto, comparada a de velhice, pois é ele que concretiza as características da velhice, é ele quem podemos ver e é com quem podemos nos relacionar (no caso de adolescentes e adultos) e, recorrer as experiências pessoais (no caso dos idosos). A velhice entretanto, é algo mais distante, não só no sentido de que nem sempre a percebemos como uma etapa da vida, mas no sentido de que é uma idéia mais abstrata, menos palpável do que a idéia que se tem do idoso. A velhice é distante ainda, por se constituir um tema que reporta as pessoas a sentimentos e pensamentos que envolvem questões temidas por muitos: a passagem do tempo, doenças, limitações, morte, perdas, solidão, etc. e assim se torna um assunto que causa certa resistência e temor.

5.1 - Discussão dos resultados acerca da estimação da idade para considerar uma pessoa como idosa

A resistência apresentada pelos entrevistados no momento de estimar uma idade para considerar uma pessoa como idosa é bastante compreensível, não só pela responsabilidade que envolve essa estimação, mas também porque coloca os entrevistados frente ao problema de se projetar na velhice, considerar a possibilidade de um dia ser um idoso. Para os idosos este sentimento é mais presente, na medida em que estão muito mais próximos da velhice e porque, como veremos na discussão sobre as representações sociais de idoso e de velhice, os participantes negam ou camuflam o fato de serem idosos e de estarem na velhice. A resistência em se determinar uma idade para o início da velhice e de encontrar um consenso sobre o assunto, ocorreram também nas pesquisas de Neri (1991), Santos (1996) e Ploner, Michels, Oliveira e Strey (1999). Diante desta negação, como determinar uma idade para considerar uma pessoa como idosa, sem que os próprios participantes fossem afetados? O resultado foi que os idosos colocaram mais adiante a possibilidade de serem idosos, aos 70 e 75 anos. Alguns colocaram até mesmo a idade de 80 anos. Já adolescentes e adultos estabeleceram as idades de 60 a 65 anos como referenciais para se considerar uma pessoa como idosa, o que é compreensível e esperado, pois como vimos anteriormente, a dinâmica da passagem do tempo só é sentida quando se compara presente e passado e no caso destes grupos, o presente é o tempo mais focalizado em seu cotidiano, bem como na sociedade de um modo geral. De qualquer forma, essa não foi uma tarefa fácil para nenhum dos grupos, já que os confrontou não só com responsabilidades e com projeções que teriam que fazer de sua própria velhice e da velhice de outros, mas também com sentimentos conflituosos diante da possibilidade eminente da morte e da perda de pessoas queridas, da chegada de doenças e da debilidade física e até mesmo da dependência de alguém, o distanciamento do trabalho formal e outros tantos fatores e mudanças que envolvem a vivência da velhice.

Os participantes definiram a idade em que entendiam que a pessoa poderia ser considerada idosa pois estaria dependente, não teria mais tanta saúde, energia e disposição, estaria cansada, desanimada, dependente e frágil, ou seja, exatamente a visão do “velho”, aquela pessoa que carrega todas as características ruins da velhice, como veremos na discussão a seguir. Diante disso, foi importante para os participantes

de cada grupo estabelecer uma idade distante daquela que possuem hoje, para que assim evitassem esse perfil de idoso que caracterizaram.

Os dados que justificam a escolha das idades, corroboraram com os resultados obtidos tanto no *corpus* “Idoso” como no *corpus* “Velhice”, no sentido de se ponderar que a idade não determinaria o fato da pessoa ser idosa ou não, já que como os participantes haviam dito anteriormente (ao serem questionados sobre o que pensavam da velhice e do idoso), a velhice é uma coisa da cabeça, depende do espírito de cada pessoa, de como ela se comporta, pensa e sente a idade passar. O fato da idade apresentar diferentes conseqüências para cada pessoa, ou seja, dela variar de pessoa para pessoa, abre caminhos para que um indivíduo que tenha muita idade seja jovem de espírito e outro que tenha pouca idade seja velho de espírito. Para comprovar tais argumentos, os participantes recorrem a histórias e exemplos de si próprios (no caso dos idosos) e de seus avós, parentes, amigos ou conhecidos (no caso de adolescentes e adultos). Os participantes diziam a todo momento, que muitas pessoas idosas parecem jovens e que muitos jovens parecem velhos. Essas colocações parecem indicar uma contradição entre as imagens ou até mesmo as representações sociais que os participantes têm do idoso e do jovem e a experiência pessoal de ser idoso ou jovem ou de conhecer e se relacionar com pessoas assim denominadas.

Por fim, a estimação das idades mais avançadas, como 80 e 90 anos teve como justificativa por parte dos participantes da pesquisa, os avanços tecnológicos e de condições de vida que permitiram melhor qualidade de vida, tratamentos médicos e estéticos que amenizam as dificuldades e marcas da velhice. Essa questão faz parte do processo de construção das representações sociais do idoso e da velhice, na medida em que os avanços científicos, as novas formas de intervenções para adiar os efeitos da velhice ou trazer o rejuvenescimento, bem como os diversos cuidados com a saúde e a estética, a maior longevidade da população e outros tantos fatores, são utilizados nas conversações diárias e nos relacionamentos interpessoais do cotidiano, como fontes de informação que podem estar contribuindo para a mudança ou reformulação das representações sociais da velhice, do idoso e quem sabe, do envelhecimento como um todo.

5.2 - Discussão dos resultados do *corpus* “Idoso”

5.2.1 - Classe 1

Na Classe 1 do *corpus* “Idoso”, compartilhada especialmente por participantes do grupo de idosos e por pessoas do sexo feminino, o conteúdo de maior ênfase é o que explicita uma idéia de idoso a partir de aspectos familiares e dos papéis exercidos dentro da família, tendo como noções centrais as palavras: casa, filhos, mãe, pai, família, filho(a), mulher e vô, dados encontrados em outra pesquisa do mesmo gênero (Guimarães, 1997), bem como em pesquisas em que a família é citada como essencial na vivência da velhice (Marcon, 1997; López e Cianciarulo, 1999; Ploner, Michels, Oliveira e Strey, 1999). Os participantes relataram momentos de sua vida, como se constitui e se relaciona sua família e como se sentem em relação a ela, ou seja, nesta classe pensa-se o idoso a partir das relações familiares e do envolvimento afetivo das idosas com seus familiares, dando-lhes os referenciais do que é ser idoso. Salienta-se portanto, a importância que a família assume na velhice, no sentido de manter o bem-estar do idoso, assim como o comportamento do idoso é entendido como essencial no sentido de ele seja alegre e ativo, bem como se faça importante e querido pelos familiares, garantindo uma boa convivência entre eles.

A noção de sofrer ou do sofrimento do idoso, surge como um elemento importante na classe, já que as idosas entendem que o idoso sofre ou pode sofrer, tanto no asilo como em casa, sozinho ou com filhos e isso é algo ruim e feio tanto para ele quanto para os familiares, mostrando um entendimento de que a vida do idoso não é fácil, já que, por sua maior dependência, doenças ou dificuldades outras que tenha, acaba por ficar à mercê de alguém, da família ou de instituições e isso normalmente lhe traz sofrimentos. Não sofrer na velhice, segundo os participantes, depende da qualidade do relacionamento que o idoso trava com os seus familiares.

O uso significativo de verbos explicando o que o idoso deve ou não fazer, coloca-o como um dos grandes responsáveis por sua situação na velhice e por estar ou não no asilo, já que deveria ter educado bem seus filhos, ser precavido guardando dinheiro, manter bom relacionamento com filhos, noras ou genros, netos, etc., ser bem disposto, fazer atividades, sair, evoluir, acompanhar as mudanças do tempo, da sociedade e da família, fazer, falar, etc.. O asilo não é tido como uma opção distante

como o é no trabalho de Santos (1996) mas como opção de quem não tenha tido um bom desenvolvimento familiar ou financeiro, quem tenha tido comportamentos reprováveis ou a quem tenha tido o infortúnio de ficar solteiro, não ter filhos ou familiares ou mesmo de quem não tenha conseguido formar uma boa família ao longo da vida que lhe desse suporte e cuidado na velhice. Estar atualizado com o tempo é tido como essencial para o bom relacionamento familiar assim como para manter a pessoa jovem, já que quem pára no tempo se torna um velho ou fica mais velho do que está. A seguir se expõe um extrato de uma entrevista em que essa questão é colocada de maneira bastante clara.

“Pessoa idosa... eu acho que a pessoa idosa ela tinha que evoluir, como o tempo vem evoluindo, eu acho que ela deveria evoluir também. Porque se não, a pessoa fica parada... e a pessoa não pode parar. (...) Conforme vai evoluindo, a gente vai também, conforme o tempo, porque se você... o tempo não pára, a pessoa não pode parar também. É a mesma coisa, eu comparo a vida com um salão de baile: o que toca, você tem que pular, se você entrou nela, você tem que, toque uma música, toque outra, você tem que ir com ela, se você não quer parar. Se você parou, você pára de vez. Eu acho que o idoso tem que evoluir acompanhando! Quando as coisas vem acontecendo...”
(entrevista 25, participante do sexo feminino, 78 anos, pertencente ao grupo 3)

Vários verbos ligados a ação foram significativos nesta classe para apontar aquilo que as idosas relataram fazer ou achar essencial em sua própria velhice e no cotidiano com os familiares, sendo importantes ainda para indicar e aconselhar os outros idosos para serem idosos como elas imaginam: ao lado da família, envolvidos em seus papéis e atividades familiares. Nesse sentido é necessário que o idoso procure evoluir, acompanhar o tempo, as mudanças e atividades de seus familiares para que não os atrapalhe ou impeça de levar uma vida normal e para que seja um idoso ativo e feliz. Percebe-se uma certa imposição de que o idoso só será feliz caso seja ativo, caso se atualize no tempo e acompanhe o ritmo e desejos de seus familiares. O idoso que não é assim, não merece felicidade pois não a procura e não se esforça e assim é compreensível que a família o coloque em um asilo, como se falou anteriormente. Cabe lembrar aqui as colocações de Debert (1999b), que chama a atenção para o fato de que está se criando uma única forma de conceber e vivenciar a velhice, forma esta, que exclui tudo e todos que se apresentem diferentemente dela. É o que parece ocorrer no depoimento das idosas pertencentes a Classe 1 do *corpus* “Idoso”.

Cada um a seu modo, de acordo com suas habilidades e história de vida, mostram como evoluíram, contando de seu passado, das dificuldades e sofrimentos enfrentados e como estão hoje, suas conquistas em termos de atividades que participam,

como bailes, coral, pintura, estudo formal, etc., em relacionamentos com outros companheiros ou com outros amigos, em comportamentos e nas conquistas financeiras.

Talvez por uma identificação com as mulheres, ou por experiência própria, as participantes apontam o elemento “mulher” como importante para se pensar o idoso, referindo-se aos papéis sociais que a mulher assume na família, de mãe e esposa, mas também no sentido de que a mulher idosa sofre mais, por ficar mais só, já que os homens morrem mais cedo, os filhos saem de casa quando se casam e ela possui poucos recursos de subsistir ou de viver a velhice, pois sempre trabalhou como dona de casa. A mulher é ainda alguém que atrapalha mais do que o homem, já que comumente realiza tarefas domésticas que nem sempre são bem aceitas pelos filhos e seus companheiros. Indica-se o caminho de que o idoso more sozinho ou que busque uma nova união para que assim seja feliz sem tanta interferência familiar, tendo mais liberdade e independência tanto em sua casa como nas atividades de trabalho e lazer ou mesmo de que, ao se ver com os filhos, o idoso se adeque ao ritmo familiar deles. De fato, as mulheres tem uma expectativa de vida maior do que a dos homens e maior longevidade (cerca de 6 anos segundo dados de Berquó, 1999), tornando-se viúvas mais cedo do que os homens (Silvestre, Kalache, Ramos e Veras, 1996; Beltrão e Camarano 1997; e Berquó, 1999), ocorrendo o que Berquó (1999) denomina de feminilização do envelhecimento, em que se tem um crescimento da população idosa feminina em maior ritmo do que a masculina, sendo que as mulheres ficam viúvas mais cedo do que os homens e tendem a continuar sozinhas depois da morte de seu companheiro. Somado a estes fatores, têm-se que anteriormente a mulher tinha menores possibilidades de estudo do que atualmente e era educada estritamente para o trabalho em casa e a dedicação exclusiva à sua família, restringindo seus contatos sociais fora do lar e suas possibilidades de autonomia financeira. Alguns autores como Debert (1999b) e Ploner, Michels, Oliveira e Strey (1999) perceberam em suas pesquisas, que a velhice proporciona um momento em que as mulheres se sentem impelidas a criar suas próprias regras, a viver uma liberdade sexual e social que antes não tinham, por estarem envolvidas em uma vida totalmente regrada, repressiva e restritiva. Esse conteúdo foi encontrado nas falas das idosas entrevistadas nesta pesquisa. Aliás, não só das idosas, mas também dos idosos. Em sua tese de doutorado, Brêtas (1999) discute a maior facilidade que as mulheres parecem ter diante do advento da aposentadoria, visto que durante o período em que estão no trabalho formal, coordenam várias atividades ao mesmo tempo, cultivando interesses e habilidades que as auxiliam na maior

adaptabilidade tanto às mudanças na vida cotidiana de maneira geral, quanto aquelas provocadas pela aposentadoria.

Apresentando 13,86 % do total de UCEs do *corpus* “Idosos”, o conteúdo da classe 1 foi mais compartilhado por participantes do Grupo 3 (pessoas com 60 anos e mais) e por pessoas do sexo feminino, expressando uma visão de idoso sob o ângulo da família, ou seja, pensa-se o idoso predominantemente dentro da família e de acordo com a qualidade das relações familiares que estabelece. Para justificar essa idéia, os participantes recorrem à sua própria história como ilustração de ser idoso.

5.2.2 - Classe 2

O que mais chama a atenção na Classe 2 do *corpus* “Idoso” é o fato de que os entrevistados que a compõe, predominantemente idosos, relatam que pensam o idoso pelo que ele faz ou deixa de fazer, por suas ações. Através delas é possível dizer se uma pessoa é ou não idosa, é ou não velha, ou ainda, que não é nem velha nem idosa, tal qual os próprios informantes, que não se consideram nem velhos nem idosos. O conteúdo da classe demonstra que o idoso pode ser tanto “*velho*” como “*novo*”, atribuindo-se a Deus e aos cuidados do próprio idoso, a possibilidade de que a pessoa tenha bastante idade mas permaneça nova de mente, tendo uma vida feliz e ativa, realizando várias coisas, inclusive porque se cuida ao fazer essas coisas, coloca-se em movimento e atividade, não permitindo que a velhice chegue.

Por vezes não fica definido muito claramente o que é ser idoso, velho e não ser nenhum desses dois, pois, cita-se o idoso ao falar de forma negativa, positiva e ao não se reconhecer como um deles. Os idosos entrevistados são unânimes em afirmar que no SESC não existem idosos, mas sim um grupo da Terceira Idade. A recusa em não se denominarem como idosos, permite aos integrantes dessa classe não assumirem as características de conotação negativa que esse rótulo pode carregar. A idéia de velho disposta nesta classe é de alguém que se enxerga como velho e dessa forma não se cuida, entrega-se a monotonia, permanece em casa, não sai, fica o tempo todo sentado e parado, esperando a morte. Por ficar tão estacionado em sua casa e em suas atividades, esse velho vai morrendo aos poucos. Os participantes que compartilham dessa idéia, por

sua vez, relatam fazer muitas atividades, estarem o tempo todo em movimento e alegria, o que os protege de se tornarem velhos e terem como expectativa somente a morte. Já o idoso é aquele que está em atividade mas se sente mais velho, menos animado e disposto como outrora. Os participantes ao contrário, sentem-se novos, dizendo que somente a idade e os anos se passaram, mas não passou a sua condição de pessoa jovem, nova. Vejamos o segmento de texto a seguir:

“O idoso é a idade, é os anos... uns que se entregam aos anos e outros que não admitem ter aqueles anos todos né, ele acha que ele não é aquilo que a idade está dizendo. (...) O idoso está na idade, mas tem gente que é velho e tem gente que não é. Com a mesma idade um é velho e o outro não é. O velho novo é que está com o espírito jovem, e o velho é aquela pessoa por a ou mais b, aquela pessoa que se entregou, às vezes 50 anos, por vício, ou pela bebida, ou por sono, ou não sei o quê, de nascença, ele já tem um espírito de... um espírito de acomodado né, acomoda. Está com 50 anos e já é velho. Eu acho que a velhice vai do espírito, eu penso: espírito jovem e espírito velho. O velho é uma pessoa mais acomodada, se entregou a: ‘ah, eu estou velho mesmo, não sirvo mais para nada por causa da velhice’, não é? O outro está morrendo lá e fala: ‘vou fazer e acontecer’.” (entrevista 21, participante do sexo masculino, 70 anos, pertencente ao Grupo 3)

Ao não se nominarem como idosos ou velhos, os participantes da pesquisa componentes dessa classe, propõe uma série de cuidados para que as pessoas não fiquem velhas, cuidados estes que relatam fazer parte de seu cotidiano. Segundo eles, é necessário que a pessoa cuide bem da saúde através da alimentação e da higiene, saia, faça caminhada, dance, jogue, arrume amigos ou faça qualquer coisa: ajude em asilos, hospitais ou em qualquer lugar, contanto que não fique parado, faça alguma atividade, mexa-se, espantando a possibilidade de ficar velho, parado e sentado, esperando a morte chegar. Mais uma vez se vê o quanto é central para esses participantes, a ação da pessoa idosa, a sua movimentação como forma de “*espantar*”, de exterminar a velhice. Tal qual no trabalho de Santos (1996) em que a autora estudou a identidade dos idosos, velhos são os outros, aqueles que fazem parte de um grupo de pessoas mais velhas, aquele grupo que detêm as características mais ruins e degradantes da velhice. Dados confirmados por Debert (1999b) quanto a mulheres idosas de programas da Terceira Idade e homens idosos militantes de associações de aposentados. Também corroboram esses dados as pesquisas de Junqueira (1998), Ploner, Michels, Oliveira e Strey (1999), Brêtas e Oliveira (2000) e Vieira (2001).

Os participantes utilizam a comparação entre o passado e o presente para estabelecer parâmetros do quanto vivem bem a sua velhice e se encontram bem na idade e no estado em que estão, de acordo com o que fazem ou deixam de fazer, faziam ou

deixavam de fazer na sua juventude, assim como fizeram os idosos da pesquisa de López (1999) na cidade de São Paulo e aqueles da pesquisa de Debert (1999b). Participantes diretos de um momento histórico do estado do Paraná em que era necessário abrir matas fechadas, desenhar as primeiras estradas e construir as primeiras cidades, esses idosos relatam as dificuldades que passaram, as mudanças sofridas, como vêem o mundo de hoje e o que fazem hoje em dia, comparados aos tempos difíceis de sua mocidade. Atualmente, vêm-se participando de grupos, dançando, saindo, divertindo-se, namorando e casando e, no caso das mulheres, mais libertas para decidir por si mesmas as atividades a realizar. Encontram-se felizes, pois deixaram uma vida de trabalho árduo e contínuo, para realizar coisas impensáveis em sua mocidade. Não se sentem pessoas velhas, só os anos se passaram. Sentem-se bem, sentem-se novos.

Relembramos que a população idosa que entrevistamos é uma população que teve uma vida inteira de sacrifícios, de trabalho em que lazer e prazer eram dispensáveis e até mesmo pecaminosos. De repente, em sua velhice, vivem um momento de experimentar novas atividades, relacionamentos e comportamentos que podem parecer um pouco distantes da idéia que se tem daquele idoso(a) pacato, sentado em sua cadeira de balanço, fazendo seu crochê ou lendo seu jornal. Ao se utilizar quase que de uma negação da velhice, ressaltando apenas seus aspectos positivos e fazendo uma cisão entre aquele que é velho e aquele que só tem idade, os idosos parecem ter conseguido uma forma de se proteger contra preconceitos, discriminações e retaliações diante de seu comportamento, buscando considerar apenas seus desejos, suas expectativas e sonhos, sem a imposição clara de limites, já que independentemente da idade que a pessoa tenha ela pode ser jovem, pode fazer tudo. “Libertos” dos rótulos sociais conferidos às classificações “velho” e “idoso” ou mesmo se considerando um jovem (aquele a quem a sociedade permite a experimentação de novos comportamentos e sensações), os idosos vêm diluir as reclamações e retaliações contra a pessoa, que consegue como que uma carta de alforria para viver a sua velhice como lhe convir.

Com 13,86% do total de UCEs utilizadas pela CHD, compartilhadas especialmente por participantes do Grupo 3, ou seja, pessoas com 60 anos, a Classe 2, apresenta com maior ênfase e nitidez do que nas outras classes, o que o idoso ou pessoa mais vivida ou de idade como os entrevistados colocam, deve ou não fazer para ser ou não um velho, um idoso ou nenhum dos dois. Trata-se de, ao comparar presente e passado e ao se utilizar de histórias de amigos ou parentes, definir o que fazer ou não enquanto idoso. São receituários de como comportar-se, definindo uma concepção de

idoso de acordo com a presença ou não de atividade constante em sua vida cotidiana, construindo assim uma classificação de idoso em idoso ativo e idoso acomodado.

5.2.3 - Classe 3

A Classe 3, detentora de 64,90% do total de UCEs utilizadas pela CHD, é a classe que caracteriza em maior proporção o conteúdo do *corpus* “Idoso”, sendo compartilhada predominantemente por adolescentes e adultos participantes da pesquisa, que consideram que ser idoso depende da cabeça e do estado de espírito de cada pessoa, sendo que a idade pode passar mas o espírito pode se conservar jovem e em plena atividade. O conteúdo desta classe aponta ainda para o sofrimento dos idosos e o apelo dos participantes ao respeito e atenção a eles, por sua sabedoria e experiência de vida. Como nas outras três classes, faz-se uma divisão entre os tipos de idosos. Entretanto, essa é a classe em que isso aparece nos elementos centrais, no dendograma de associação de palavras e nas entrevistas como um todo. Aqui divide-se os idosos pelo seu espírito jovem ou velho. Cita-se ainda um idoso em “geral”, que deteria as características mais comuns a todas as pessoas consideradas idosas. Como nas outras três classes dá-se dicas de como ser um idoso melhor, viver bem e preparar-se para a velhice.

Nesta classe os participantes definem o velho como aquela pessoa que se sente velha e o idoso como a pessoa que tem idade avançada, mas que não se sente velha. Para o idoso a idade não conta, ser velho está na cabeça de cada um, o que conta é a cabeça, pois se a pessoa desanima, *“senta lá, só vive com a mão na cabeça, pensando bobagem”*, já está ou ficará velha. O termo pessoa idosa diz respeito ao idoso de forma geral, o que engloba tanto o idoso como o velho, é então a pessoa com mais idade, a quem se deve respeito, atenção e carinho. Em todo momento aparece nesta classe as noções de pessoa e pessoa idosa ou pessoa mais velha, mostrando o respeito dos participantes para com o idoso, respeito esse que é apregoado nesta classe como o principal a se fazer pelo idoso. Vejamos o segmento de texto a seguir:

“... depende muito do idoso. Acho que tem idoso que está super... chega a ser até mais jovem do que o próprio jovem e tem o idoso que realmente se entrega: ah não, eu agora cheguei na velhice e não tem nada que fazer, vou esperar morrer. (...) Esse velho jovem, esse que continua a ser mais jovem às vezes do que o próprio jovem, eu

acho que ele vê a vida assim como uma coisa, como eu posso dizer? Ele encara a vida como uma coisa maravilhosa sabe? Não vê dificuldades, não fica... sabe, acabado.”
(entrevista 27, participante do sexo feminino, 21 anos, pertencente ao Grupo 1)

Essa idéia de que é relativo ser idoso, depende da cabeça ou do espírito de cada pessoa, vêm de encontro com uma concepção de velhice difundida atualmente, que Debert (1999b) denomina de “reprivatização da velhice”, na qual somente alguns comportamentos e atitudes são aprováveis para viver bem a velhice, comportamentos estes que dependem do esforço do indivíduo. Ao mesmo tempo em que esta maneira de encarar a velhice favorece novos comportamentos, um posicionamento mais aberto a vida, sem as preocupações mantidas anteriormente de que o idoso é muito frágil, já está morrendo, não tem ânimo e interesse para mais nada e nem pode ou quer planejar algo, pode-se incorrer ao erro de mascarar problemas, doenças, mazelas e dificuldades, não só físicas, como sociais, de preconceito, discriminação e de dificuldades de relacionamento com pessoas de outras idades, que pode conduzir a um sofrimento maior e individualizado: o sentimento de culpa, um sofrimento solitário do próprio idoso e das pessoas de modo em geral, de não estar correspondendo ao protótipo de idoso ou de juventude proposto pela sociedade e, principalmente, de não estar atingindo o seu desejo de juventude e força, de estar aquém de suas expectativas.

Esse idoso mais geral, ou seja, aquele que representa as características que todos os idosos (de espírito jovem ou velho) têm, é definido como alguém que merece mais cuidado, é carente e precisa de carinho, muita atenção, muito respeito e paciência, porque já viveu muito tempo, porque tem muita experiência para passar para as pessoas, tem a experiência da vida, dados encontrados nas pesquisas de Guimarães (1997) e Junqueira (1998). A experiência é uma noção central nesta classe. Os adolescentes e adultos pesquisados apontam a experiência e a sabedoria como traços marcantes do idoso. A conversa é tida como necessidade dos idosos e como forma de amenizar sua carência. A pessoa idosa é uma pessoa sofrida, que não tem o carinho que merece e é uma pessoa dependente de outro membro da família.

Compartilhada por adolescentes e adultos (pertencentes aos Grupos 1 e 2), a Classe 3 é a que caracteriza em maior proporção o conteúdo do *corpus* “Idoso” formada por 64,90% do total de UCEs utilizadas pela CHD. Nesta classe ser idoso é relativo, depende muito da cabeça e espírito de cada pessoa. Os participantes classificam o idoso jovem como alguém ativo e animado, que não se sente velho e o idoso velho como alguém parado e desanimado, que se sente velho. Fala-se de um idoso em geral, que

englobaria os outros dois, é sofrido, dependente e principalmente carente, merece respeito, atenção, amor e carinho, diante da experiência e tempo de vida que possui. O conteúdo da classe 3 sugere uma concepção de idoso baseada no espírito, no desejo de cada um em ser ou não uma pessoa velha e uma visão de idoso em geral carente e sofrido, com muita experiência e tempo de vida, a quem se deve respeito, carinho e atenção.

5.2.4 - Classe 4

Composta de 7,37 % do total de UCEs utilizadas pela CHD, a Classe 4 é a que menos caracteriza em proporção o conteúdo do *corpus* "Idoso". Nela se tem a definição de idoso, apesar de não ser tão rica em conteúdo e em detalhes, nem tão bem articulada quanto as outras classes, e não se constitui o centro das atenções, conferido a aposentadoria e dinheiro em primeiro lugar e a saúde em segundo. Compartilhada por idosos, a Classe 4 tem como temas centrais a aposentadoria e o aposentar-se, bem como as formas de garantir o dinheiro necessário para a sobrevivência como idoso, apontando as necessidades mais básicas e concretas dos idosos e as condições em que vivem. Dessa forma, a aposentadoria para uns e a precaução de guardar dinheiro ou adquirir bens para outros antes de se aposentar, garantiria uma vida boa para os idosos e aposentados, como o é para os próprios participantes. Em segundo plano, cita-se a preparação da pessoa para ter uma saúde boa quando idoso, seja na alimentação (mais saudável, natural e regulada), seja por meio de exercícios físicos e no lazer (identificado aqui com a dança). Munidos destes cuidados o idoso estaria protegido e teria uma vida boa, tal qual os participantes e pessoas que conhecem e a que se referem, contando episódios de vida que reafirmam seus pensamentos.

Quanto às preocupações financeiras, os participantes citam as dificuldades sentidas pelos idosos, considerando que a aposentadoria não é suficiente para suas necessidades e que, diante de uma saúde frágil e cheio de doenças, necessitando de vários cuidados médicos e de muitos medicamentos, o idoso não tem como se sustentar, passando por várias necessidades que poderiam ser facilmente resolvidas se o sistema de saúde pública funcionasse corretamente. De fato, os idosos têm maior propensão às

doenças crônicas e a acidentes ou debilidades físicas, o que os coloca em situação bastante delicada quanto a saúde, já que precisa se utilizar mais do que jovens e adultos, de assistência médica e medicamentosa, acarretando um ônus do qual nem sempre o Estado se ocupa. Muitos idosos constituem-se chefes de família, sustentam seus companheiros e filhos, recebendo, em sua maioria, um salário mínimo de aposentadoria, sendo que a mulher comumente possui rendimentos menores do que os dos homens (Beltrão e Camarano, 1997; Berquó, 1999). Como buscar ou ter acesso a lazer com tantas dificuldades e problemas concretos e básicos assolando suas vidas? Como e quando esses idosos terão as oportunidades que os idosos entrevistados possuem? Como não ser sofrido, não ter um corpo e por vezes a mente debilitados perante tantas dificuldades e necessidades vividas por toda a vida? Já para os idosos da zona rural nordestina (Santos, 1996) a aposentadoria é tida como um presente e uma benção que dá alívio ao esforço físico exigido na zona rural e como complemento ao orçamento. De fato, muitos autores como Silvestre, Kalache, Ramos e Veras (1996), Beltrão e Camarano (1997) e Berquó (1999) expressam suas preocupações quanto as dificuldades no setor previdenciário, no setor da saúde e das políticas públicas de forma geral, em atender a população brasileira mais envelhecida de forma suficiente e satisfatória.

Nesta classe, parece-nos que os participantes conseguem visualizar com maior clareza do que nas classes 1 e 2, as dificuldades básicas que o idoso sente, o idoso mais carente, aquele que com certeza não teria muitas condições de participar de atividades como as do SESC, até porque não teria como se locomover para tanto. São depoimentos e uma forma de pensar o idoso bastante realista. Também pareceu haver um ponderamento maior por parte desses participantes, no sentido de expressar não só sua satisfação com a idade e o que vêm vivendo como idoso, mas dos limites que possuem, do fato de que não podem mais trabalhar como antigamente, de não serem mais tão dispostos e fortes como outrora, colocando com clareza que os idosos possuem limites e doenças que os afligem. Talvez isso tenha sido possível justamente por se utilizar de uma fala mais distante, em que puderam expor seus pensamentos sem se envolver tanto, servindo quase que de narradores de histórias que ilustravam suas idéias a cerca do idoso.

Com 7,37% do total de UCEs utilizadas pela CHD, a Classe 4 do *corpus* "Idoso" foi compartilhada por idosos que ao pensar no idoso, remeteram-se às necessidades financeiras, ao dinheiro e a aposentadoria como formas de garantir uma velhice melhor, adquirir o que quer ou precisa e de cuidar de sua saúde. Enfim, nesta classe se apresenta

uma visão de idoso ligada a aposentadoria e garantia de suas necessidades básicas de sobrevivência.

5.2.5 - Conclusão do *corpus* “Idoso”: a Representação Social do Idoso

Todas as classes que compõe o *corpus* “Idoso” compartilham dos mesmos conteúdos, embora cada um deles assuma maior ou menor relevância em determinada classe. Por meio da Classificação Hierárquica Descendente, chegou-se a quatro classes referentes ao *corpus* “Idoso”, sendo que três foram compartilhadas predominantemente pelo grupo de idosos (Classe 1 com 13,86% total, seguida da Classe 2 com o mesmo percentual, e a Classe 4, com 7,37% do total de UCEs) e uma delas foi composta essencialmente pelos grupos de adolescentes e adultos (com 64,90% do total de UCEs).

Pode-se dizer que se chegou a um núcleo central do que os grupos pensam do idoso, ou seja, do conteúdo central que compõe a Representação Social de Idoso que estes grupos possuem, e conteúdos mais periféricos que assumiram maior relevância e presença para cada um dos grupos, que no caso dos idosos foi subdividido em três. Dessa forma, todas as classes citam a família como essencial na vivência de ser idoso, mas é na Classe 1 que ela é tida como essencial para a qualidade de vida das pessoas na velhice. Em todas as classes a atividade constante, seja ela física, cultural ou social, é tida como garantia de felicidade e saúde para o idoso, mas ganhou maior relevância na Classe 2. Já a Classe 3, enfatizou o fato de que ser ou não idoso depende do espírito e do desejo de cada um, conteúdo compartilhado por todos os grupos. Por fim, todos os grupos mostraram-se preocupados com a garantia das necessidades básicas dos idosos, mas foi na Classe 4 que ela tomou maior relevância.

Ao apresentarem sua concepção de idoso, os participantes de todas as classes o fizeram recorrendo a uma divisão, uma espécie de classificação entre o idoso desejável e o indesejável. Assim, com vocabulários diferentes, definiram um idoso chamado de velho pelos idosos e um idoso de “espírito velho” pelos adolescentes e adultos e um idoso com características de “novo”, de “jovem” segundo os idosos e um idoso com “espírito jovem” segundo os adolescentes e adultos. Ambos os grupos fizeram ainda

uma terceira classificação. Para os idosos, eles próprios não podem ser considerados idosos, são outra coisa... Para eles só o tempo passou, só os anos passaram. Para adolescentes e adultos, existe um idoso (aqui denominado de idoso em geral) que é aquele a quem devemos respeito e atenção por sua experiência e tempo de vida. Então, classifica-se um idoso como velho, com características ruins, debilitado, parado, que não sai, não se diverte, não é ativo, sente-se velho e por isso espera somente a morte chegar. O outro idoso é ativo, está sempre em movimento, não é tão desanimado, pois tenta ver a vida com alegria e expectativa, sem se sentir velho ou parar no tempo, esperando seu fim. Esse é o ideal de idoso para os adolescentes e adultos entrevistados. Não o é para os idosos, que pensam não serem idosos, serem novos, animados, com disposição e energia, não se sentem velhos e nem desanimados, fazem muitas atividades e se divertem. Somente o tempo, os dias e anos se passaram para eles, mas nada mudou, continuam jovens. Para os adolescentes e adultos existem questões que englobam o idoso com espírito jovem e velho: são a experiência e tempo de vida que possuem e o fato de serem dependentes e muito carentes de atenção, amor, carinho e cuidados.

Tanto no *corpus* “Idoso” como no *corpus* “Velhice”, foram os adolescentes e adultos que apontaram a experiência e a sabedoria como características do idoso e elementos que definem a vivência da velhice. É interessante pensar que estes elementos não tenham tanta relevância para os idosos, que apontaram a atividade como noção central para pensar a vivência ser idoso e de estar na velhice. Os idosos parecem estar reproduzindo um discurso corrente atualmente, de que é preciso ser ativo para ser um idoso feliz. Os adolescentes e adultos também apresentam o mesmo discurso, mas retomam e salientam a experiência e a sabedoria, como aspectos positivos e definidores da velhice e ainda, como qualidades que almejam adquirir com a maior longevidade.

Se a idéia de idoso é ancorada em aspectos negativos como doença, tristeza, solidão, estar parado e deprimido, a representação social de idoso é objetivada com na imagem de uma pessoa velha, sentada, adoentada, acabrunhada e solitária. Se é ancorado em aspectos positivos como alegria, felicidade, disposição e atividade, a representação social do idoso é objetivada na imagem de uma pessoa dançando, caminhando, namorando, em plena atividade, que pode ser assim com a idade que tiver, pois não há limites para ele.

Em todas as quatro classes estava subjacente a idéia de “evoluir”. Evoluir em termos de mudanças tanto da sociedade como da parte dos idosos, para que se forneça condições e para que os próprios idosos procurem soluções para sua solidão, tristeza,

doença, quietude, infelicidade, etc, para que saiam, façam trabalhos voluntários, busquem amigos, jogos e atividades como dançar, caminhar, etc., deixem de ficar parados, de serem chatos, ranzinzas e vivendo apenas na expectativa de sua morte. A idéia de movimento também está presente nas quatro classes, que se utilizaram de muitos verbos para pensar o idoso através da ação. Movimento este que se atribui a sociedade e ao governo para com o idoso, da família para com ele, do idoso para com a família e dele para com ele mesmo. Ou seja, chama-se a atenção para o fato de que o idoso deve ter maiores e melhores cuidados sim, da sociedade, do governo, da família e dele próprio, ou seja, que muitos devem lutar por melhoria de qualidade de vida para os idosos, mas de que os próprios idosos devem buscar essa qualidade. São os próprios idosos que chamam mais a atenção para este ponto.

As questões colocadas no parágrafo acima são importantes sob duas formas: a primeira é a de que chama ao cuidado e responsabilidade do próprio idoso às decisões de sua vida individualmente, mas também para os idosos enquanto um grupo que pode e deve lutar para garantir seus direitos e que deve se movimentar, encontrar novas formas de viver sua velhice. Entretanto, tornar o indivíduo como o único responsável por sua condição como idoso, é incorrer ao erro de criar falsas ilusões de que não há limitações na velhice que impeçam a pessoa de fazer quaisquer coisas e, de que os idosos que não se movimentarem, não aderirem, pelo motivo que for, a essa conduta preestabelecida como garantia de uma velhice bem sucedida, sejam discriminados e punidos com a solidão e a falta de assistência. O segundo aspecto é o de que ao se colocar a sociedade, o governo e a família em pauta ao se pensar o idoso, cria-se a possibilidade de discutir questões que saiam do âmbito individual e pensar a velhice e principalmente o envelhecimento, de forma mais complexa e ampla, rediscutindo valores e repensando a qualidade de vida dos seres humanos como caminho de se chegar melhor à velhice por meio de um esforço coletivo. São os adolescentes e adultos que mais citam a sociedade, os preconceitos e discriminações que o idoso sofre e o compromisso social de respeitar e atender melhor os idosos do país. Essa questão de movimento, da ação por parte dos idosos, é interessante ainda, porque deixa de lado a visão do idoso parado, quieto, sentado em seu canto, apático e alheio ao que acontece a sua volta, dá a impulsão para que não fique tão parado, estático, escondendo-se ou se sentindo um peso para a família ou sociedade, alguém que não pode realizar mais nada. Chama-se à vida e à atividade, o que é muito produtivo. Chama-se a quebrar barreiras e criar novas formas de ser idoso.

Embora a família, a sociedade e o Estado tenham sido apontados ao se pensar no idoso, em todas as classes e com mais ênfase na Classe 2, o indivíduo foi responsabilizado pelo estado em que se encontra como idoso, seja porque ele “evolui” e acompanha as mudanças do tempo e da família ou não (Classe 1), seja porque ele realiza as atividades que deveria para se manter jovem ou não (Classe 2), porque ele se prepara financeiramente para a velhice e tem um estilo de vida adequado ou não (Classe 4) e por fim, porque o indivíduo se mantém com o espírito jovem ou não, deixa-se levar pelo desânimo e pela acomodação, diminuindo suas atividades e relacionamentos ou ao contrário, continua vivendo como quando era mais jovem, com disposição e realizando muitas atividades.

Houve maior envolvimento emocional nos relatos da parte dos entrevistados idosos do que dos adolescentes e adultos, que definiram o idoso de forma mais teórica, distante e geral. Os idosos recorriam a experiências pessoais e de amigos, passadas e presentes para definir o idoso e qualificar o momento em que vivem. O uso de pronomes foi maior nas classes compartilhadas pelos idosos. Entretanto, foram os adolescentes e adultos que expressaram maior preocupação com a situação do idoso, salientando os problemas que vivem e indicando soluções, tais como se ter mais respeito, atenção, amor, carinho, valorização e cuidado para com o idoso, que é carente, sofre muito e já dedicou muito de si pela família, pelo trabalho e pelo país. São os mais jovens ainda, que salientam a experiência e tempo de vida, bem como a sabedoria como principais atributos do idoso. Ocorre que ver o idoso de uma perspectiva positiva, em que o respeito, a atenção, amor e carinho estão presentes, não assusta tanto as pessoas que ainda não chegaram na velhice, como os adolescentes e adultos participantes da pesquisa, principalmente para quem está mais próximo dessa realidade como os adultos, amenizando o impacto que as dificuldades e debilidades físicas provenientes da idade provocam nas pessoas. Porém, adolescentes e adultos contornam também esta questão, recorrendo a uma divisão entre idoso e velho e idoso velho e idoso jovem, fazendo uma projeção de si como um idoso novo, jovem, aquele que é bem disposto, que faz várias atividades e é feliz, o que não é muito distante do que os próprios idosos fazem ao não se aceitarem como idosos. Fala-se de um idoso ativo, que depende da cabeça de cada um ser ou não idoso e de que esse idoso pode ser como quiser, quase um jovem, porém, ao analisar os dados com mais cuidado, percebe-se que a visão predominante é a do idoso como alguém bastante carente, doente e dependente, visão pouco agradável para se projetar como idoso. Ver o idoso com pena, como discriminado, coitado, alvo de

preconceito, denominado aqui de idoso em geral, não auxilia as pessoas a se enxergarem como idosas, a se imaginarem envelhecendo. Este tipo de pensamento não as auxilia ainda, ver com maior clareza e aceitar com mais tranqüilidade os limites do ser humano, vivenciando as mudanças do envelhecimento de forma mais natural, recorrendo então à negação da velhice tal como se apresenta.

As representações sociais são teorias construídas no cotidiano dos indivíduos, em seus encontros interpessoais nos quais se travam conversações que vão estruturando as teorias que a coletividade constrói sobre algo. No SESC Maringá pudemos perceber que há um certo intercâmbio entre pessoas de diferentes faixas etárias. Lá os idosos possuem um grande grupo de encontro semanal, seja no baile, no coral, grupo de dança e ginástica, grupo de informática e estão em contato freqüente com pessoas de outras idades sejam funcionários, coordenadores, ou outros usuários do SESC. Mesmo que as pessoas mais jovens não conversem com os idosos, elas visualizam sua experiência de dançar, cantar, encenar, aprender pintura, informática, ginástica, etc., podendo servir de força motriz para novos pensamentos e concepções sobre os idosos, como pudemos constatar em diversas entrevistas em que os adolescentes se utilizam de exemplos de atividades realizadas pelo SESC para definir idoso jovem e velhice boa. Não há um trabalho constante e sistemático do SESC em encontros entre gerações, mas se dissemos anteriormente que esses idosos buscam uma nova forma de vivenciar a velhice, os outros usuários do SESC os vêem fazendo isso e os comparam com idosos que conhecem fora dali, fazendo circular novas visões acerca da vivência da velhice. Esse encontro é interessante e instigou a escolha do local para a pesquisa. Talvez nesse tipo de encontro esteja uma das chaves a se abrir e a se entrever um novo caminho de se pensar o idoso e a velhice. Nesse sentido, os idosos possuem papel importante na construção de novas representações sociais de idoso e de velhice.

Diante das quatro divisões de segmentos de texto a que se chegou pela Classificação Hierárquica Descendente, de todos os dados apresentados e das discussões realizadas, pode-se dizer que as classes indicam quatro aspectos de uma mesma Representação Social do Idoso:

- O idoso visto sob o ângulo da família, ou seja, pensa-se o idoso predominantemente dentro da família e de acordo com a qualidade das relações familiares que estabelece;
- O idoso pensado de acordo com a presença ou não de atividade constante em sua vida cotidiana, uma concepção de idoso ativo e idoso acomodado;

- Uma idéia de idoso baseada no espírito, no desejo de cada um em ser ou não uma pessoa velha e um idoso em geral carente e sofrido, com muita experiência e tempo de vida, a quem se deve respeito, carinho e atenção;
- Um conceito de idoso ligado a aposentadoria e a garantia de suas necessidades básicas de sobrevivência.

5.3 - Discussão dos resultados do *corpus* “Velhice”

5.3.1 - Classe 1

Esta foi a classe de menor representatividade em proporção às outras duas classes do *corpus* “Velhice”, apresentando 28,05% do total de UCEs utilizadas pela CHD. Nela, a velhice é pensada por meio da comparação entre passado e presente, por aquilo que os entrevistados fizeram por seus filhos e por sua fé em Deus. Dessa forma, os participantes desta classe, em sua maioria idosos, recorreram às suas histórias de vida, comparando o passado e o presente, relatando dificuldades, sofrimentos, lutas e conquistas para chegar na idade em que estão e da forma como se encontram. Ao fazer uma avaliação de sua vida, comparando passado e presente, os idosos constatarem muitos ganhos e consideram sua velhice boa, fruto de seu trabalho, esforço e fé em Deus. As perspectivas são também positivas, na medida em que os idosos relatam querer viver mais um longo período, querem continuar trabalhando e estudando, seguir realizando as atividades que gostam e alimentando os relacionamentos familiares. Esse dados corroboram com a pesquisa de López (1999) em que os idosos definiram velhice e qualidade de vida na velhice, a partir da comparação que fizeram de seu passado e presente, bem como com os dados de Debert (1999b).

Foi comum os idosos salientarem nas entrevistas que trabalhavam duro, com muitas dificuldades e esforços, sem tantas facilidades como no momento, em que tudo era feito manualmente, não se tinha luz elétrica, aparelhagens eletrônicas, água

encanada ou estradas rápidas como agora. Relataram momentos de trabalho pesado e constante para sustentar suas famílias e garantir um futuro melhor para seus filhos, dados condizentes com a pesquisa de López (1999). Esses idosos vêm de um período em que dedicaram a vida ao trabalho e ao cuidado da família, não havendo tempo e dinheiro para o descanso ou lazer. São pessoas que auxiliaram na construção de cidades, de estados e do país, com sua luta e coragem. Hoje, com maior tempo livre e com maiores condições de participarem de diferentes atividades, inclusive de lazer, sentem-se privilegiados e felizes, reconhecem seu esforço, mas agradecem muito a Deus por viverem bem sua velhice. Atualmente, os idosos se encontram voltando a dançar e se divertir, vão ao coral, à dança, à piscina, ao teatro, fazem ginástica, informática e várias outras atividades que não tinham anteriormente. Os idosos declaram ainda, estarem com muita disposição e energia para viverem muito melhor do que os próprios jovens. Esses dados são semelhantes aos encontrados por López (1999) e Debert (1999b).

O bem-estar, a segurança e o sucesso dos filhos, é um dos aspectos observados pelos idosos para se considerarem bem na velhice. Assim, terem garantido boa educação, estudo e recursos financeiros para os filhos, mostra um passado de trabalho e um presente de tranqüilidade e de sentimento de dever cumprido para esses idosos. As noções de filhos, estudo, marido, casa e mulher, aparecem tanto como elementos centrais desta classe, como palavras associadas no dendograma, mostrando que a velhice é pensada nesta classe, a partir de elementos e papéis familiares. Estes dados são semelhantes em várias pesquisas (Guimarães, 1997; Marcon, 1997; López e Cianciarulo, 1999; Ploner, Michels, Oliveira e Strey, 1999). Os idosos relatam ser difícil enfrentar a saída dos filhos de casa, que ao criar suas próprias famílias, deixam os pais sozinhos. Isso acontece com maior frequência em um período anterior, mas com certeza possui grande significado também para os idosos, pois causa certa mudança no ritmo de vida familiar, individual e do casal, que precisa readequar sua vida sem os filhos e acolher outras pessoas na família, como noras, genros e netos. Os novos arranjos familiares adquirem bastante importância na vida dos idosos porque, como sabemos, os idosos se apoiam nos relacionamentos familiares e a qualidade que assumirão esses novos relacionamentos podem trazer certo desgaste ou pelo contrário, motivar e movimentar a vida dos idosos.

O fato de se ter uma boa velhice é atribuído a proteção e acompanhamento de Deus, responsável por garantir a saúde, felicidade, disposição e energia em “*ir em frente*”, “*lutar*” e “*vencer*” as adversidades, conseguir educar e formar os filhos ou em

deixar algo para que comecem suas vidas. Deus é tido ainda como auxílio contra a depressão, já que só sofre desse mal quem não se “*apega*” a ele. Pode-se observar essas questões também no dendograma de associação de palavras, em que se tem a noção de que quem levar Deus consigo se protege da depressão. Deus é um elemento essencial ao se pensar a velhice nesta classe, assim como o foi em outras pesquisas (Goldstein e Neri, 1993; Santos, 1996; Guimarães, 1997; Ploner, Michels, Oliveira e Strey, 1999).

Nesta classe não se define o que é a velhice, confundindo-a com aquele que concretiza suas características, o idoso. Como os participantes desta classe são em sua maioria idosos, acabam por falar não só de pessoas que conhecem, mas de si próprios, daquilo que vivem atualmente. A velhice é tida como algo da cabeça e do estado de espírito de cada pessoa, depende de cada um aceitá-la ou não, já que ela tem espaço para entrar e se fixar quando a pessoa se entrega ao desânimo, a apatia, não sai de casa, não quer fazer mais nada e não se cuida, seja na alimentação, em exercícios ou com relacionamentos interpessoais. A velhice não “*pega*”, não “*grava*” nos entrevistados, porque para eles só os anos se passaram mas não a vitalidade, disposição, capacidade de viver e realizar o que desejam. A maioria dos idosos participantes desta classe, relataram estar bem e aceitar bem sua velhice, relatos encontrados também nas pesquisas de Guimarães (1997), Posada (1997), López (1999), Debert (1999b) e Brêtas e Oliveira (2000). Segue um extrato de entrevista em que o participante declara não se considerar na velhice pois ainda é muito ativo para isso:

“Olha, eu para dizer a verdade, eu não sei o que é velhice ainda, porque eu não me considero ainda, como se diz... me parece que eu ainda presto para alguma coisa! (risos) A velhice mesmo é quando a pessoa está se entregando, já não quer mais participar de grupo, já não quer, já perdeu a ... noção de tudo, só pensa só na morte, pensa só em coisas ruins. Só esquenta a cabeça. Eu não, eu não tenho esse problema.”
(entrevista 16, participante do sexo masculino, 64 anos, pertencente ao Grupo 3)

Estar em atividade e a própria atividade são defendidas pelos participantes como estratégias fundamentais para se ter garantia de uma boa velhice ou mesmo para não serem pegos pela velhice, ou seja, para continuarem a ser jovens, dados que corroboram a pesquisa de Ploner, Michels, Oliveira e Strey (1999). Estes resultados estão de acordo com os resultados do *corpus* “Idoso” em que ser idoso também é uma questão de cabeça, de se pensar e se sentir idoso. No momento em que os participantes dizem que a velhice pode ser boa se a pessoa souber levá-la e vivê-la, ao sair, dançar, procurar atividades e dizem que a velhice está na cabeça de cada um, na cabeça de quem a “*grava*” e quem permitir ser “*pego*” por ela, o próprio idoso acaba por ser considerado o

principal (e talvez o único) responsável pelo estado em que se encontra na velhice, na medida em que pode optar por querer ou não estar na velhice e com ela assumir uma série de características negativas relativas ao idoso. No extrato de texto a seguir, mostra-se que a velhice é uma coisa da cabeça das pessoas e a importância da atividade na velhice:

“Eu menina, no meu modo de pensar, a velhice, eu acho, no meu modo de pensar, a velhice, a terceira idade... depende muito da pessoa. Por exemplo, se eu suponho que eu estou velho, aí eu deixo de aplicar as atividades que a gente tem. (...) A gente poderia aproveitar as atividades... as atividades, é dançar, fazer ginástica, é passear... porque eu conheço muitas pessoas velhas que largam de tudo, então eles ficam aí, prostrados. Então eu descobri que a velhice está por aí. Agora, quando ele faz as atividades que a gente faz, que o governo está apoiando nós, então a gente tem a cabeça de jovem. Velhice é uma coisa da cabeça mesmo. Quer dizer, envelhece o corpo, claro né? Mas, se for fazer uma psicologia, eu acho que mais é a cabeça. Se ele, torno a falar para você, se ele deixa de ir nessas atividades, então ele fica velho.” (entrevista 40, participante do sexo masculino, 70 anos, pertencente ao Grupo 3)

Com 28,05% do total de UCEs do *corpus* “Velhice”, o conteúdo da Classe 1 foi mais compartilhado por idosos (pessoas com 60 anos e mais, pertencentes ao Grupo 3), apresentando uma visão de velhice baseada no resultado da comparação entre o passado e o presente dos participantes, de seu desempenho como pais e a evolução de seus filhos e por fim, de sua aliança com Deus.

5.3.2 - Classe 2

Compartilhada exclusivamente pelos participantes adolescentes e adultos, predominantemente do sexo masculino, a segunda classe do *corpus* “Velhice” é em proporção a segunda maior classe do *corpus*, apresentando 30,32% do total de UCEs utilizadas pela CHD. Assim, pessoas com idades entre 13 e 45 anos, expuseram uma forma de pensar a velhice a partir dos elementos: velhice, vida, fase, momento, dia, dificuldade, experiência, física, processo, idoso, natural e importante. A velhice é definida nesta classe como uma etapa ou fase da vida, em que ocorrem transformações físicas, orgânicas e psicológicas e se apresenta com aspectos positivos e negativos. Os aspectos negativos dizem respeito ao aparecimento de doenças, de desgaste, fragilidade, envelhecimento físico e mental, biológico e orgânico, bem como a transformação estética do corpo. Por outro lado, os aspectos positivos salientam mais o intelecto e o

mental, enfatizando a experiência de vida, o maior desenvolvimento intelectual, maior conhecimento, maior amadurecimento e mais facilidade em entender e ver melhor as coisas que acontecem e o mundo a sua volta, dados que corroboram com pesquisas de Neri (1991); Guimarães (1997); Junqueira (1998); Teixeira (1999) e Eiras (2001). Vejamos um trecho de entrevista que ilustra os dados acima:

“Você tem o fator negativo da velhice que é essa questão biológica, você está perdendo, biologicamente, todo o seu potencial, por outro lado você está ganhando experiências, ganhando conhecimentos... na velhice. Tem um lado positivo e outro negativo. Seria isso. Seria uma evolução. (...) A evolução tanto pode ser regressiva como progressiva. Então, regressivamente, em termos biológicos você está regredindo, está diminuindo sua vida, em termos de atividade biológica né? Ai é uma evolução... essa é a evolução regressiva. E uma progressiva que seria essa parte de conhecimento, essa parte espiritual...” (entrevista 71, participante do sexo masculino, 36 anos, pertencente ao Grupo 2)

A velhice é tida como uma fase difícil ainda, pelos preconceitos e rejeição que as pessoas sofrem. É o momento em que a pessoa se depara com a morte, a perda de pessoas queridas e a perda do trabalho e das relações que ele propiciava. Citam ainda a dependência física e financeira para com parentes e o próprio governo, por meio da aposentadoria, como outro fator próprio da velhice. Realmente essas questões são típicas da velhice. Como nas pesquisas de Santos (1996), Guimarães (1997) e Ploner, Michels, Oliveira e Strey (1999), o envelhecimento é sentido e concretizado no corpo. Os participantes citam as rugas, os cabelos brancos e a mudança da forma do corpo, como perdas físicas que ocorrem na velhice e podem ser visualizadas por meio do espelho. A frase a seguir denuncia a mudança que ocorre no corpo na fase da velhice, principalmente a estética, e como as pessoas não percebem o tempo passar, demonstrando claramente como os indivíduos não vêem a velhice como fruto de um processo e dessa forma se enxergam velhos como que num passe de mágica:

“Velhice? Chegar no auge da idade madura. É uma fase difícil porque você... vem vivendo o dia a dia como se o tempo não passasse. E quando você se olha no espelho, você vê que o tempo passou e que as marcas dessa passagem ficou no seu rosto, no seu corpo. Então, a velhice é uma fase, eu acredito que seja uma fase muito difícil. É como se essas marcas não fizessem parte do interior, do interior. Você... você... o seu espírito, o seu interior, o seu eu não envelhece, com o passar dos dias... Mas o seu físico envelhece.” (entrevista 26, participante do sexo feminino, 38 anos, pertencente ao Grupo 2)

A velhice aparece ainda como fase de descanso, momento em que a pessoa tem direito a um repouso merecido em que irá desfrutar do que plantou em sua juventude, dados que parecem indicar o desejo dos participantes de que ao chegar na velhice possam usufruir das “regalias” e tranquilidade que supõe serem garantidas na velhice.

Por todas as dificuldades que o idoso sofre, pelas doenças e fragilidade que o acometem, ele precisa de mais atenção, carinho e respeito do que tem recebido atualmente. Esses dados corroboram com os resultados da Classe 3 do *corpus* “Idoso”, em que os participantes expõem sua preocupação de que o idoso seja melhor tratado pelos jovens, família, governo e sociedade. Em alguns segmentos de texto aparece que na velhice as pessoas estão caminhando para o final, ela é a etapa final da vida, o fim. Estas questões estão presentes também no dendograma de associação de palavras, no qual a velhice é associada a estágio da vida inevitável em que se caminha para o final da vida, “fase em que a morte física é natural”.

Foi nesta classe que se encontrou a idéia do envelhecimento como processo, noção que apareceu de forma explícita, com as pessoas citando a palavra processo ou de forma menos clara, por meio do uso de verbos que dão a idéia de continuidade ou de explicações sobre como se dá o desenvolvimento do ser humano. Pôde-se ver isso através do uso dos verbos (elementos bastante significativos da classe) que exprimem ou indicam ao mesmo tempo, ação e movimento, como que uma intenção de processo, de continuidade: passar, ter, viver, entender, envelhecer e caminhando. Algumas UCEs sugeriram uma idéia de processo de envelhecimento, ao mostrar que a pessoa envelhece desde que nasceu, desde sua concepção, ao citar as fases que o ser humano passa até chegar a velhice, processo considerado natural, um caminho para a morte, ou ao falar que a pessoa nasce, amadurece e envelhece. Essa dificuldade de se reconhecer o envelhecimento como processo e a velhice como etapa e não como o envelhecer propriamente dito, foi constatada em outras pesquisas (Santos, 1996; Guimarães, 1997). Foi difícil até mesmo que as pessoas reconhecessem a velhice como um conceito diverso da concepção de idoso nesta pesquisa, respondendo que a velhice era “*peças mais velhas, bom de conversar, a gente tem um respeito muito grande, viveram muito, sabem muito e tem muito para ensinar*” e pessoa que já passou por várias experiências, viveu a vida e chegou a velhice. Essa confusão ocorreu em quase todas as entrevistas. A seguir se apresenta um extrato de entrevista que exprime a visão de envelhecimento como processo:

“Mas eu acho um processo natural, como a gente nasce... é um bebê, criança, adolescente, jovem, adulto... vem a meia idade, a velhice... Então eu encaro como um processo natural, que a gente vai caminhando para a morte, morte física. Não que a gente pensa que vai morrer, mas o caminho da gente é para a morte.” (entrevista 60, participante do sexo masculino, 36 anos, pertencente ao Grupo 2)

Ao serem consultados sobre o que era velhice para eles, os participantes diziam que era uma fase em que a pessoa já teria constituído sua vida, sua família e sua profissão. Já teria vivido todas as fases do desenvolvimento humano e chegado a ser idoso, o que é tido como uma conquista importante. Essa questão pode estar associada a dois aspectos: ao respeito dos adolescentes e adultos para com idoso pelo que passou, pelas dificuldades vencidas, fator que eles próprios comentam, mas pode ser também uma forma de dizer que o idoso já teve o seu tempo, já viveu, teve oportunidades de fazer o que desejava e que agora é o momento de deixar espaço para pessoas mais jovens. Assim, dá-se um tom mais suave ao afastamento, chamando-o de descanso, de período de aproveitar o que produziu. Pode representar também, o pensamento de que realmente o idoso não possa, não tenha mais capacidade de contribuir na sociedade e deva se retirar. Segundo Debert (1999b), todas essas formas de conceber o idoso coexistem na atualidade. Nesta pesquisa, elas também não parecem ser dispostas de maneira excludente, mas como um misto de educação, respeito, competição e pena.

Compondo a segunda maior classe do *corpus* “Velhice” em proporção, com 30,32% do total de UCEs, adolescentes e adultos participantes da pesquisa, predominantemente do sexo masculino, compreendem a velhice como fase da vida inevitável, na qual ocorrem muitas mudanças orgânicas e estéticas, dadas pela degradação física própria desta fase, bem como a dependência física e financeira do idoso. Apresentam uma visão mais realista e menos camuflada da velhice do que as outras duas classes, apontando os aspectos negativos e aspectos que consideram positivos, como o acúmulo de experiências e conhecimentos, maior maturidade e condições de entender e resolver os problemas, devido ao tempo de vida que possuem. Por isso merecem respeito e descanso. O conteúdo da Classe 2 mostra uma concepção de velhice baseada nas transformações e debilidades físicas que provoca, considerando-a como fase da vida inevitável, que traz partes positivas como o acúmulo de conhecimento e experiências.

5.3.3 - Classe 3

Compartilhada por participantes da pesquisa do sexo feminino, a Classe 3 é composta por 41,63% do total de UCEs utilizadas pela CHD, sendo a classe que tem a maior representatividade em proporção do *corpus* “Velhice”. A palavra não, somada a velhice, velho, idade e cabeça são essenciais para se entender o conteúdo desta classe. O advérbio de negação “não”, surge em muitos momentos no conteúdo desta classe: ao se negar a velhice como uma etapa de vida; ao se dizer que ela não tem uma correspondência com a idade cronológica; ao se definir a pessoa considerada velha, por aquilo que ela não faz; e por fim, ao se falar do que o indivíduo não pode fazer com risco de se tornar um velho e entrar na velhice. Por meio da negação e da relativização da velhice, as participantes desta classe procuraram torná-la mais amena e aceitável. O fato dos participantes da pesquisa tornarem relativo a vivência da velhice foi algo comum às pesquisas de Santos (1996); Junqueira (1998); Debert (1999b) e Santos e Belo (2000).

Primeiramente, citemos o “não” para explicar a negação que se faz da velhice enquanto uma etapa da vida. Para as participantes desta classe a velhice e o velho não existem, são coisas da cabeça, do espírito ou do estado de espírito das pessoas, ou seja, as pessoas criam a sua velhice e por sua vez, podem despende-la na medida em que ao se protegerem não permitem sua chegada. Essa questão é justificada pelo fato de que existem pessoas “velhas de idade” que são “novas de cabeça” e tem “espírito jovem”, enquanto que existem pessoas “novas de idade” com “espírito de pessoa velha”. Esses dados vão de encontro com a Classe 1 do *corpus* “Idoso” em que os conteúdos mostram que ser idoso também é uma questão de espírito, assim como os dados das pesquisas de Neri (1991), Santos (1996) e Santos e Belo (2000). Outra forma de se utilizar o “não” é quando as participantes colocam que a velhice não tem ligação com a idade, não diz respeito a passagem do tempo e à idade cronológica, dado encontrado também na pesquisa de Ploner, Michels, Oliveira e Strey (1999). O “não” aparece também no sentido de qualificar aquele que tem o espírito de velho, aquele que é considerado o velho, aquele que se deixou invadir pela velhice, definindo-o por aquilo que ele não faz. Os verbos “são” e “estão” que indicam um estado, reafirmam essa idéia, já que se a pessoa não faz, ela é ou está de alguma forma que não é considerada boa para os participantes. Para não se ficar velho ou entrar na velhice, é preciso que a pessoa não

fique em casa e parada, movimente-se, não fique sentada esperando que algo aconteça ou que a morte chegue, não se preocupe com a morte e as doenças, não deixe de se cuidar física e mentalmente, não desanime e procure fazer o que gosta. No dendograma de associação de palavras aparece a noção de que é a pessoa que deixa a velhice existir em sua cabeça. Vejamos o segmento de texto a seguir:

“A velhice mesmo é quando a pessoa está se entregando, já não quer mais participar de grupo, já não quer, já perdeu a ... noção de tudo, só pensa só na morte, pensa só em coisas ruins. Só esquenta a cabeça.” (entrevista 16, participante do sexo masculino, 64 anos, pertencente ao Grupo 3)

Por fim, o advérbio de negação “não”, surge para que os participantes falem o que os indivíduos não devem fazer para se proteger da velhice. A pessoa não deve se sentir velha e doente, bem como não deve ficar pensando na velhice, em doença e morte, pois isso leva a depressão, ao desânimo, a apatia e por fim, à morte lenta, já que estes sentimentos são as portas de entrada da velhice. Não se pode ainda deixar de participar de grupos, de se relacionar com outras pessoas, sair, deixar de fazer o que gosta e nem tampouco desistir ou reclamar das coisas, da vida ou da família. Para que essas situações não ocorram, os participantes dão conselhos como sair, buscar se divertir, fazer várias atividades, conhecer e se relacionar com outras pessoas, manter a atividade física e mental, assim como o espírito de jovem, sendo animado e se mantendo ativo. Nesse sentido, os verbos (que fazem parte dos elementos significativos da classe): querer, considerar e andar, indicam a ação que os participantes propõe a todas as pessoas para que não envelheçam. A atividade como algo positivo para a boa vivência da velhice foi encontrada em Ploner, Michels, Oliveira e Strey (1999), bem como em Neri (1991). Vejamos a seguir a fala de um idoso que compartilhou do conteúdo desta classe:

“Velhice? Eu acho que a velhice a pessoa, se põe na cabeça que ele está ficando velho, porque eu nunca pensei isso na minha vida. Eu sempre pensei que eu estou assim um tipo de jovem. Quer dizer, você vai perdendo assim um pouco da força, do vigor né, entendeu? Mas, se você garrar pensar que você está ficando velho, está ficando doente, você vai morrer, você vai morrer mais logo, mais rápido não é verdade? Então, eu acho que o negócio é esse. (...) Mas o negócio é o seguinte: a pessoa de idade ele tem que sair, se divertir e dançar bastante porque até os médicos apoiam sobre isso aí. Isso aí é muito bom para a pessoa né?” (entrevista 23, participante do sexo masculino, 75 anos, pertencente ao Grupo 3)

Os participantes mais jovens apontam a velhice como período ou momento de descanso e de se aproveitar, de colher aquilo que a pessoa semeou, plantou durante sua vida. Eles ainda vêem aspectos bons e ruins da velhice. Os aspectos bons dizem respeito

a conseguir passar por tantos anos e dificuldades, ter mais experiência, acumular coisas boas e ter recordação do que passou e mais calma para viver. Os aspectos ruins estão ligados a debilidade física, corpo debilitado e com doenças, não ter a mesma disposição que outrora, a proximidade com a morte e a perda de pessoas queridas e por fim, não mais fazer o que fazia na juventude, dados que corroboram com as pesquisas de Neri (1991), Guimarães (1997), Teixeira (1999), Junqueira (2001) e Eiras (2001). As idosas que compartilham desta classe, por sua vez, falam da velhice em suas características mais gerais, pertinentes a todos os seres humanos, sem que se sintam nela. Em determinados momentos porém, recordam-se das limitações, mas isso não as impedem de se considerarem novas, iguais às jovens, pelo menos mentalmente, como se pode constatar no segmento de texto abaixo

“Para mim não existe velhice. Não, para mim não. Para mim eu acho que não existe. Me representa que eu ainda sou naquela idade ainda de... de moço. Então depende da pessoa. (...) Eu me enxergo do mesmo jeito do que quando era moço. Que a pessoa... acho que não pode, ele não pode se entregar.” (entrevista 23, participante do sexo masculino, 75 anos, pertencente ao Grupo 3)

Apresentando 41,63% do total de UCEs utilizadas pela CHD, esta foi a maior classe em proporção do corpus. Compartilhada predominantemente por participantes do sexo feminino, a classe demonstra uma concepção de velhice baseada na negação ou relativização da própria velhice que para existir depende da cabeça, do espírito de cada pessoa, da forma como ela se comporte, pense e sinta. De forma geral, define-se a velhice a partir de aspectos essencialmente negativos, como a degradação física e transformação estética do corpo de quem se encontra na velhice, as doenças, a dependência do idoso para com outras pessoas.

5.3.4 - Conclusão do *corpus* “Velhice”: a Representação Social da Velhice

Tal qual na discussão relativa ao *corpus* “Idoso”, constata-se no *corpus* “Velhice”, um núcleo central definindo o que sejam as características da velhice que, poderíamos dizer, são mais compartilhadas pelos três grupos e especificidades,

contempladas nas classes de segmentos de texto que compõe o conteúdo do *corpus*. Obteve-se então, três classes de segmentos de texto por meio da Classificação Hierárquica Descendente, apresentando um conteúdo bastante articulado e rico. A primeira classe foi composta de 28,05% do total de UCEs utilizadas pela CHD, seguida da Classe 2, com 30,32% e da terceira classe que apresentou 41,63% do total de UCEs utilizadas pela CHD, sendo assim, a maior classe em proporção do *corpus* “Velhice”.

Pode-se dizer que todas as classes compartilharam dos mesmos conteúdos, mas cada um deles assumiu maior relevância em uma das três classes. Assim, em todas as classes se relata a percepção de que a velhice é uma coisa da cabeça, do espírito de cada pessoa, variando a sua manifestação de pessoa para pessoa. Entretanto, foi na Classe 3 que esse conteúdo apareceu como noção central, muito mais enfatizada e explicada. Outro aspecto comum a todas as classes é a dificuldade dos participantes em discernir os conceitos de idoso e velhice, considerando-os como sinônimo. Esse aspecto foi mais enfatizado na Classe 1, em que os responsáveis pelo conteúdo da classe, os idosos, falaram de si mesmos, usando a sua própria vida como exemplo para definir velhice. Por fim, os aspectos negativos ou pouco desejáveis que envolvem a vivência da velhice, também estiveram presentes em todas as classes, mas foi na Classe 2 que tomaram corpo. A Classe 1 do *corpus* “Velhice” apresentou resultados condizentes com os resultados das Classes 1 e 2 do *corpus* “Idoso”, ambas compartilhadas pelo grupo de idosos. As classes 2 e 3 do *corpus* “Velhice” por sua vez, apresentaram resultados que correspondem aos da Classe 3 do *corpus* “Idoso”.

Assim como os participantes tornaram relativo ser ou não um idoso, tornaram relativo ainda, a existência da velhice, que é definida como algo que é da cabeça, algo que a pessoa “*grava*” ou que “*pega*”, seja por ficar desanimada, triste ou depressiva, seja por não fazer atividades, sair, dançar, conhecer novas pessoas, estar ativa física e mentalmente. Ao se tomar atitudes e se ter comportamentos adequados, as pessoas se protegem da velhice, permanecendo pessoas com idade mas que nem por isso são velhas, ao contrário, tem espírito e cabeça jovem, não se pensando e nem se sentindo velhas.

Em todas as classes deste *corpus* ocorreu uma certa confusão entre os conceitos velhice e idoso. Ao serem questionadas sobre como concebem a velhice, os participantes falavam aspectos que dizem respeito ao idoso. Parece não ser claro para as pessoas o que seja a velhice, talvez por ser um conceito abstrato, intangível se comparado ao conceito de idoso. A Classe 2 foi a que menos confundiu os conceitos e

que falou mais claramente sobre a velhice em si como algo distinto do idoso. O que falar então de se compreender o processo de envelhecimento, diante de resultados que mostram a indefinição sequer do que seja a velhice? O fato das pessoas não considerarem a velhice como fruto de um processo de envelhecimento e não visualizar este processo estritamente ligado às limitações, doenças, perdas, proximidade com a morte, degradação física, etc., permite que a velhice seja vista como algo tão chocante, resultado pelo qual as pessoas tem a sensação de dormir jovens e acordar velhos. Porém, alguns participantes deste estudo citam a velhice como fruto de um processo ou dão a idéia de que o desenvolvimento do ser humano se dá em um processo. Será que estes dados estão indicando um movimento de mudança em relação às concepções de velhice e daqui a algum tempo poderemos falar em representações sociais do envelhecimento especificamente? Será que o processo de envelhecer deixará de ser apenas um conceito teórico do âmbito científico para adentrar o senso comum? O fato é que muitos dos participantes desta pesquisa citam informações advindas do meio científico ou protagonistas desse meio, como médicos e engenheiros geneticistas, como indicações importantes para se pensar a velhice, utilizando-se da ciência para subsidiar as conversações e teorizações sobre o assunto, no âmbito do senso comum.

Para adolescentes e adultos a velhice aparece como uma fase da vida com características bastante negativas, em que predominam as degradações físicas, as modificações físicas e psicológicas, assim como a dependência e o preconceito. Para os idosos ela aparece como o melhor tempo de suas vidas, momento em que podem usufruir a vida e realizar atividades e desejos anteriormente impossíveis. Vindos de uma época em que somente o trabalho e a preocupação com a família era permitida, em que se havia pouca liberdade de decisão e pouco lazer, sentem-se felizes de poder sair, dançar, se divertir, conhecer outras pessoas, estar com amigos, namorar, viajar, enfim, tomar suas próprias decisões. Para estes idosos, a velhice trouxe ganhos.

Como esperado, a Classe 1 do *corpus* "Velhice" foi a que demonstrou maior envolvimento afetivo com o conteúdo compartilhado, já que descreveu a velhice a partir de seus próprios referenciais de vida. A Classe 2 foi a que se apresentou de forma mais imparcial, distante e teórica. Já a Classe 3, não demonstrou nenhum envolvimento afetivo explícito, na medida em que os participantes não se utilizaram de pronomes pessoais, possessivos ou de verbos que demonstrassem tal questão. Entretanto, a própria negação da velhice em si, a tentativa constante de se enunciar que depende de cada pessoa ficar ou não na velhice, ser ou não velho e de que é possível se prevenir e até

mesmo se proteger de sua chegada, mostram um envolvimento afetivo grande, exprimem o medo e a rejeição que provoca.

Os idosos possuem um papel fundamental na construção de outras concepções da velhice, ou melhor, de novas formas de representações sociais da velhice e do idoso já que, como vimos pelos próprios resultados desta pesquisa, além dos idosos serem aqueles que concretizam as características que a velhice assume, as pessoas os confundem com a própria velhice, o que indica que uma mudança de atitude e comportamento dos idosos pode eliciar novas teorias e concepções do senso comum, sobre o assunto. Nesse sentido, os idosos de hoje, tal como aqueles participantes da presente pesquisa, buscam quebrar barreiras ao se mostrarem mais ativos, felizes, soltos e donos de suas decisões, vivendo novas experiências, muitas delas criticadas por outros idosos e até mesmo pelos mais jovens. Porém, para apresentar estes comportamentos, o idoso ainda precisa negar os seus limites: “*estou novo*”, “*não me sinto velho*”, “*não perco para nenhuma jovem*”, negando a própria velhice “*velhice não existe*”, “*velhice é coisa da cabeça das pessoas*”, “*só é velho quem quer*”, negando ou camuflando as dificuldades e os problemas que vivem, ficando mais livres e tranqüilos para usufruírem das atividades e comportamentos que se propõem, sem culpa. Entretanto, estes mesmos idosos vivenciam em seu cotidiano as dificuldades e problemas de seus companheiros, amigos e os seus próprios; vêem seus corpos diferentes; vivem as doenças e perdas de amigos e familiares, etc., ou seja, são obrigados a encarar os limites reais da velhice. Essa contradição entre o que se pensa ou se diz e a vivência propriamente dita, pode causar muito sofrimento e angústia, já que o ideal de velhice a que se propõe, está muito distante da realidade. Talvez não tenhamos encontrado, enquanto humanidade, uma forma de viver a velhice mais adequada aos limites e desejos do ser humano. As conversações diárias, base das representações sociais, onde se originam e são transmitidas, parecem um caminho bastante promissor para construir uma nova vivência de velhice.

Diante das três divisões de segmentos de texto a que se chegou pela Classificação Hierárquica Descendente, de todos os dados apresentados e das discussões realizadas, pode-se dizer que as classes correspondem a três aspectos da Representação Social de Velhice:

- A velhice como o resultado da comparação entre o passado e o presente dos participantes, de seu desempenho como pais e a evolução de seus filhos e de sua confiança em Deus;

- A velhice como fase da vida inevitável e comum a todos, em que predominam as debilidade físicas, as transformações orgânicas e psicológicas e dependência do idoso. Os aspectos positivos da fase estão relacionados a experiência, conhecimento e maturidade adquiridas com a idade;
- Um conceito de velhice baseado na sua negação e em torná-la algo relativo, que depende da cabeça e do espírito de cada pessoa, dos comportamentos, pensamentos e sentimentos que nutre por si mesma. De forma geral, tem-se uma visão negativa da velhice, em que predominam a degradação física, as doenças, a dependência do idoso e os preconceitos que sofrem.

6 – Considerações finais e implicações do estudo para intervenções profissionais

*Eu não tinha este rosto de hoje
Assim triste, assim magro
Nem estes olhos tão vazios. (...)
Eu não dei por esta mudança
Tão simples, tão certa, tão fácil.
Em que espelho ficou perdida
A minha face?*
(Cecília Meireles)

Como pudemos perceber pela descrição e discussão dos resultados deste estudo, ainda não se pode falar em representações sociais do envelhecimento, já que os grupos pesquisados consideram o envelhecimento como algo restrito ao período da velhice e não como um processo que se dá ao longo do curso de vida do ser humano. Não se pôde perceber no relato dos participantes desta pesquisa, uma compreensão do envelhecimento nestes termos, mas alguns deles descreveram suas idéias a cerca do envelhecimento humano como um *continuum*. Não se pode afirmar se o fato destas pessoas terem essa visão deste fenômeno prenuncia uma nova representação social, mas isto pode ser deflagrado, pelo menos teoricamente, na medida em que elas representem em seus grupos, os “pensadores amadores” a que se refere Moscovici, trazendo à tona suas opiniões, idéias, explicações e teorias do tema, fazendo circular novas informações e discussões que suscitem futuras construções de representações sociais do envelhecimento e da velhice.

A representação social de velhice não se configura uma representação social autônoma, mas dependente da representação social de idoso, ambas imbricadas de tal forma que muitos participantes quase não conseguiram distingui-las. Sem dúvida, é mais fácil compor uma definição sobre o idoso do que sobre a velhice, na medida em que aquele assume um caráter mais concreto, real, visível, que define e objetiva as características que a velhice assume, sendo mais fácil formar concepções dele do que da velhice, que é algo abstrato, que diz respeito a uma categoria criada socialmente para se demarcar o período em que as pessoas ficam mais envelhecidas. Esta conclusão

corroborar com o que se discutiu acima, de que parece que os participantes da pesquisa não possuem representações sociais do envelhecimento, pois ambos, velhice e envelhecimento, são conceitos mais abstratos, distantes do cotidiano dos indivíduos e muito mais presentes no cotidiano do universo reificado, da ciência. Pode-se dizer que o conceito de envelhecimento enquanto processo, ainda permanece restrito ao universo reificado. Aliás, o universo reificado está no âmago do fenômeno do envelhecimento, na medida em que foram os próprios avanços científicos que permitiram maior longevidade e qualidade de vida à população e é esse mesmo universo que nutre o senso comum de novas informações e fatos que alimentam as representações sociais sobre o tema e as impulsionam à reformulação.

Nesta pesquisa, chegamos a uma representação social de idoso e uma representação social de velhice, compartilhadas pelos grupos de adolescentes, de adultos e de idosos. Porém, os conteúdos que se mostraram mais relevantes nas classes, transpareceram diferenças tanto de faixas etárias quanto de gênero. Estes resultados nos levam a pensar que as representações sociais sobre os temas velhice e idoso estão sendo bastante compartilhadas nos grupos pesquisados e que estes temas assumem relevância cada vez maior para indivíduos de diferentes idades, não só pelo aumento da população idosa e portanto, por mais pessoas estarem experienciando a velhice e outras tantas convivendo com idosos (como vimos nos grupos pesquisados, em que na maioria dos participantes adolescentes e adultos mantêm contato freqüente com idosos), mas por trazer à tona e confrontar indivíduos e grupos com os diferentes aspectos que envolvem o envelhecer e a velhice, como as mudanças estéticas, as perdas de diferentes aspectos e dimensões da vida, a proximidade com a morte, a debilidade física, a dependência, etc., temidos por todos.

Assim como a morte atualmente é escondida, camuflada e esquecida, também o é o envelhecimento, que só é pensado em seu estágio mais avançado, a velhice. Também não o é pensado em suas características mais reais e difíceis, sendo a sua vivência relativizada, dependente da cabeça, do espírito de cada pessoa, de sua disposição em se sentir e pensar como um jovem e em ter comportamentos adequados que a proteja da chegada da velhice. A velhice acontece com os outros. O velho é o outro, aquela pessoa que sucumbiu a inatividade, ao desânimo, a apatia, a depressão e aos pensamentos e sentimentos negativos. Fala-se positivamente do idoso mas os próprios idosos não se consideram idosos e os adolescentes e adultos almejam ser o

idoso desejável, ou seja, aquela pessoa que tem idade mas não tem espírito velho, conserva-se “nova” por toda a vida.

A atividade é tida como proteção da velhice e de ser idoso, mas o que é ser ativo? Quanta atividade é necessária para viver bem a velhice? Quais os tipos de atividades mais adequadas? São questões que nem a gerontologia nem os idosos sabem responder. Estamos deixando de lado a idéia de que a vivência da velhice era homogênea, pois por meio de pesquisas e da própria experiência dos idosos, pôde-se perceber que ela é muito heterogênea. Porém, parece-me que estamos novamente buscando uma homogeneização da vivência da velhice, ao colocar que somente em atividades, em lazer, em diversão, em meio a várias pessoas, participando de instituições que ofereçam programas para idosos e apresentando uma série de outros comportamentos considerados adequados, a velhice será bem sucedida. São questões que merecem maior atenção.

Parece haver uma distância entre o que se concebe de velhice e do idoso e o que se vive ou se quer viver, ou seja, têm-se uma representação social de velhice e de idoso em que predominam os aspectos negativos, pautada na doença, na inatividade, morte, tristeza, solidão... e uma vivência de velhice que é (ou pode ser) mais prazerosa, cheia de perspectivas e expectativas, tanto para os idosos quanto para adolescentes e adultos. Ocorre uma cisão entre o que é compartilhado socialmente e aquilo que é a experiência pessoal. A própria negação dos aspectos reais da velhice bem como sua relativização, a possibilidade de ser ou não idosos, chegar ou não na velhice, parece servir para criar novas formas de vivê-la, novos comportamentos e interações que não existiam anteriormente. Parece também ser expressão de uma luta dos idosos para serem reconhecidos como pessoas cheias de vida, que não devem ser renegadas a morte ou a exclusão social, mas que podem ser atuantes, participativas e importantes dentro da comunidade. Os idosos buscam discutir e viver novas formas de velhice, tentando consultar e dar vazão a desejos, projetos e expectativas que antes não eram possíveis e exploradas. Será que esses comportamentos e situações criadas pelos próprios idosos, pelas instituições e programas que atendem essa população, provocaram ou provocarão mudanças nas representações sociais de velhice? Ainda é cedo para fazer tais afirmações, mas é possível dizer que, conforme pudemos conferir nos resultados desta pesquisa, outros conteúdos estão sendo pensados no que diz respeito a velhice e ao idoso que não aqueles baseados apenas nas perdas que a velhice acarreta.

O individualismo se mostrou o valor básico para se pensar o idoso e a velhice nesta pesquisa, pois a ancoragem e a objetivação das representações sociais de idoso e velhice, segundo os entrevistados, dependem do indivíduo ser ou não ativo, viver bem ou não a sua velhice, fazer as coisas certas, não ter comportamentos repudiáveis. Assim, o indivíduo é responsabilizado pela qualidade que assume a sua velhice. A sociedade, coletividade ou governo são citados, mas de forma periférica e diretamente relacionados a garantia de necessidades básicas do idosos, com participação restrita ao período da velhice. Ao final, o indivíduo foi apontado como o responsável por aquilo que fez ou deixou de fazer ao longo de sua vida ou na sua velhice, por ter uma boa ou má velhice, corresponder ou não ao modelo de idoso desejável, sem se tocar em questões como a qualidade de vida de toda uma população, das condições de vida oferecidas no país, de como a sociedade se organiza, e outros tantos fatores já discutidos no norte teórico anteriormente apresentado, que dizem respeito ao envelhecimento do ser humano de forma geral. Responsabilizar o indivíduo pela qualidade que assume a sua velhice, pode isentar a família, a sociedade e o governo, do cuidado e preocupação mais específica com o idoso, e pode, por outro lado, desarticular os idosos enquanto grupo que poderia lutar por seus direitos e deveres, buscando melhores condições de vida na velhice.

Seguindo as reflexões realizadas na contextualização do envelhecimento populacional no Brasil, os resultados desta pesquisa quanto ao relacionamento e moradia com pessoas de outras faixas etárias, mostram que a população idosa brasileira está aumentando e a cada dia teremos mais pessoas residindo e se relacionando com pessoas idosas, tal qual pudemos conferir nos dados apresentados. Esse fato é muito interessante ao se pensar em representações sociais, já que o intercâmbio entre as diferentes faixas etárias pode propiciar diferentes ângulos de visão sobre um mesmo assunto, assim como maior riqueza de conteúdos, já que cada pessoa, estando em um momento diferente do curso de vida de outra, pode trazer novos elementos a serem pensados, discutidos e teorizados no cotidiano, originando ou modificando as representações sociais sobre determinado tema. No caso desta pesquisa, o intercâmbio de gerações é tido como fonte frutífera de construção e reconstrução de representações sociais sobre o envelhecimento, a velhice e o idoso, que têm na convivência entre pessoas com diferentes idades, um dos referenciais para o senso comum formar suas concepções e dirigir a conduta dos indivíduos frente a esses objetos e, por isso, é importante realizar estudos comparativos como este, em outros contextos e populações.

Parece-nos importante no estudo das representações sociais do envelhecimento, acompanhar paulatinamente como este tema vai sendo concebido e como se dá o seu desenvolvimento. Seria salutar pesquisar as relações entre grupos de diferentes faixas etárias, como se dão os intercâmbios de informações e conhecimentos, as interações entre eles e quais seus efeitos na percepção e concepção do envelhecimento, da velhice e do idoso, bem como as condutas direcionadas a estes objetos. Diante dos trabalhos realizados sob a ótica das representações sociais sobre o envelhecimento e a velhice, os próximos estudos poderiam focar seus objetivos em aspectos mais específicos sobre os temas, como por exemplo, na investigação do papel que a experiência e a sabedoria dos idosos assumem na concepção de velhice que os grupos têm. Outro ponto a se aprofundar é a tensão/conflito que existe entre a concepção de velhice e a sua vivência, entre esta diferença estabelecida pelos participantes, entre o ideal de idoso ativo, sempre jovem e uma realidade de um corpo menos ágil, mais cansado e adoentado.

A negação das características pouco desejáveis da velhice e da velhice em si, foi o conteúdo que mais aflorou nesta pesquisa. Esta negação apareceu de forma direta ou camuflada, estando presente nos relatos dos três grupos pesquisados. Este resultado tem grande importância no que diz respeito às atuações profissionais, não só com a população idosa, como também para pessoas de outras faixas etárias, já que nos três grupos os participantes desconsideraram os limites reais do corpo humano e sua finitude. Ao não conceberem o envelhecimento enquanto processo, algo que acontece durante todo o curso de vida do indivíduo e, portanto, de tudo o que ele vive, pode-se dizer, que os participantes não estão se preparando para o seu envelhecimento e sua velhice, sentindo-os como algo exterior e distante de si. O trabalho direcionado a outras faixas etárias quanto a informação e formação relativa aos aspectos que envolvem o envelhecimento como um *continuum* ao longo da vida do ser humano, seria interessante para o preparo das pessoas e dos profissionais de forma em geral. É importante que a equipe do SESC Maringá, assim como os diversos profissionais que trabalham com os idosos e com a temática envelhecimento, possam se pautar nestes resultados como subsídios para sua atuação, no sentido de direcionar seus serviços para maior conscientização dos indivíduos tanto do envelhecimento como da velhice. Os resultados desta pesquisa podem servir de subsídios para a criação de serviços e programas destinados tanto aos idosos quanto a indivíduos em outras faixas etárias, considerando-se que é importante salientar e promover atividades e programas que se pautem nos pontos positivos e nas perspectivas que a vivência da velhice assume, sem deixar de

considerar ou tentar camuflar os limites reais, as dificuldades e sofrimentos vividos nesta etapa da vida. Já os programas de atividades para idosos, devem contemplar preocupações e atividade, não só com as suas possibilidades, com as suas capacidades de reserva e de funcionalidade, mas também com seus limites e dificuldades, discutindo-os com os idosos, amenizando ou pelo menos colaborando com uma vivência de velhice mais condizente com as condições de cada indivíduo.

As atividades físicas, culturais ou mentais constantes, foram consideradas pelos participantes, como centrais para se entender a velhice e como essenciais para se proteger dela ou para vivê-la bem. Considerar a atividade como o único caminho para uma boa vivência da velhice, pode não ser muito construtivo, pois o idoso se debate com as dificuldades do dia a dia, pois seu corpo nem sempre apresenta boa saúde, disposição ou vigor. Por outro lado, outros aspectos que envolvem a velhice não estão sendo observados, como a experiência e a sabedoria. Foram os mais jovens, o grupo de adolescentes e de adultos, que salientaram a experiência como um elemento que define o idoso e marca a velhice. Os idosos parecem reproduzir um discurso que coloca a atividade como o centro de suas vidas. Talvez os adolescentes e adultos admirem o idoso, justamente por entender que possui essas qualidades e estejam chamando sua atenção para elas. É importante resgatar esta dimensão da velhice, bastante esquecida atualmente, nos programas e serviços direcionados aos idosos, planejando atividades que estimulem sua atuação na comunidade em geral, para que possam mostrar, utilizar e auxiliar a população com seu conhecimento, experiência e sabedoria.

O fenômeno do envelhecimento e da velhice estão sendo concebidos como restritos ao corpo, ao físico, sem que se perceba que ao longo dos anos se processam mudanças na forma de pensar, sentir e agir dos indivíduos. Mudam também, a maneira de administrar os pensamentos, as atividades a realizar, os desejos, os sentimentos, as perspectivas, assim como ocorre a adaptação dos indivíduos diante das mudanças advindas com a idade mais avançada, como vimos no norte teórico sobre o desenvolvimento humano. Urge revermos estas questões com maior apreço quanto aos temas envelhecimento, velhice e idoso e ainda, quanto ao atendimento a pessoas idosas.

O envelhecimento humano se apresenta como um fenômeno de âmbitos individuais e sociais muito complexo. A fragilidade física típica da velhice faz do idoso um alvo fácil de ser atingido pelas dificuldades e mazelas humanas. Pensar com maior apreço nos idosos, tentar conhecer sua forma de viver e se tornar empáticos a ele, conduz-nos a um exercício de repensar toda a vida do ser humano, percebendo a velhice

como uma etapa de todo um processo, de um caminho que percorremos durante toda a vida e portanto, que se apresenta de forma diferente para cada pessoa, configurando um objeto multifacetado e multideterminado. O fato concreto do envelhecimento populacional que começou a ser discutido como algo que dizia respeito somente aos idosos, atualmente ganha maiores dimensões, abrangendo a humanidade como um todo. Traçar novos caminhos para a vivência do envelhecimento e da velhice é compromisso de toda a sociedade.

7 – Referências Bibliográficas

- Aberastury, A. e Col. (1983) *Adolescência* Porto Alegre: Artes Médicas.
- Abric, J-C. (1998) *A abordagem estrutural das representações sociais* In: Moreira, A.S.P. & Oliveira, D.C. (Orgs.) *Estudos interdisciplinares de representação social* Goiânia: AB.
- Acosta-Orjuela, M.G. (1999) *O uso da televisão como fonte de informação sobre a velhice: fatos e implicações* In: Neri, A.A. & Debert, G.G. *Velhice e Sociedade* Campinas, SP: Papirus.
- Aylmer, R.C. (1995) 9. *O Lançamento do Jovem Adulto Solteiro* In: Carter, B. McGoldrick, M. & Col. *As mudanças no ciclo de vida familiar Uma estrutura para a terapia familiar* 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Azevedo, J.R.D. (1998) *Ficar Jovem leva tempo* São Paulo: Saraiva.
- Baltes, P.B. (1995) *Prefácio* In: Neri, A.L. (Org.) *Psicologia do envelhecimento* Campinas: Papirus.
- Baltes, M.M.B. e Silverberg, S. (1995) *A dinâmica dependência-autonomia no curso de vida* In: Neri, A.L. (Org.) *Psicologia do envelhecimento* Campinas: Papirus.
- Bardin, L. (1977) *Análise de Conteúdo* Lisboa: Persona.
- Beauvoir, S.de (1990) *A velhice* Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beltrão, K.I. Camarano, A.A. (1997) *Características sócio-demográficas da população idosa brasileira* In: *Rev. Estudos Feministas* Rio de Janeiro: UFRJ v. 5 n.º 1 pgs.106-119 1º sem. 1997.
- Berquó, E. (1999) *Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil* In: Neri, A.L. Debert, G.G. (Orgs.) *Velhice e sociedade* São Paulo: Papirus.
- Blazer, D.G. (1992) *Psiquiatria Geriátrica* Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bosi, E. (1999) *Memória e sociedade Lembranças de velhos* 7ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bradt, J.O. 11. *Tornando-se Pais: Famílias com Filhos Pequenos* In: Carter, B. McGoldrick, M. & Col. (1995) *As mudanças no ciclo de vida familiar Uma estrutura para a terapia familiar* 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brêtas, A.C.P. (1999) *Envelhecimento, saúde e trabalho: um estudo com aposentados e aposentadas* São Paulo: Tese (Doutorado em Enfermagem) Escola Paulista de Medicina.

Brêtas, A.C.P. & Oliveira, E.M.de (2000) *Envelhecimento, saúde e trabalho: um estudo com aposentados e aposentadas* In: Acta Paul Enf. v. 13, n. 1, p. 66-79, jan/abr.

Browh, J. A. C. (1976) *Psicologia social da indústria*. São Paulo: Atlas.

Busse, E.W. (1992a) *O Mito, História e Ciência do Envelhecimento* In: Busse, E.W.

Busse, E.W.(1992b) *Alterações Perceptivas com o Envelhecimento* In: Busse, E.W. Blazer, D.G. *Psiquiatria Geriátrica* Porto Alegre: Artes Médicas.

Cachioni, M.(1999) *Universidades da Terceira Idade: das origens à experiência brasileira* In: Neri, A.A. & Debert, G.G. *Velhice e Sociedade* Campinas, SP: Papirus.

Camargo, B.V. (1998) *ALCESTE: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais* Apostila. Laboratório de psicossociologia da comunicação e cognição social. Centro de Filosofia e Ciências Humanas: UFSC.

Capitanini, M.E.S. (2000) *Solidão na velhice: realidade ou mito?* In: Neri, A.L. Freire, S.A. (Orgs.) *E por falar em boa velhice* Campinas: Papirus.

Carter, B. McGoldrick, M. (1995) *1. As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar – Uma Estrutura para a Terapia Familiar* In: Carter, B. McGoldrick, M. & Col. *As mudanças no ciclo de vida familiar Uma estrutura para a terapia familiar* 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

Codo, W. & Senne, W. A. (1993) *O que é Corpo(latria)*. São Paulo: Brasiliense.

Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (1998) *Os jovens no Brasil: diagnóstico nacional* Brasília: CNPD.

Debert, G.G. (1997) *Envelhecimento e curso de vida* In: *Rev. Estudos Feministas* Rio de Janeiro: UFRJ v. 5 n.º 1 pgs.120-128 1º sem. 1997.

Debert, G.G. (1999a) *A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade* In: Neri, A.L. Debert, G.G. (Orgs.) *Velhice e sociedade* São Paulo: Papirus.

Debert, G.G. (1999b) *A reinvenção da velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento* São Paulo: Fapesp.

Deps, V.L. (1993) *Atividade e bem-estar psicológico na maturidade* In: Neri, A.L. (Org.) (1993) *Qualidade de vida e idade madura* Campinas: Papirus.

Eiras, N. *Representações sociais da velhice em instituições públicas de saúde* (2001) In: *Cadernos de resumos da II Jornada Internacional sobre Representações Sociais. Questões Metodológicas* Florianópolis: Edifurb.

Farr, R.M. (1998) *Representações sociais: A teoria e sua história*. In: Guareschi, P. e Jovchelovitch, S. (Orgs.) *Textos em representações sociais* 4ª Ed. Petrópolis: Vozes.

- Fericgla, J.M. (1992) *Envejecer: Una antropología de la ancianidad* Barcelona: Anthropos.
- Ferreira, A.B. de (1986) *Novo Dicionário da língua portuguesa* 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Freire, S.A. (2000) *Envelhecimento bem-sucedido e bem-estar psicológico* In: Neri, A.L. Freire, S.A. (Orgs.) *E por falar em boa velhice* Campinas: Papyrus.
- Ghiglione, R. Matalon, B. (1993) *O inquerito, teoria e prática* Oeiras: Celta.
- Guimarães, M.C.T.V. (1997) *Velhice: perda ou ganho?* Florianópolis, Dissertação (Mestrado em Psicologia) Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Heckhausen, J. Schulz, R. (1995) *Uma teoria do controle no curso de vida* In: Neri, A.L. (Org.) *Psicologia do envelhecimento* Campinas: Papyrus.
- Kovács, M.J. (1992) *Morte e Desenvolvimento Humano* 2ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kübler-Ross, E. (1997) *Sobre a Morte e o Morrer* 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Junqueira, E.D.S. (1998) *Velho. E, por que não?* Bauru: EDUSC.
- Lidz, T. (1983) *A pessoa: seu desenvolvimento durante o ciclo vital* Porto Alegre: Artes Médicas.
- López, A.L. (1999) *Comparando e interpretando a longa caminhada: maneira do idoso qualificar a vida* São Paulo: Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.
- López, A.L. & Cianciarulo, T.I. (1999) *Compreendendo o significado de qualidade de vida na velhice* In: Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis, v.8, n.3, p.233-249, set./dez..
- Magro, Viviane M. de M. (1998) *Adolescente Urbano e o mundo atual: a s vivências e as formas de estar no mundo.* In: Psicologia em estudo, Maringá v.3, n. 2, p.39-79, jul/dez.
- Marcon, S.S. (1997) *Avós lembranças e presença no cotidiano de cuidar* In: Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis, v. 6, n.2, p. 369-379, mai./ago..
- Maranhão, J.L. de (1985) *O que é morte* São Paulo: Brasiliense.
- Máximo, Antônio (1999) *Tempo histórico* In: Leopoldianum, São Paulo: Ed. Loyola, ano 25, n.º 69, p. 231 a 274, novembro.

- McCullough, P. Rutenberg, S. (1995) *13. Lançando os Filhos e Seguindo em Frente* In: Carter, B. McGoldrick, M. & Col. *As mudanças no ciclo de vida familiar Uma estrutura para a terapia familiar* 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- McGoldrick, M. (1995) *10. A União das Famílias Através do Casamento: O Novo Casal* In: Carter, B. McGoldrick, M. & Col. *As mudanças no ciclo de vida familiar Uma estrutura para a terapia familiar* 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ministério da Saúde (1999) *Política Nacional de Saúde do Idoso* Portaria n.º 1.395/GM em 10 de dezembro de 1999.
- Morin, Edgar (1987) *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo 1: Neurose* (original publicado em 1962). 7ª Ed., Forense Universitária: Rio de Janeiro.
- Moscovici, S. (1978) *A representação social da psicanálise* Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (1981) *On social representation* In: Forgas, J.P. *Social cognition: perspectives on everyday understanding* London: Academic Press.
- Moscovici, S. & Hewstone, A. (1985) De la ciência al sentido comum. In: Moscovici, S. (Org.) *Psicologia Social (Vol I)* Barcelona, Espanha: Paidós.
- ✕ Motta, M. da G.C. da (1997) *O Ser Doente no Triplice Mundo da Criança, Família e Hospital: Uma Descrição Fenomenológica das Mudanças Existenciais* Tese de Doutorado Florianópolis: UFSC/ Centro de Ciências da Saúde.
- Neri, A.L. (1991) *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos* Campinas: Ed. da UNICAMP.
- Neri, A.L. (1993) *Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa* In: Neri, A.L. (Org.) *Qualidade de vida e idade madura* Campinas: Papirus.
- Neri, A.L. (1995) *Psicologia do envelhecimento: uma área emergente* In: Neri, A.L. (Org.) *Psicologia do envelhecimento* Campinas: Papirus.
- Neri, A.A. (1997) *A pesquisa em gerontologia no Brasil. Análise de conteúdos de amostra de pesquisa em psicologia no período de 1975-1996* In: *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 6, n.2, p. 69-105, mai./ago..
- Neri, A.L. Cachione, M. (1999) *Velhice bem-sucedida e educação* In: Neri, A.L. Debert, G.G. (Orgs.) *Velhice e sociedade* São Paulo: Papirus.
- Oliveira, M.A. de C. Egry, E.Y. (1997) *A adolescência como um constructo social* In: *Rev. Bras. Crescimento e Desenvolvimento Humano* São Paulo V. 7 n.º 2, 12-21.
- Outeiral, J.O. (1994) *Adolescer, Estudos sobre a Adolescência* Porto Alegre: Artes Médicas.

Pacheco, J.L. (1999) *Educação para o trabalho, envelhecimento e qualidade de vida de quem cuida da vida* In: *Texto Contexto Enfermagem* v.8, n.3, p. 78-87, set./dez..

Ploner, K.S. Michels, L.R.F. Oliveira, M.A.M.de Strey, M.N. (1999) *O significado de envelhecer para homens e mulheres* In: Silveira, A.F. et al (orgs) *Cidadania e participação social* Porto Alegre: ABRAPSOSUL.

Posada, F.V. (1997) *Construcción y evaluación en diferentes cohortes del DSE (Diferencial Semántico del envejecimiento)* In: *Anales de psicología*, Murcia (Espanha), v.13, n. 1, p. 31-37.

Preto, N.G. (1995) *12. Transformação do Sistema Familiar na Adolescência* In: Carter, B. McGoldrick, M. & Col. *As mudanças no ciclo de vida familiar Uma estrutura para a terapia familiar 2ª Ed.* Porto Alegre: Artes Médicas.

Rowe, J.W. (1992) *O Impacto Clínico de Alterações Fisiológicas no Envelhecimento* In: Busse, E.W. Blazer, D.G. *Psiquiatria Geriátrica* Porto Alegre: Artes Médicas.

Santos, M. de F. de S. (1996) *A velhice na Zona Rural. Representação Social e Identidade* In: *Coletâneas da ANPEPP. Novas Contribuições para a teorização e pesquisa em representação social*, Florianópolis: s.n., p. 59-83.

Santos, M. de F. de S. e Belo, I. (2000) *Diferentes modelos de velhice* In: *Rev. Psico* Porto Alegre, v.31, n.2, p. 31-48, jul./dez..

SESC – Serviço Social do Comércio Administração Regional do Estado do Paraná (1996) *Memorial SESC Paraná* Curitiba: SESC.

SESC, Departamento Regional São Paulo (1997) *Uma idéia original: SESC São Paulo 50 anos* São Paulo: Companhia Lazuli Editora.

SESC, Departamento Regional no Estado do Paraná (2000) *Orçamento – Programa e Programa de Trabalho 2001* Curitiba: SESC.

Silvestre, J.A. Kalache, A. Ramos, L.R. Veras, R.P. (1996) *O envelhecimento populacional brasileiro e o setor saúde* In: *Arquivos de Geriatria e Gerontologia Ed. Científica Nacional*, v. 0, n. 1, setembro, p. 81-89.

Simões, R. (1994) *Corporeidade e terceira idade*. Piracicaba: Unimep.

Sheehy, G. (1991) *Passagens: crises previsíveis da vida adulta* 15ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Tashiro, M.T.O., Yoshitome, A.Y., Martines, S.H.L. & Mucci, I. (1997) *O significado de envelhecer* In: *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 6, n.2, p. 398, mai./ago..

Teixeira, M.C.T.V. (1999) *Representações sociais sobre a saúde-doença na velhice: um diagnóstico psicossocial na rede básica de saúde* Florianópolis, Tese (Doutorado em

Enfermagem) Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina.

Teixeira, M.C.T.V. (2000) *Representações sobre a velhice e sobre o self* In: *Revista de Ciências Humanas* Florianópolis: EDUFSC, Edição Especial Temática: *Representações sociais e interdisciplinaridade*, p. 111-139.

Tiba, I. (1986) *Puberdade e Adolescência: Desenvolvimento biopsicossocial* São Paulo: Agora.

Valle, E.R.M. (1997) *do Câncer Infantil Compreender e agir* Campinas: Editorial Psy.

Veloz, M.C.T. Nascimento-Shulze, C.M. Camargo, B.V. (1999) *Representações Sociais do Envelhecimento* In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 470-501, 1999.

Vieira, R.F. (2000) *"Há" vida depois do asilo?* In: *Psique* Belo Horizonte: Unicentro Newton Paiva, vol. 10, n. 16, maio.

Vieira M.D.C.M. *Velhice Feminina no asilo* (2001) In: *Cadernos de resumos da II Jornada Internacional sobre Representações Sociais. Questões Metodológicas* Florianópolis: Edifurb.

Vitta, A. de (2000) *Atividade física e bem-estar na velhice* In: Neri, A.L. Freire, S.A. (Orgs.) *E por falar em boa velhice* Campinas: Papirus.

Walsh, F. (1995) *14. A Família no Estágio Tardio da Vida* In: Carter, B. McGoldrick, M. & Col. *As mudanças no ciclo de vida familiar Uma estrutura para a terapia familiar* 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

Zagury, T. (1997) *O adolescente por ele mesmo* 9ª Ed. Rio de Janeiro: Record.

8 - ANEXOS

8.1 - Anexo I: carta de apresentação ao diretor do SESC Maringá.



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Filosofia e Ciências Humanas
Pós-Graduação em Psicologia

Florianópolis, 22 de março de 2001

Senhor Antônio Vieira
Diretor do SESC Maringá

Por meio desta, vimos solicitar autorização junto a direção do SESC Maringá, para realizarmos uma pesquisa que tem por objetivo conhecer como adolescentes, adultos e idosos concebem o envelhecimento. O SESC configura-se um local privilegiado para a pesquisa, por ser um lugar onde podemos entrar em contato com pessoas em diferentes faixas etárias, fator essencial para o estudo proposto.

A pesquisa consiste em realizarmos 78 entrevistas individuais, com duração de aproximadamente 30 minutos. As pessoas serão convidadas a participar da pesquisa, sendo assegurado o sigilo dos seus dados pessoais. Todos os passos a serem seguidos encontram-se explicados detalhadamente no protocolo de pesquisa que segue em anexo. Caso seja possível, gostaríamos de solicitar vosso apoio no sentido de ceder uma sala para a realização da pesquisa, o que facilitaria o encontro com os participantes e propiciaria um local tranquilo e apropriado para as entrevistas.

Os resultados desta pesquisa fornecerão importantes indicações das concepções que indivíduos de diferentes idades tem sobre o envelhecimento e a pessoa idosa, auxiliando no desenvolvimento de teorias sobre o tema, contribuindo para os conhecimentos já existentes e fornecendo subsídios para organizar atuações profissionais.

Esperando contar com vosso apoio e agradecendo vossa atenção,

Cordialmente

Claudia Regina Magnabosco Martins
Pesquisadora e Mestranda em Psicologia – UFSC

Prof. Dr. Brígido Vizeu Camargo
Orientador da Pesquisa e Professor – UFSC

8.2 - Anexo II: Protocolo de pesquisa.



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Filosofia e Ciências Humanas
Pós-Graduação em Psicologia

Protocolo de Pesquisa

Título:

Representações sociais do envelhecimento: um estudo com adolescentes, adultos e idosos usuários do Serviço Social do Comércio de Maringá, Paraná.

Pesquisadora:

Claudia Regina Magnabosco Martins – Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina

Orientador da pesquisa:

Prof. Dr. Brígido Vizeu Camargo – Professor da Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

O presente projeto de pesquisa tem como tema o envelhecimento. Tem-se o objetivo de saber se há diferenças no conteúdo das concepções do envelhecimento de grupos formados por indivíduos em diferentes faixas etárias. O estudo auxiliará com subsídios para as atividades que envolvem indivíduos de diferentes idades, fornecendo informações sobre como as pessoas pensam este importante processo do curso de vida do ser humano: o envelhecimento. Este projeto de pesquisa faz parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, cursado pela pesquisadora.

Procedimentos da pesquisa de campo

Caso a instituição aceite a realização da pesquisa, serão solicitadas informações sobre os participantes das atividades fornecidas pelo SESC, considerando a idade, sexo, salas e horários em que eles comparecem às atividades com o intuito de facilitar a execução da pesquisa. Far-se-á contato com os responsáveis pelas atividades, sob a orientação da direção do SESC, solicitando alguns minutos para que se faça o convite aos usuários daquela atividade para participar da pesquisa. Ao final da atividade, diante da manifestação de voluntários, marcar-se-á local e horário específicos para a realização da entrevista. Deverão ser realizadas 78 entrevistas individuais com usuários dos serviços oferecidos pelo SESC - Maringá, distribuídos em três grupos: adolescentes (13 a 25 anos), adultos (25 a 45 anos) e idosos (60 anos ou mais). Serão selecionados 26 participantes de cada grupo, de acordo com o sexo (50% dos participantes do sexo masculino e 50% dos participantes do sexo feminino) e a idade (acima citada). As

entrevistas serão gravadas em fita K7 para posterior transcrição, mediante o consentimento prévio dos participantes da pesquisa. Será garantido o sigilo profissional em relação aos dados coletados e em relação ao completo anonimato dos participantes.

Divulgação de resultados

Com a conclusão da dissertação, a pesquisadora se compromete em oferecer a instituição uma cópia da pesquisa realizada e uma apresentação da mesma, em forma de palestra.

Claudia Regina Magnabosco Martins
Pesquisadora e Mestranda em Psicologia – UFSC

Prof. Dr. Brígido Vizeu Camargo
Orientador da Pesquisa e Professor – UFSC

8.3 - Anexo III: carta de apresentação ao diretor regional do SESC Paraná



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Filosofia e Ciências Humanas
Pós-graduação em Psicologia

Florianópolis, 06 de abril de 2001

Senhor Amauri Ribas de Oliveira
Diretor Regional do SESC Paraná

Vimos por meio desta solicitar junto a vossa senhoria, autorização para a realização de uma pesquisa nas dependências do SESC Maringá, com usuários dos serviços ali oferecidos. A pesquisa tem por objetivo conhecer como adolescentes, adultos e idosos concebem o envelhecimento. Maiores informações podem ser encontradas no protocolo de pesquisa que segue em anexo. O SESC configura-se um local privilegiado para a pesquisa, por favorecer o contato com pessoas em diferentes faixas etárias, fator essencial para o estudo proposto.

A pesquisadora é formada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá e no momento cursa o Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis – SC, no qual, sob a orientação do Professor Dr. Brígido Vizeu Camargo, vem traçando um caminho de estudo e investigação acerca do campo de atuação da psicologia social e dos temas envelhecimento, velhice e desenvolvimento humano. A pesquisa proposta faz parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de mestre e contempla os temas citados anteriormente.

A pesquisa consiste em realizarmos 78 entrevistas individuais, com duração de aproximadamente 30 minutos. As pessoas serão convidadas a participar da pesquisa, sendo informadas do conteúdo e objetivo da mesma. Os voluntários tomarão conhecimento de que a entrevista será gravada para posterior transcrição, com o objetivo de favorecer o trabalho do pesquisador e a fidedignidade dos dados e ainda, de que a pesquisadora se compromete em garantir sigilo profissional dos dados pessoais de cada entrevistado e ética no tratamento dos dados coletados. De posse destas informações, os voluntários terão a liberdade de participar ou não da pesquisa. Todos os passos a serem seguidos encontram-se explicados detalhadamente no protocolo de pesquisa que segue em anexo. Após a conclusão da dissertação, a pesquisadora se compromete em entregar à direção do SESC Maringá, uma cópia da pesquisa realizada e uma apresentação da mesma, em forma de palestra.

Os resultados desta pesquisa fornecerão importantes indicações das concepções que indivíduos de diferentes idades tem sobre o envelhecimento e a pessoa idosa, auxiliando no desenvolvimento de

teorias sobre o tema, contribuindo para os conhecimentos já existentes e fornecendo subsídios para organizar atuações profissionais.

Esperando contar com vosso apoio e agradecendo vossa atenção,

Cordialmente

Claudia Regina Magnabosco Martins

Pesquisadora e Mestranda em Psicologia – UFSC

8.4 - Anexo IV: Roteiro da entrevista.

Dados Pessoais: Idade e Sexo

Perguntas:

Comuns a todos os participantes:

- O que você entende por velhice?
- O que você pensa sobre o idoso?
- Se você tivesse que estabelecer uma idade para considerar uma pessoa como idosa, qual seria essa idade?

Para adolescentes e adultos:

- Você mora com pessoas idosas? Quem são?
- Você conhece ou tem proximidade com pessoas idosas? Quem são?

Para idosos:

- Você mora com outras pessoas? Quem são?
- Você convive ou tem proximidade com pessoas de faixas de idade diferentes da sua? Quem são?